

ESTUDOS DO
Léxico

**APORTES TEÓRICOS
PARA PESQUISA
TERMINOLÓGICA E
FRASEOLÓGICA**

**ARLON FRANCISCO CARVALHO MARTINS
VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS**

ESTUDOS DO LÉXICO

ADORTES TEÓRICOS PARA
PESQUISA TERMINOLÓGICA E
FRASEOLÓGICA

ARLON FRANCISCO CARVALHO MARTINS
VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS

ESTUDOS DO LÉXICO

ADORTES TEÓRICOS PARA
PESQUISA TERMINOLÓGICA E
FRASEOLÓGICA

 Pedro & João
editores

2019

Copyright © Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Arlon Francisco Carvalho Martins; Vicente de Paula da Silva Martins

Estudos do léxico: aportes teóricos para pesquisa terminológica e fraseológica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 214p.

ISBN: 978-85-7993-825-2

1. Estudos do léxico. 2. Pesquisa terminológica. 3. Pesquisa fraseológica. 4. Autores. I. Título.

CDD – 410

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil)



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2019

SUMÁRIO

TERMINOLOGIA E FRASEOLOGIA: OS CAMPOS SE ENTRECruzAM	7
PARTE I – TERMINOLOGIA	19
Terminologia. Afinal, o que é?	19
A teoria Geral da Terminologia (TGT)	29
A Socioterminologia	42
A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)	49
Princípios da TCT	54
Fundamentos da TCT	55
Objeto da Terminologia	57
Metodologia da TCT	58
A natureza da linguagem de especialidade	61
Terminologia: cooperação e fronteiras	64
Terminologia e Lexicologia ...	65
Terminologia e Lexicografia	68
Terminologia e Terminografia	71
Terminologia e Informática ...	76
Os objetos de estudo da Terminologia	80
O termo	80
Termo e palavra	84
A definição terminológica	87
O texto especializado	93
Configurações e estruturas terminológicas	98
Sinonímia e variação	101
Estudos de Terminologia no Brasil	110

PARTE II - FRASEOLOGIA	121
Fraseologia. Afinal, o que é?	121
Bases teóricas para o estudo das unidades fraseológicas	124
Conceitos fraseológicos	126
O conceito de Fraseologia	132
O conceito de unidade fraseológica	133
O conceito de expressão idiomática	135
O conceito de locução	138
As propriedades fraseológicas	144
A Polilexicalidade	144
A Frequência	148
A Fixação	152
Os culturemas	163
Os culturemas como unidades linguísticas	171
Emprego de expressões idiomáticas em jornais de grande circulação uso	179
Um caso difícil de delimitação de pé de moleque: composto, locução ou sinapsia?	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
REFERÊNCIAS	199
Sobre os autores	209

TERMINOLOGIA E FRASEOLOGIA: OS DOIS CAMPOS SE ENTRECruzAM

Este livro toma a Terminologia e a Fraseologia como duas ciências do léxico, no âmbito dos estudos linguísticos, no mesmo patamar da Lexicografia e a Lexicologia, nas suas diversas abordagens. O livro foca os “objetos” da Terminologia: o termo, a fraseologia e a definição. Assim pensando, esforçamo-nos em oferecer aos leitores as principais teorias dos estudos em Terminologia e Fraseologia de modo a refletir sobre as possibilidades de pesquisas em Terminologia e Fraseologia e também promover reflexões teórico-metodológicas acerca da descrição terminológica e fraseológica. Para atingirmos estes objetivos, o livro foi dividido em duas partes: a primeira parte dedicada à Terminologia e a segunda parte, dedicada à Fraseologia.

Na primeira parte do livro, começamos pela definição de Terminologia, situando nos âmbitos da teoria Geral da Terminologia (TGT), Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), assinalando Princípios da TCT, Fundamentos da TCT, Objeto da Terminologia e Metodologia da TCT. Em seguida, tratamos da natureza da linguagem de especialidade bem como reservamos uma seção para descrevermos os objetos de estudo da Terminologia, com foco na categoria termo. Encerramos com descrição dos principais estudos de Terminologia no Brasil.

No âmbito da Terminologia, mostramos que são muitas as razões por que devemos descrever uma linguagem de especialidade. Dentre elas encontram-se a busca pela compreensão das linguagens técnico-científicas, cada vez mais presentes nos meios de comunicação e, sobretudo, em nossa sociedade; a facilidade de acesso à informação por todos aqueles que se interessam pelas linguagens de especialidade. Assim, o trabalho terminológico desempenha uma dupla função: a de fixar o

conhecimento técnico-científico e a de partilhar esse conhecimento no âmbito da comunicação humana.

O surgimento da terminologia foi motivado pela tecnologia e pela ciência ainda no século XVIII. Ao mesmo tempo, nesse contexto de múltiplos desenvolvimentos, surgiram várias dificuldades que foram sendo superadas com o auxílio da Terminologia, como, por exemplo, a comunicação científica no âmbito internacional e a denominação de técnicas e tecnologias emergentes.

Porém, apenas no século XX a Terminologia teve uma orientação científica que lhe conferiu reconhecimento como atividade socialmente importante (REY, 1995 *apud* CABRÉ, 1998, p. 1).

A Terminologia¹, como área do conhecimento, adquiriu caráter científico com seus princípios teóricos e bases metodológicas a partir da década de 1930, e, mais recentemente, obteve reconhecimento social e político em escala internacional.

O século XX testemunhou novas mudanças no cenário econômico, político, e social que afetaram drasticamente a ciência e o conhecimento prático. É incontestável que qualquer atividade humana, em qualquer domínio do saber, demanda um grande número de conceitos que exigem um conjunto de nomes para

¹ A esse intento, são importantes algumas considerações sobre o conceito de terminologia. É aceito entre os teóricos em Terminologia (BARROS, 2004; CABRÉ, 2003; PAVEL; NOLET, 2001; REY, 1995; SAGER, 1990) que o termo “terminologia” possui pelo menos três diferentes conceitos. Pode ser entendido como: uma disciplina linguística (princípios e bases conceituais que governam o estudo dos termos); uma prática (práticas e métodos para descrição de línguas de especialidade representadas por meios impressos ou eletrônicos) e um produto resultante dessa prática (conjunto de termos pertencentes a uma ciência, uma arte, um grupo social, uma atividade humana, etc. Neste sentido, fala-se em terminologia da medicina, do direito, da economia, da engenharia, etc.). Esses conceitos se referem respectivamente à área como um todo, à sua metodologia e ao conjunto de termos de um campo específico. Devido à polissemia do termo “terminologia”, é comum entre os estudiosos da área, dentre eles Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004), grafar com (t) minúsculo o termo ‘terminologia’ quando este se refere ao conjunto de práticas ou ao conjunto de termos de um domínio; e com (T) maiúsculo quando se refere ao campo teórico ou disciplina. Seguindo essa tendência, também adotamos tal posicionamento à nossa proposta.

representá-los e manipulá-los. Conseqüentemente, houve uma necessidade urgente e concreta a qual a Terminologia teve que responder, frente a questões terminológicas essenciais como a organização, armazenamento e divulgação do conhecimento veiculado pelas terminologias.

É patente que um grau avançado de civilização favorece o surgimento de terminologias, que podem ter um caráter técnico científico ou cultural. Toda e qualquer atividade humana que possua um conhecimento especializado (técnico, científico ou cultural) produz sua terminologia.

Atualmente, desenvolver uma pesquisa terminológica implica escolher uma ou mais abordagens teóricas e metodológicas entre os vários modelos existentes. Isto é, não se pode iniciar um trabalho terminológico sem determinar o ponto de partida teórico e metodológico.

Assim, há teorias alternativas ao paradigma esboçado pela Teoria Geral da Terminologia (TGT): a Socioterminologia e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), construtos defendidos por Cabré (2005a, 2005b, 2003, 2000, 1998, 1995) e seus colaboradores, Gaudin (1993) e Faulstich (2006, 2001, 1996, 1995a, 1995b). Além disso, é possível buscar subsídios teóricos e práticos em outras áreas da ciência do léxico, como a Lexicografia, a Lexicologia, Terminografia, assim como na Fraseologia.

Cabré (1998) define a Terminologia como o estudo do conceito e dos sistemas conceituais que descrevem cada matéria especializada. Assim, o objeto da Terminologia é o termo², ou seja, a palavra especializada que denomina os conceitos inerentes às diversas matérias especializadas. Trata-se da linguagem da comunicação profissional, especializada. Segundo Andrade (1998), existe uma linguagem geral, comum a todos os falantes, e várias linguagens de especialidade, dentre as quais as linguagens profissionais, técnicas, científicas ou culturais, peculiares a cada atividade humana.

² Para Faulstich (1999) o termo é um item lexical que tem função comunicativa interlinguística ou intralinguística, com valor social e cultural.

Segundo Aubert (1998), o conceito de terminologia recobre pelo menos duas acepções divergentes, que é necessário distinguir. De um lado, pode referir-se ao conjunto de termos característicos de determinadas áreas ou subáreas – a terminologia da economia, da medicina, da contabilidade. De outro lado, pode designar o estudo de tais terminologias, o conjunto de pressupostos, métodos e representações que permitem a descrição das linguagens ditas de especialidade.

O conceito de linguagem de especialidade refere-se não apenas ao léxico das tecnologias ditas de ponta, mas a todo domínio do fazer humano, englobando, portanto, atividades domésticas como o artesanato, culinária, áreas por definição específicas de cada atividade humana.

Nesse âmbito, as pesquisas devem identificar o termo descrevendo seu funcionamento, através da atribuição de definições na linguagem realizada em situação de comunicação especializada e descrever a terminologia como comunicação socioprofissional ou sociocultural, com base no modelo linguístico que se queira adotar. Abordagens mais modernas partem de uma visão comunicativa do texto como objeto de comunicação e transmissão de conhecimento.

A segunda parte do nosso livro é dedicada à Fraseologia. Inicialmente, tratamos, brevemente dos estudos linguísticos aplicados à fraseologia geral. Aqui, mostramos o papel de Saussure nas primeiras noções das combinações fixas, hoje, com uma profusão terminológica que chega a pelo menos 100 termos relacionados à fraseologia.

Condensamos estudos sobre as Teorias Fraseológicas, com especial atenção aos conceitos de fraseologia, unidade fraseológica, expressão idiomática e locução verbal. Em seguida, apresentamos as propriedades fraseológicas que estão diretamente relacionadas à pesquisa, a saber: a polilexicalidade, a frequência, a fixação, a idiomatidade e convencionalidade.

Apresentamos alguns elementos sobre os culturemas como unidades linguísticas, a partir de uma perspectiva lusófona e

ilustramos o capítulo com uma pequena lista de expressões idiomáticas de uso frequente nos jornais de grande circulação no Brasil. Por último, trazemos à baila uma discussão sobre “pé de moleque”: afinal, depois da adaptação dos dicionários gerais publicados no Brasil se adaptarem às bases do novo Acordo Ortográfico, estamos diante de composto, locução ou sinapsia.

Os estudos de fraseologia, nos últimos anos, avançaram muito em termos conceituais e taxionômicos como podemos atestar em muitas pesquisas, livros e artigos científicos que abordam as expressões idiomáticas em diferentes perspectivas e, em geral, reveladoras do comportamento verbal, cognitivo e cultural dos falantes, em particular, os nativos.

O ensino de línguas estrangeiras e a lexicografia, em particular, foram os dois campos de trabalho mais beneficiados com todo o legado de estudos linguísticos com foco nas expressões idiomáticas, o que podemos comprovar, principalmente, com a rica produtividade de dicionários gerais e especializados, dirigidos à sala de aula e ao público geral, enriquecendo significativamente o aumento de verbetes com novas subentradas em que são registradas locuções, nominais e verbais, cristalizadas e marcantes na comunidade linguística.

O ensino de LE também foi beneficiado com as novas propostas pedagógicas inseridas na fraseodidática, novo ramo da Fraseologia voltado ao ensino explícito de expressões idiomáticas. A fraseodidática é uma disciplina, no âmbito da Fraseologia, que se ocupa do ensino e aprendizagem sistemática e com base científica das expressões idiomáticas no ensino de idiomas. Seu objetivo consiste em levar os aprendizes a reconhecerem, memorizarem e empregarem as expressões idiomáticas como unidades polilexicais no seu sentido idiomático, e que seu aprendizado possa ser aplicado, adequadamente, em situação comunicativa (ETTINGER, 2008, p.96).

Além de pesquisas voltadas ao ensino de língua, os fraseólogos têm ampliado seu campo de atuação em pesquisas teóricas e aplicadas. Vemos, atualmente, a Fraseologia, enquanto ramo da Linguística ou subdisciplina da Lexicologia já não se

limitar a um campo de investigação que interessa exclusivamente aos dicionaristas e filólogos.

Há um crescente interesse de muitas correntes linguísticas pelos estudos fraseológicos, ou diversas abordagens da Linguística Teórica (e Aplicada) como o estruturalismo, a estilística e as mais em voga como a semiótica discursiva, linguística cognitiva e análise do discurso, entre outras, voltam-se ao fenômeno do fraseologismo.

Podemos comprovar com a expressiva terminologia de referências às unidades fraseológicas, sejam elas unidades estruturalmente mais simples ou curtas (por exemplo, compostos ou locuções nominais convencionais e cristalizadas) ou mais complexas (por exemplo, as locuções verbais, as parêmiias e os provérbios) enriquecendo significativamente as chamadas unidades significativas da língua maiores do que as palavras.

Enfim, desde as primeiras observações do linguista estruturalista Saussure, no início do século XX, ao analista do discurso Dominique Maingueneau, nos dias atuais, há uma clara atenção dada pelos linguistas à questão dos fraseologismos, especialmente quando atualizados no discurso.

Ganhamos muito com os estudos linguísticos até aqui realizados em benefício da Fraseologia à medida que passamos a ver as unidades fraseológicas num continuum, isoladas nos dicionários à disposição dos consulentes ou imersas no discurso dos falantes, com propriedades estruturais, funcionais e semânticas bem sistematizadas em livros e artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, defendidos por russos, alemães, espanhóis, americanos, franceses e brasileiros, especialistas de várias áreas da Linguística contemporânea, que tomaram as unidades fraseológicas, particularmente parêmiias, os provérbios, as locuções e as expressões idiomáticas como seus objetos de pesquisa.

Houve, realmente, por parte dos pesquisadores em Fraseologia, uma preocupação em descrever todo um panorama idiossincrásico desses países a partir dos fraseologismos gerais, produzidos e compreendidos por seus falantes nativos e, em muitos casos, os

fraseologismos especializados ganharam também um espaço relevante no campo da Lexicografia Especializada. Refiro-me, aqui, mais especificamente, à terminologia, de impacto tão significativo na sociedade do conhecimento e das novas tecnologias.

Somente, nos anos 70 do século passado, os psicolinguistas passaram a se preocupar com o comportamento verbal dos falantes no chamado processamento cognitivo das expressões idiomáticas. Os falantes, participantes das pesquisas, eram, no entanto, prioritariamente, nativos da língua e isso reduzia o alcance da pesquisa em termos de confirmação de hipóteses gerais sobre os processos de compreensão idiomática.

Aliás, essas hipóteses gerais postulavam sobre processamento das expressões idiomáticas, mas praticamente se baseavam nos estudos clássicos de filosofia da linguagem e da semântica acerca da problemática do sentido literal e do sentido idiomático das expressões complexas.

Nas décadas 80 e 90 do século passado e, mais recentemente, os primeiros dez anos do século 21, as hipóteses psicolinguísticas a respeito do processamento fraseológico ganharam ainda mais força para a aplicação de experimentos psicolinguísticos aos falantes de uma língua e fundamentaram-se, mais uma vez, em aportes teóricos da Filosofia da Linguagem e da Lexicologia e, especialmente, nas teses da composicionalidade e da não composicionalidade semântica, de herança fregeana (FREGE, 1971).

Importante, já aqui assinalar que entendemos a hipótese semântica baseada no princípio de composicionalidade de Frege como aquela que permite aos falantes de uma língua a identificação dos padrões sistemáticos de combinação dos sentidos e, daí, são capazes de representar, em consequência, uma generalização sobre a maneira regular e sistemática de construir o sentido das expressões complexas, particularmente as expressões idiomáticas (ESCANDELL VIDAL, 2011, p. 28-29).

Quando a compreensão é objeto de estudo da psicolinguística, os pesquisadores têm basicamente partido, como descreveremos

mais adiante em nosso trabalho, de duas correntes teóricas de processamento cognitivo: as teorias léxicas e as teorias composicionais.

As duas correntes de pesquisas psicolinguísticas, apesar de apresentarem achados interessantes sobre a compreensão das expressões idiomáticas em americanos e europeus, especialmente adultos, não levaram em conta o que ocorre em termos de processamento fraseológico em sujeitos não nativos de uma dada língua. Saber o que se passa na mente de um não nativo de uma língua, durante o processo de compreensão das expressões idiomáticas, é, em termos de pesquisa científica, uma carência informacional que deve ser preenchida com novas pesquisas sob a égide da Psicolinguística.

Contextualizados nessa linha temporal, os estudos linguísticos, que têm como objeto a fraseologia, agora ganham força com a psicolinguística experimental. Assim, convém salientarmos que nosso estudo tenciona contribuir, teoricamente, para os estudos de fraseologia à luz de hipóteses psicolinguísticas já consagradas nos meios acadêmicos, mas com o seguinte diferencial: iremos fazer experimentos psicolinguísticos com não nativos, estudantes universitários de países africanos lusófonos.

A escassez, na Europa e no Brasil de teses que tratam especificamente de aspectos psicolinguísticos na compreensão de expressões idiomáticas é, ao certo, um dado que deve ser considerado no acolhimento de nosso estudo.

Vamos, a seguir, descrever, resumidamente, o que tem sido produzido no exterior e no Brasil, em termos de dissertações e teses cujo objeto de estudo é a fraseologia ou, mais propriamente, as expressões idiomáticas.

Na Europa, especialmente Espanha e Portugal, a produção de teses de doutorado é profícua, mas, segue, na sua maioria, paradigmas estritamente linguísticos, notadamente os relacionados à lexicografia ou à semântica composicional, o que podemos comprovar com os estudos mais antigos, na Espanha, como os de Blasco Mateo (1999) e Forment Fernández (1999) e os

recentes, em Portugal, como a tese de Polónia (2009) e, na Espanha, as teses de Olza Moreno (2009) e de Detry (2010), esta última, inclusive, foca a problemática da compreensão das expressões idiomáticas a partir de uma perspectiva cognitiva.

No Brasil, desde o ano 2000, temos constatado que as pesquisas de Ortiz-Alvarez (2000); Saliba (2000); Lodovici (2007); Costa (2007); Pedro (2007); Assunção (2007); Conrad Sackl (2007); Nogueira (2008); Fulgêncio (2008); Leme (2008); Gomes (2009); Riva (2009); Ximenes (2009); Carvalho (2011); Fernandes (2011), entre outros, têm realizado estudos das expressões idiomáticas sob um enfoque léxico-morfossintático-semântico, em diferentes abordagens, que permite a observação do comportamento das unidades fraseológicas em situações sintáticas, lexicais e semânticas ou, em outros momentos, os pesquisadores dão um tratamento peculiarmente lexicográfico ou tradutório às expressões idiomáticas, como acontece, por exemplo, com a problemática da tradução das expressões do português para uma língua estrangeira (sobretudo o inglês, o espanhol e o francês) e vice-versa. A tese de Ortiz-Alvarez (2000) é um exemplo dessa tendência nos estudos linguísticos.

No Brasil, de modo geral, as pesquisas, no campo dos estudos da linguagem, têm deixado de lado as questões relacionadas à aquisição, compreensão e produção das expressões idiomáticas. As que deram um tratamento cognitivo às expressões idiomáticas são escassas, como a de Lodovici (2007) e a Fulgêncio (2008).

Em se tratando de esforço de situar os estudos fraseológicos no centro das discussões dos atuais estudos linguísticos, citaríamos, entre as universidades brasileiras, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Ceará, como as que têm dado uma contribuição importante para os estudos das expressões idiomáticas (por vezes, consideradas unidades fraseológicas no campo terminológico, como o jurídico, por exemplo) sob o enfoque linguístico, mas, aqui e acolá, em alguns trabalhos, recorrem a aportes como a linguística cognitiva, a lexicografia, o

funcionalismo e a tradutologia para observarem melhor o fenômeno fraseológico nas produções dos dicionários, no ensino de língua de língua estrangeira e na pragmática. .

Mais recentemente, Fernandes (2011) fez uma análise linguística de expressões idiomáticas à luz das teorias da gramaticalização e lexicalização. Entre suas conclusões, a pesquisa aponta que os aprendizes de português como segunda língua precisam de um apoio específico para o estudo das expressões idiomáticas, em sala, uma vez que os materiais disponíveis atualmente no mercado não atendem completamente aos anseios dos docentes e dos alunos com relação ao ensino e à aprendizagem das referidas expressões.

No Ceará, o banco de teses e dissertações do PPGL da UFC nos oferece um pequeno número de pesquisas sobre as expressões idiomáticas, mas são, é verdade, bastante expressivas em termos de interface com outras disciplinas como a História e o Direito, contribuindo para uma maior aproximação entre a Universidade e a sociedade civil organizada.

O primeiro trabalho que iremos destacar, a dissertação de Assunção (2007), volta-se à chamada fraseologia especializada ou terminologia, dando especial atenção às unidades fraseológicas do discurso forense, sob o paradigma da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

Na mesma linha de estudo de fraseologia especializada, a pesquisa de Ximenes (2009) tem como objetivo o estudo filológico e linguístico das unidades fraseológicas (denominadas por ele de UFs) da linguagem especializada do judiciário colonial brasileiro, partindo da análise de um corpus constituído por 133 Autos de Querela escritos, entre 1779 e 1829. Os resultados da análise de Ximenes (2009) mostram as unidades fraseológicas como reflexos da realidade sócio-histórica e cultural do povo nos séculos XVIII e XIX.

Os trabalhos mais próximos de nossa linha de pesquisa são a tese de Gomes (2009) e a dissertação de Carvalho (2011).

A tese de Gomes (2009), de grande interesse para estudos na área de Linguística Cognitiva, trata sobre os mecanismos envolvidos na geração do sentido metafórico/literal das expressões e aponta a natureza do processamento da EI, que pode ser, segundo o pesquisador, de base metafórica ou literal.

Quanto à dissertação de Carvalho (2011), assinala que língua e cultura são fatores diretamente relacionados com a compreensão das expressões idiomáticas, na perspectiva do ensino de língua estrangeira. Com base nesse pressuposto, afirma que o conhecimento das expressões idiomáticas é de fundamental importância para a comunicação, visto que as EI são utilizadas constantemente por falantes nativos de uma língua e não seguem regras sistemáticas. Para a pesquisadora, as EI são de suma importância para o desenvolvimento da competência comunicativa efetiva em língua estrangeira.

Ainda no Ceará, no Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Andrade (2007) apresentou um estudo, com base na teoria da metáfora conceitual, no qual defende um modelo de macro e de microestrutura para um glossário monolíngue em espanhol de unidades fraseológicas usadas para expressar raiva.

A originalidade da pesquisa de Andrade, ao certo, está em, sob essa perspectiva da linguística cognitiva, propor, para seu glossário monolíngue, uma microestrutura constituída pelos elementos lexicográficos (entrada, referência gramatical, referência sintática, definição, contexto e fonte) com base nas imagens metafóricas que licenciam as expressões idiomáticas. A seguir, apresentaremos brevemente os distintos capítulos da pesquisa de Andrade.

Os autores

PARTE I - TERMINOLOGIA

TERMINOLOGIA. AFINAL, O QUE É?

Não é interesse neste texto criar um contraponto entre a Terminologia Geral da Terminologia (TGT) e as demais propostas teóricas terminológicas, mas tão somente traçar um perfil histórico dos estudos terminológicos. Adiante, apresentamos as características dos novos posicionamentos teóricos originados em função das limitações da teoria Wusteriana, teoria fundadora desse novo campo do saber. Assim, buscamos enfocar os aspectos teóricos e práticos mais pertinentes à pesquisa terminológica atual. Procuramos não fazer generalizações teóricas e focalizar as duas principais correntes teóricas da Terminologia Comunicativa. Pontuou-se as questões centrais para a produção de um dicionário terminológico como: as unidades terminológicas, a definição terminológica e os textos de especialidade.

A Terminologia Moderna, assim pode ser chamada, cientificamente articulada e organizada metodológica e teoricamente, surgiu em 1931 com Eugen Wuster, depois que publicou sua tese em Viena, e, ao mesmo tempo, com D.S. Lotte, que publicou em Moscou seu primeiro artigo no mesmo ano (GAUDIN, 1993).

Em sua recente constituição como ciência, a Terminologia se apresenta como uma área teórica e aplicada com diretrizes e atividades regidas por diferentes objetivos e interesses sociais, traçados ao longo de sua trajetória de desenvolvimento.

O reconhecimento formal da existência de termos técnico-científicos¹ específicos próprios de áreas de conhecimento

¹ Termo técnico-científico é ampla e tradicionalmente usado, por isso foi mantido neste texto. Porém, termos como unidade de significação de especialidade

especializado ocorre no século XVII, com o registro de alguns dicionários clássicos da cultura europeia.

Os questionamentos a respeito das propriedades e problemas envolvendo as linguagens de especialidade sugeriram no século XVIII, especialmente com os trabalhos dos enciclopedistas. O levantamento dessas necessidades se deveu ao estabelecimento de nomenclaturas técnico-científicas, cunhadas principalmente a partir de componentes do grego e do latim. Essas nomenclaturas marcam principalmente as ciências taxionômicas, tais como: a Botânica, a Zoologia e a Química.

Com a globalização no século XIX, que impulsionou as comunicações internacionais e a internacionalização das ciências e dos saberes, cientistas passaram a se preocupar com a questão da comunicação científica internacionalmente unívoca e, portanto, mais eficiente. Eles passaram a estabelecer padrões terminológicos, a prescrever regras de formação dos termos específicos para determinadas áreas, de acordo com um padrão sistêmico de cunhagem que os distinguisse das palavras de uso comum.

Um número de desenvolvimentos no início deste século levou a um interesse no uso especial da linguagem. O rápido progresso tecnológico levou a uma explosão de novos conceitos que necessitavam ser nomeados. A internacionalização do comércio criou a necessidade de terminologia equivalente em uma série de línguas. Com a formulação e disseminação de novas ideias, nova terminologia foi sendo inventada. Palavras foram sendo selecionadas a partir do reservatório geral da língua e nomeava significado novo, adicional ou mais preciso [...] (PEARSON, 1998, p. 9, tradução nossa)².

(USE), unidade de especialidade, unidade lexical especializada, unidade terminológica, termo técnico ou simplesmente termo serão usados como sinônimos neste trabalho.

² A number of developments in the early part of this century led to an interest in the special usage of language. Rapid technological progress led to an explosion of new concepts which needed to be named. The internationalization of trade created a need for equivalent terminology in a range of languages. With the formulation and dissemination of new ideas, new terminology was being coined. Words were being selected from the general pool of language and assigned new, additional or more precise meaning [...] (PEARSON, 1998, p. 9).

A primeira tentativa de padronizar a terminologia técnica foi realizada pela *International Electrotechnical Commission* (IEC) em 1906, que tentou produzir o vocabulário eletrotécnico internacional (PEARSON, 1998, p. 9). Este trabalho apareceu mais tarde (1938) e foi pensado para servir de como referência para pessoas que trabalhavam na área de eletrotécnica.

Esse padrão sistêmico, já no século XX, não é mais tão rígido para a composição das terminologias contemporâneas que cada vez mais se consolidam como sistemas linguísticos especializados. Ainda no século XX, a Terminologia se consolida como campo de conhecimento, principalmente para responder aos novos campos terminológicos surgidos com o avanço das ciências e das tecnologias, que cada vez mais desenvolvem processos, equipamentos, máquinas, produtos e conceitos, além dos já existentes.

As especialidades técnicas logo exigiram a nomeação dos campos terminológicos, seja com termos exclusivos, originalmente cunhados, seja com termos existentes revestidos de novos campos conceituais. Não são mais apenas os cientistas que cunham termos científicos, mas os inventores e usuários das novas tecnologias que sentiam e sentem a necessidade de dar nomes às suas invenções, aos processos e aos novos meios de produção.

Durante a primeira metade do século XX, a formulação de princípios de nomeação de conceitos técnicos foi direcionada apenas para países avançados industrialmente. Os grupos responsáveis por este trabalho foram engenheiros e cientistas que, a partir da combinação de palavras gregas e latinas, desenvolveram padrões sistemáticos de terminologia.

Neste contexto, a Terminologia tradicional estudava termos isolados de seus textos e ignorava seus contextos de ocorrência. Entendia que os termos eram rótulos para conceitos, e estes eram entendidos como entidades isoladas do texto. A ênfase estava sobre a definição de conceito, isolando-o para depois atribuir-lhe um rótulo (termo). Por outro lado, as novas abordagens terminológicas

vão dar atenção ao uso, reconhecem e recuperam o termo levando-se em conta a análise de seu contexto.

Durante as duas últimas décadas do século XX, numerosas redes de trabalhos terminológicos surgiram na Europa, América Latina, África e Ásia, multiplicando as publicações da área.

Para Cabré (2004, p. 22), a Terminologia atual “tornou-se extraordinariamente complexa nos últimos anos”, e está fundamentada em alguns elementos importantes, tais como:

- a) na existência de cada vez mais focos de difusão;
- b) no reagrupamento multilateral das diferentes propostas em terminologia;
- c) na priorização cada vez mais poderosa da reflexão teórica;
- d) na crise dos fundamentos essencialistas da teoria considerada ortodoxa;
- e) em sua presença no mundo universitário.

Segundo esta visão, Cabré assume que podem ser estabelecidos dois eixos na Terminologia atual:

- 1) um eixo teórico, desenvolvido no âmbito acadêmico, que concebe a terminologia como disciplina, e que inclui as duas posições na concepção da natureza dos termos: a linguística e a simbólica. Dentro da posição linguística, caberia ainda diferenciar entre o grupo que trata a terminologia dentro da gramática, e o daqueles a que só interessa a terminologia para o tratamento da linguagem natural.
- 2) um eixo prático, desenvolvido sobretudo nos âmbitos administrativo e comercial, dentro do qual caberiam três coletivos:
 - a) O tradutorial [...];
 - b) O normalizador [...];
 - c) O padronizador [...] (CABRÉ, 2004, p. 24).

Junto a essas questões, o interesse por terminologias não ficou mais restritos aos especialistas e cientistas que tinham por necessidade compreender as terminologias de suas áreas de conhecimento. Com a divulgação do saber técnico-científico, estudantes de cursos tecnológicos e universitários tornaram-se os principais interessados pelas terminologias das áreas envolvidas nesses cursos, levados pela necessidade de dominar o vocabulário

técnico de seus campos profissionais e de se apoderar dos respectivos conhecimentos através da linguagem.

Outros profissionais que também se interessam pela terminologia das diversas áreas do conhecimento são os tradutores, intérpretes, documentalistas, redatores técnicos, comunicadores, lexicógrafos e terminólogos, dentre muitos outros profissionais, que veem no domínio dessas terminologias uma ferramenta útil no auxílio de suas profissões.

Segundo Sager (1990, p. 3), a palavra “terminologia” pode se referir a:

- 1) O conjunto de práticas e métodos usados para coleta, descrição e apresentação de termos;
- 2) Uma teoria, isto é, o conjunto de premissas, argumentos e conclusões exigidos para explicar a relação entre conceitos e termos que são fundamentais para a coerente atividade nº 1;
- 3) Um vocabulário de uma área de especialidade.

Analisando as declarações de Sager acima, percebe-se que a palavra terminologia pode ser usada para descrever métodos de coleta, disseminação e padronização de termos. Profissionais interessados em planejar recomendações para a padronização e pessoas que se interessam em coletar, documentar (produzir dicionários e bancos dados terminológicos), devem realizar um trabalho terminológico de acordo com essa primeira acepção. A Terminologia também pode ser descrita como uma teoria, neste sentido, o termo adquire essa acepção de acordo com recomendações teóricas defendidas como um conjunto de termos que descrevem a linguagem de especialidade de uma área em particular. Neste último sentido, nomes, verbos, adjetivos e advérbios podem representar a terminologia, a linguagem de especialidade, quando usados em um contexto carregado de um significado específico.

Cabré (2004), de modo parecido, concebe o termo “terminologia” como polissêmico e o remete a pelo menos três noções: a) disciplina, b) prática e c) produto gerado por essa prática.

“Como disciplina, é a matéria que se ocupa dos termos especializados; como prática, é o conjunto de princípios destinados à compilação de termos e, como produto, é o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade” (CABRÉ, 2004, p. 10).

Em sua concepção como disciplina, a Terminologia se ocupa dos termos especializados. Porém, isso implica impor alguns limites que precisam ser esclarecidos. Há pelo menos três posicionamentos em relação ao estabelecimento da Terminologia como disciplina. Há um posicionamento que a considera como disciplina autônoma e autossuficiente, absolutamente original, com seus próprios fundamentos teórico-metodológicos. Esse posicionamento é defendido pela TGT. Um segundo posicionamento a define como disciplina não autônoma, integrante de outra disciplina, como a linguística, a filosofia, por exemplo, dando a ela um *status* de apêndice de outra disciplina. Há outro posicionamento que a considera como disciplina não autônoma, de caráter interdisciplinar, que se utilizando de elementos de outras disciplinas, construiu seu próprio fundamento científico. Cabré assume o terceiro posicionamento e afirma que se trata de uma interdisciplina:

[...] assumimos que a terminologia é uma interdisciplina, constituída por elementos procedentes da base da linguística, da ontologia e das especialidades, ligada necessariamente à documentação, da que se serve e à que serve, é usuária e, ao mesmo tempo, contribuinte das novas tecnologias da informação (CABRÉ, 2004, p. 14).

Como prática, a Terminologia possui uma concepção de língua diferente da linguística, pois a Terminologia parte de uma linguagem natural e específica. Esse aspecto se reflete fortemente na metodologia, principalmente no que se refere aos dados que compila, método de compilação, tratamento dos dados, organização e apresentação de repertórios.

A ontologia³ e a lógica constroem a perspectiva em que a Terminologia estuda e organiza a denominação das ciências que estudam os objetos. A Linguística fornece o instrumental que torna possível a visualização do termo como um signo no sistema da língua. Enquanto que a informática se encarrega do armazenamento, tratamento e recuperação da informação.

Na primeira acepção, dada por Cabré, a Terminologia é concebida como a disciplina que se ocupa dos termos especializados. É uma disciplina no sentido de que propõe bases teóricas delimitadas e um objeto de estudo definido. Como disciplina, tem, como qualquer outra disciplina, uma vertente teórica e outra vertente aplicada. Em sua vertente aplicada, a Terminologia se distingue da Lexicologia aplicada por sua metodologia, fundamentalmente no que se refere aos elementos seguintes: dados, métodos de recopilação, o tratamento dos dados e sua forma de representação.

A Terminologia se diferencia da Linguística tanto na teoria como na prática. Em efeito, no referente à teoria, a terminologia se distingue da Linguística em aspectos de fundamentos tão cruciais como a concepção da linguagem, a concepção do objeto da disciplina, as perspectivas de estudo do objeto, a priorização de determinados aspectos com exclusão de outros, e ainda nas finalidades prioritária (CABRÉ, 2005a, p. 23).

Sabemos que a Terminologia nasceu em Viena com os trabalhos de Wuster. O pesquisador teve uma motivação prática; propôs-se a superar e eliminar obstáculos da comunicação profissional causados pela ambiguidade da linguagem natural. Ele considerava a terminologia um instrumento de trabalho, cuja função era desambiguar a comunicação científica e técnica. Essa busca por uma linguagem sem ambiguidade tentava propor uma linguagem universal que pudesse permitir uma comunicação sem

³ Conjunto estruturado de termos e conceitos que representa um conhecimento sobre o mundo.

limitações e que pudesse superar as imperfeições (variações) da linguagem comum.

Por seus trabalhos, Wuster é conhecido hoje como o criador da TGT e fundador da Terminologia moderna. A escola vienense, iniciada e dirigida por Wuster, tem sido, de fato, a única proposta que desenvolve um corpus sistemático de princípios cuja coerência com os objetivos estabelecidos, por muito restringidos que seja, permitem falar dela como de uma teoria encaminhada à normalização das unidades de comunicação (CABRÉ, 2005b, p. 109, tradução nossa)⁴.

As críticas partem da concepção terminológica de vários autores como Cabré (1998, 2005), Condamines (1994), Diki-Kidiri (2000b), Gambier (1991), Guadin (1993), Rey (1992), Sager (1990), Slodzian (1995), Temmerman (2000). Tais críticas são fundamentalmente sobre seu caráter interdisciplinar, sobre os aspectos cognitivos, linguísticos e sociais.

As críticas feitas à TGT por Cabré (2005), argumentando a favor de sua nova proposta teórica, centram-se, sobretudo, na falta de capacidade não apenas para explicar globalmente a comunicação especializada e suas unidades terminológicas, mas também na falta de capacidade para descrever as variedades terminológicas em toda sua complexidade representativa e funcional.

A ciência cognitiva tem questionado a concepção do conhecimento especializado defendido pela TGT, principalmente no que diz respeito à uniformidade e à separação de conhecimento geral do conhecimento especializado. A Linguística tem questionado o interesse da TGT unicamente pelos aspectos

⁴ Por sus trabajos, Wuster es conocido hoy como el creador de la TGT y fundador de la Terminología moderna. La escuela vienense, iniciada y dirigida por Wuster, ha sido, de hecho, la única propuesta que desarrolla un corpus sistemático de principios cuya coherencia con los objetivos establecidos, por muy restringidos que sean, permiten hablar de ella como de una teoría encaminada a la normalización de las unidades de comunicación

prescritivos dos termos e pelo tratamento diferenciado dos termos em relação às unidades do léxico geral.

Por parte da Sociologia e Comunicação, questiona-se a concepção idealista dos termos, devido à superficialidade atribuída à comunicação especializada, os termos perderiam parcialmente sua condição de unidade da linguagem natural, negando a variação discursiva.

Por outro lado, existem numerosas observações empíricas relativas às práticas terminológicas em situações reais de comunicação profissional que contrariam o ideal normalizador em relação, principalmente, à realidade variacionista das linguagens e dos discursos técnicos. Isso levou já nos anos 1990, a uma urgente necessidade de repensar a terminologia de modo diferente, que levasse em conta a dimensão social das terminologias. Surgem, assim, novas proposições teóricas ao paradigma da TGT.

Em uma ordem cronológica, podemos elencar essas novas abordagens teóricas da Terminologia:

- a) a Terminologia Textual, com Hoffman (1987), Bouringoult and Slodzian (1990), na Alemanha, baseada na Linguística de *Corpus*⁵, argumenta que várias *aplicações* exigem um melhor entendimento do funcionamento dos termos em texto;
- b) a Socioterminologia (GAMBIER, 1993; GAUDIN, 1993, 2003) foi a primeira a propor uma Terminologia mais social, fundamentada nos parâmetros da Sociolinguística, defende a necessidade de considerar a dimensão social dos termos, pois eles estão sujeitos à variação de acordo com o contexto social em que são usados;

⁵ A Linguística de Corpus se ocupa da coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística (SARDINHA, 2004, p. 3 apud BARROS, 2006, p. 25). Essa disciplina científica também conheceu grande desenvolvimento nas últimas duas décadas e tem contribuído para os estudos de diferentes áreas, destacando-se os da Lexicografia e da Terminologia.

- c) Teresa Cabré (1998) e seu grupo IULA propõem a Teoria Comunicativa da Terminologia como teoria do termo, que leva em conta seu caráter poliédrico. Este caráter permite estudar o termo por diferentes disciplinas. Assim, a autora classifica e propõe três disciplinas principais para estudar os termos: o termo pode ser estudado como um signo linguístico, como uma unidade cognitiva e como um elemento de comunicação;
- d) Rita Temmerman (2000), na Alemanha, propôs a Terminologia Sociocognitiva, em que coloca a compreensão do texto de especialidade no centro das análises e redefine o termo como “unidade de compreensão”, cujo valor comunicativo é contextualmente atualizado, insiste na necessidade de uma definição do conceito, com base na teoria do protótipo, e na inclusão de uma perspectiva social e diacrônica na descrição dos termos;
- e) Marcel Diki-Kidiri (2000b), no Senegal, propõe a Terminologia Cultural, onde afirma que a cultura de uma comunidade humana é o ponto chave da análise Terminológica. “A cultura se nutre de toda a experiência humana em termos de produções, saberes, *know-how* de todos os gêneros” (DIKI-KIDIRE, 2000a, p. 6).

As novas abordagens terminológicas concentram maior ênfase no uso, analisando textos reais como fonte primária de dados. Tiram sua especificidade e particularidade do uso, marcado por uma comunidade de falantes envolvida em uma atividade específica, especializada, e como toda comunidade é organizada e exprime a organização do seu mundo particular através da linguagem.

Segundo Rey, uma revisão da Terminologia exige apoio de estudos mais recentes da Linguística (teoria da enunciação e teoria do discurso, pragmática), Sociolinguística, Semântica (teoria prototípica, semântica do significado versus designação), lógica, ciência cognitiva, teoria da comunicação e informação. Mas, na hipótese do autor, devido a tipos altamente divergentes de Terminologias, é necessário e urgente um processo de unificação

teórica, isto é, embora seja muito válida uma interdisciplinaridade entre Terminologia e as disciplinas acima citadas, é necessária uma teoria terminológica unificadora com bases, segundo Rey (2007), nas teorias unificadoras do nível da semiótica, da lógica ou da epistemologia.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT)

A Terminologia surgiu como disciplina há pouco tempo. Esta disciplina surgiu da prática, da necessidade de técnicos e cientistas de normalizar denominativa e conceitualmente suas disciplinas para garantir a comunicação profissional e a transparência de conhecimento. A TGT foi inspirada neste tipo de necessidade (CABRÉ, 2005a).

Em 1930, na Universidade de Stuttgart, Eugen Wuster defendeu sua tese de doutorado, intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik*, em que esboçava uma abordagem terminológica no sentido de estabelecer princípios para a criação de novas terminologias. Um ano depois, publicou um livro baseado nos estudos desenvolvidos em sua tese, intitulado *Die Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*⁶, obra considerada o marco inicial da Terminologia moderna. Wuster, com esse trabalho, apresentou as bases metodológicas para a sistematização do trabalho em Terminologia, fundou princípios para o trabalho com termos e esboçou os principais pontos de uma metodologia para o processamento de dados terminológicos. Neste trabalho, Wuster mostra uma preocupação de ordem puramente metodológica e normativa. Este livro também suscitou a criação da Associação Internacional de Padronização (ISA)⁷, em 1930 (BARROS, 2004).

⁶ Normalização Internacional na Técnica especialmente na Eletrotécnica.

⁷ A ISA (International Federation of National Standardization Association) foi o órgão que deu origem à ISO (International standardization Organization).

Wuster estava mais preocupado com os métodos de compilação e padronização do que com a apresentação de uma teoria terminológica. As razões que o levaram a se interessar pela terminologia são essencialmente práticas. Ele quis superar as dificuldades da comunicação profissional originadas na imprecisão, diversificação e polissemia da língua natural.

Wuster considera a Terminologia como uma ferramenta útil para desfazer as ambiguidades de maneira eficaz da comunicação científica e técnica (CABRÉ, 2000). Seu interesse pela teoria só viria mais tarde com sua experiência terminográfica, ao compilar e publicar a obra *The Machine Tool: an Interlingual Dictionary of Basics Concepts* (1968), um dicionário sistemático bilíngue Francês-Inglês de termos padronizados, idealizado como modelo para dicionários técnicos futuros, cujo principal enfoque foi em torno de uma teoria dos termos. A partir de então, a TGT fez um percurso geográfico e se difundiu da Europa Oriental, passou para a Escandinávia, para a França e Península Ibérica, chegou ao Canadá, onde foi fortemente aceita e ampliada. Logo chegou ao Brasil, desenvolvida principalmente nos cursos de Pós-graduação em letras nas Universidades Brasileiras. Em 1988, a Terminologia foi incluída no Grupo de Trabalho da ANPOLL⁸ *Terminologia, Lexicologia e Lexicografia*.

Mais de trinta anos separam sua tese de doutoramento (1931), de sua primeira publicação sobre a teoria (1968). Wuster inaugurou uma disciplina, autônoma e multidisciplinar, ao agregar disciplinas como a Linguística, a Tradução, a Lexicografia, a Semântica, a Pragmática Linguística e a Ciência da Informação.

Embora seu marco inicial tenha sido a tese de doutoramento de Wuster (1931) sobre a padronização da linguagem usada na engenharia eletrotécnica, a disciplina se desenvolveu e ampliou sua abrangência apenas depois da Segunda Guerra mundial. Nesse momento, Wuster, preocupado

⁸ Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL.

com a transferência da tecnologia e o intercâmbio de informação no âmbito internacional, começou a divulgar suas ideias (MARCIEL, 2007, p. 372).

De 1972 a 1974, Wuster lecionou no Departamento de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Viena, onde ministrou o curso *Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica* (BARROS, 2004), através do qual lançou as bases de sua teoria.

Depois da morte de Wuster, um de seus discípulos, Helmuth Felber, reuniu anotações de aulas, artigos, conferências, realizadas na universidade de Viena entre 1942 e 1974, e publicou uma obra sob o título “Introdução à Teoria Geral da Terminologia”⁹. Esta publicação de Felber se configurou um pouco mais tarde como a Teoria Geral da Terminologia, a TGT. Cabré (2003) observa que a maioria das críticas direcionadas à teoria tradicional toma esse livro como o mais representativo das ideias de Wuster.

Embora Wuster seja o mais conhecido dos terminólogos da então conhecida Terminologia Clássica, outros grupos e outros nomes compõem esse paradigma terminológico. O próprio Wuster reconhece ter recebido influência de outros seguimentos científicos.

[...] O mesmo Wuster [...] reconheceu na abertura do simpósio da Infoterm de 1975, que haviam contribuído para isso autores e contribuições de outros cientistas europeus, como o alemão A. Schloman, o primeiro em considerar o caráter sistemático dos termos de uma especialidade; o linguista suíço F. de Saussure, o primeiro em ressaltar a sistematicidade das línguas; o russo E. Drezen, pioneiro em destacar a importância da normalização e propulsor da organização ISA (International Standardization Association); e o inglês J. E. Holmstrom, que desde a UNESCO impulsionou a difusão internacional das terminologias e foi o primeiro a reivindicar um organismo que se ocupara delas (CABRÉ, 2005a, p. 73, tradução nossa)¹⁰.

⁹ “Einführung in die allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie”

¹⁰ [...] El mismo Wuster [...] reconoció en la apertura del simposio de Infoterm de 1975, que habían contribuido a ello autores y aportaciones de otros científicos europeos, como el alemán A. Schloman, el primero en considerar el carácter sistemático de los términos de una especialidad; el linguista suizo F. de Saussure,

Wuster é considerado o fundador da terminologia moderna por ter se esforçado a inaugurar um estudo científico da terminologia. Mesmo D. S. Lotte, seu contemporâneo russo, o reconhecia como tal.

D.S. Lotte e Wuster nasceram no mesmo ano, 1898, porém Lotte morreu em 1950, vinte e um anos antes de Wuster falecer. Embora Lotte tenha publicado pouco sobre terminologia, ele foi o primeiro verdadeiro professor de terminologia. Seus poucos escritos foram publicados postumamente na Rússia em 1961. Seus textos foram traduzidos para o francês por Rondeau e Felber em 1981 (GAUDIN, 1993).

Embora o trabalho de Wuster seja mais conhecido, Lotte contribuiu para difundir amplamente as ideias do Vienense. Ambos trabalharam em órgãos oficiais de normalização terminológica.

Existe, todavia, uma diferença na apreensão linguística do fenômeno terminológico. De fato, ali onde Wuster separa estritamente léxico e gramática por se interessar não mais que por termos, o fundador da escola soviética reconhece o primado do contexto e do discurso no seio do qual o termo recebe seu valor (GAUDIN, 1993, p. 27, tradução nossa)¹¹.

Lotte foi um dos precursores da Socioterminologia, pois um de seus primeiros trabalhos, já considerava que os termos apresentavam as mesmas características das palavras comuns

el primero en resaltar la sistematicidad de las lenguas; el ruso E. Drezen, pionero en destacar la importancia de la normalización y propulsor de la organización ISA (International Standardization Association); y o inglés J.E. Holmtrom, que desde la Unesco impulsó la difusión internacional de las terminologías y fue el primero en reclamar un organismo internacional que se ocupara de ellas.

¹¹ Il existe toutefois une différence dans l'apprehension linguistique du phénomène terminologique. Em effet, là où, Wuster sépare strictement lexique et grammaire pour ne s'intéresser qu'aux termes, le fondateur de l'école soviétique reconnaît le primat du contexte et du discours au sein duquel le terme reçoit sa valeur.

quando ocorrem na linguagem comum, mas mesmo assim não perdem suas qualidades de termo.

Para Wuster, a terminologia de uma área expressa o conhecimento científico dessa área, refletindo os fundamentos conceituais. Considera que a Terminologia, por ir além da Linguística, constitui um ramo da Linguística Aplicada que reúne conhecimentos linguísticos de todos os domínios da vida, tornando-os úteis a todos esses domínios da vida¹² (WUSTER, 1974 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 21). Apesar de situar a Terminologia como ramo da Linguística Aplicada, Wuster assinalou a diferença entre Linguística e Terminologia, delimitando seus objetos de estudo: para a Linguística, a língua geral; para a Terminologia, o léxico especializado.

Wuster tinha pelo menos três objetivos gerais:

- Eliminar a ambiguidade da linguagem técnica por meio da padronização da terminologia a fim de torná-la ferramenta eficiente de comunicação;
- Convencer a todos os usuários de linguagem técnica dos benefícios da terminologia padronizada;
- Estabelecer a Terminologia como uma disciplina para todos os propósitos práticos e dar a ela o estatuto de ciência (CABRÉ, 2003, p. 165).

Outro ponto importante da TGT é quanto à noção de árvore de domínio. No esboço de uma estrutura temática, Wuster (2003, p. 273), compara um sistema de objetos com o corpo humano, consistindo em centenas e centenas de partes. A fim de representá-lo mais claramente, primeiramente se decompõe em constituintes maiores, e estas são subdivididas em partes menores passo a passo. Neste sentido, pode-se obter o tipo de árvore chamado de “árvore temática”. Ainda nesta proposição, os conceitos são concebidos como individuais, mas agrupados (interligados) rigidamente dentro de um sistema de conceitos.

¹² A Linguística Aplicada postula uma atuação em todas as atividades humanas em que linguagem verbal está envolvida. Portanto, todas as ciências que envolvem a linguagem humana fariam parte da Linguística Aplicada, dentre elas a própria Linguística e a Terminologia.

A partir dos trabalhos de Wuster, vários países se preocuparam com as questões terminológicas. Essas preocupações motivaram a criação de grupos que se configuraram na formação de diversas “escolas” terminológicas: a Escola de Viena, a Escola de Praga, e a Escola Soviética, chamadas escolas terminológicas clássicas. Wuster é o principal representante da Escola de Viena; a Escola Soviética tem Lotte como seu mais representativo membro.

Lautén e Picht (1993, p. 495 *apud* TEMMERMAN, 2000, p. 18) definem uma “escola científica” de terminologia como (a) tendo princípios teóricos coletivos, (b) tratando de objetivos de pesquisa similares, (c) tendo estratégias de pesquisa fundamentalmente comuns (metodologias).

À parte dessas escolas, outras escolas surgiram em outras partes do mundo, como no Canadá, Nordic Center e UMIST Manchester¹³. Ainda de acordo com os autores, todas as escolas seguiram os seguintes princípios: o conceito, o termo, a relação conceito/termo, o conceito e o sistema de termos, a relação que a Terminologia tem com a padronização e a planificação linguística e o lugar que a Terminologia deixou para si mesma na classificação das ciências.

Embora algumas outras escolas terminológicas clássicas tenham surgido em alguns países, as principais vertentes da Terminologia Tradicional são: 1) a Escola de Viena, influenciada pela lógica, preocupava-se em discutir a natureza dos conceitos, a fim de delimitar normas e padrões de usos internacionais; 2) a Escola de Praga, que aliava os princípios esboçados por Wuster aos aspectos funcionais da linguagem; 3) a Escola Soviética, usando a teoria de Wuster, volta-se para os princípios teóricos e metodológicos, com objetivo de propor um tratamento concreto dos dados.

Evidentemente, para as três escolas tradicionais de terminologia, o conceito é o ponto de partida de análise. Como unidade do pensamento, o conceito é concebido sem a existência

¹³ University of Manchester Institute of Science e Technology.

da linguagem (WUSTER, 2003). Na escola do Canadá, o ponto de partida é o termo.

Segundo Gaudin (1993, p. 24), a Escola Soviética buscou definir uma posição mais realista, que será conduzida amplamente a partir da tese de Wuster. Mas no entendimento de Gaudin (1993, p. 24, tradução nossa)¹⁴ “[...] este período é marcado notadamente pelo fato de que as estratégias neológicas e modos de intervenção ignoram amplamente as condições sociolinguísticas da comunicação científica e técnica”.

As escolas clássicas desenvolveram uma perspectiva normativa sobre os termos e se destacaram por seu pioneirismo ao estabelecerem as bases da Terminologia. Valorizavam a dimensão cognitiva dos termos, postulando a sistematização dos métodos de trabalho terminológico, cujo objetivo era a padronização das unidades terminológicas para uma comunicação profissional eficiente. O princípio fundador dessas orientações metodológicas consiste na concepção dos termos como denominações de conceitos, e os elementos essenciais da comunicação profissional são os conceitos¹⁵ e os signos linguísticos associados a estes conceitos. A Terminologia tradicional¹⁶ está empenhada principalmente em fixar a relação entre termos e conceitos a fim de facilitar a comunicação entre profissionais.

As características fundamentais que definem a TGT, segundo Cabré (2005), são os seguintes:

¹⁴ [...] Cette période est marquée notamment par le fait que les stratégies néologique et modes d'intervention ignoraient largement les conditions sociolinguistiques de la communication scientifique et technique.

¹⁵ A escola de Terminologia inaugurada a partir dos escritos de Wuster, e geralmente dependendo da tradição linguística alemã, adotou a definição àquela época aceita de “conceito” - Um constructo mental para a classificação de objetos individuais do mundo interior e exterior por meio de um nível de abstração mais ou menos estável (ISO, recomendações, R704: 1986 apud REY, 1995, p. 33).

¹⁶ Terminologia Tradicional, Terminologia Clássica são usados como sinônimos para se referir à Terminologia desenvolvida por Wuster e seus colaboradores.

- a) A Terminologia se concebe como a matéria autônoma, e se define como um campo de interseção constituído pelas “ciências das coisas” e por outras disciplinas como a linguística, a lógica, a antologia e a informática;
- b) O objeto de estudo desta teoria são os termos técnico-científicos;
- c) Os termos se definem como unidades semânticas compostas de conceitos e denominações cuja identidade só se justifica dentro de um campo de especialidade;
- d) Os termos se analisam a partir do conceito que representam e, por isso, assume-se que o conceito precede a denominação;
- e) Os conceitos de um mesmo âmbito especializado mantêm entre si relações de diferentes tipos. O conjunto de relações entre os conceitos constituem a estrutura conceitual de uma área;
- f) O valor de um termo se estabelece pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma área;
- g) O objeto de estudo das teorias é a normalização conceitual e denominativa;
- h) A finalidade aplicada da normalização terminológica é garantir a precisão e a univocidade da comunicação.

Segundo Cabré (2005a), a teoria de Wuster se revelou muito reducionista no sentido de que limitava o objeto às unidades terminológicas, dos âmbitos científicos e técnicos; reduzia a atividade terminológica à recompilação de conceitos e termos para a padronização; circunscrevia os âmbitos especializados à ciência e às técnicas e limitava seus objetivos à univocidade da comunicação profissional no plano internacional.

Sem dúvida, a Escola de Viena, entre as várias escolas da Terminologia Clássica, é a que apresentou a melhor proposta teórica e por isso é a mais conhecida. É a única que desenvolveu um *corpus* sistemático de princípios metodológicos e teóricos. De um modo específico, Cabré pontua os principais aspectos que a TGT não descreve:

- a) A multiplicidade de abordagens das unidades terminológicas (denominativa, cognitiva e funcional);
- b) A poliedricidade de todas e cada uma destas unidades;
- c) Sua dupla função na realidade do discurso especializado (representativa e comunicativa);

- d) A distinção entre seu valor descritivo e seu valor prescritivo, discriminadas pelas situações de comunicação;
- e) A variação conceitual inerente a toda unidade de conhecimento, individualmente ligada a uma cultura específica (geral e específica) que determine uma visão do mundo;
- f) A dependência linguística das unidades terminológicas, realizadas nas línguas particulares;
- g) A variação denominativa inerente ao discurso e a comunicação, tanto geral como especializada, em função das características pragmáticas do discurso (CABRÉ, 2005b, p. 96).

As propostas do TGT eram suficientes e satisfatórias para os trabalhos de base onomasiológica destinados à normalização de conceitos e termos para a comunicação profissional, uma vez que eram coerentes com a metodologia e os objetivos do trabalho padronizado.

Outra característica defendida por Wuster é que os terminólogos se interessam pelo vocabulário, e não pela morfologia ou sintaxe. Isso porque os termos são diferentes de palavras não apenas no conteúdo que carregam, mas também em sua natureza e uso. De acordo com Wuster, um termo corresponde apenas a um conceito dentro de uma área de especialidade. Com essa peculiaridade, termos são protegidos, agrupados à parte da linguagem em uso.

Wuster (1947 *apud* ANTIA, 2000) escreveu que trabalhos sobre terminologia tomam o conceito como seu ponto de partida. Picht & Draskau (1985, p. 36 *apud* ANTIA, 2000, p. 84) observam que “na teoria da terminologia existe uma concordância amplamente difundida de que o conceito ocupa uma posição central”. Wuster considerava o conceito independente de seu símbolo (representação). “Em terminologia, o reino do conceito é visto como independente do reino da designação” (WUSTER, 1974, p. 67 *apud* ANTIA, 2000, p. 84).

Embora Wuster caracterize os termos como conjunto de vocábulos com peculiaridades especiais quando colocados em uso, o autor não estava preocupado em examinar os termos em uso, em

situação real de fala, estava interessado apenas em estabelecer suas representações.

Terminólogos tradicionais estavam e ainda estão interessados pela imposição de nomes para o uso de linguagens especiais, em fixar e padronizar termos e conceitos a fim de evitar mal-entendidos na comunicação, ou seja, os terminólogos estavam preocupados em criar vocabulários padronizados e acreditavam que através disso poderiam melhorar a comunicação técnica.

Para melhor compreender a TGT, a noção de uso padronizado ou fixado é central para a teoria de Wuster, uma vez que, domínios especiais compreendem uma série de conceitos que são representados por termos, e a relação entre termo e conceito deveria seguir um critério de padronização.

São estes princípios, o cognitivo e o normativo, que presidem os estudos de Wuster. Embora as outras escolas clássicas apareçam com contribuições para a consolidação da Terminologia como disciplina, é à TGT que se atribui o marco teórico dos estudos terminológicos. Krieger e Finatto (2004, p. 32) asseguram que:

A teoria wusteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação. Ao desenvolver importantes reflexões sobre a Terminologia como disciplina, bem como sobre as unidades terminológicas em muitas de suas feições, Wuster recorre a elementos da Linguística, ciência que integra a interdisciplinaridade com que concebeu a Terminologia.

Wuster argumenta que a base de uma comunicação eficiente é a noção de univocidade¹⁷ e monovalência do termo, segundo a qual um termo unívoco e monovalente é aquele que, em um contexto de discurso¹⁸ determinado, tem apenas um 'significado atual', embora

¹⁷ Univocidade significa que para cada conceito só pode existir um único termo que o representa.

¹⁸ Por 'contexto de discurso' entende-se ou o contexto da frase ou a situação de discurso determinada pelas circunstâncias (WUSTER, 1998 apud KRIEGER, FINATTO, 2004, p. 132).

possa ser polissêmico. Essa noção foi construída sobre a ilusão de terminologias puras, relativamente independentes de linguagens e situações históricas, em que se propôs um mundo onde as unidades lexicais têm uma função reducionista de apenas rotular as configurações conceituais fornecidas e garantidas pela ciência e suas aplicações.

Segundo Temmerman (2000), a Terminologia Tradicional ao investigar modos de tornar a terminologia mais eficiente e inambígua possível, conduziu a Terminologia a um conjunto de princípios dogmáticos para a descrição terminológica da linguagem de engenharia, planificação e padronização.

A crítica mais significativa que se faz à Escola de Viena é quanto ao seu posicionamento metodológico de fundamento prescritivo, pois suas bases teóricas equivalem mais a princípios de uma disciplina voltada para o controle e padronização das terminologias em escala internacional. Os termos não são vistos como elementos naturais de línguas naturais, mas apenas como unidades de conhecimentos que comportam denominações e que configuram um subsistema linguístico situado à parte do sistema linguístico da língua natural. Para fugir então das ambiguidades do léxico comum, os termos são vistos como etiquetas ou rótulos exclusivos para denominarem conceitos científicos. A Terminologia wusteriana é declaradamente uma teoria terminológica não-variacionista.

Um dos aspectos idealizados pela TGT se fundamenta na suposição de que o conhecimento científico e técnico pré-existe a qualquer denominação, e é independente das línguas e das culturas. Ademais, a TGT concebe o conhecimento técnico/científico como universalmente uniforme.

A TGT resulta insuficiente porque não dá conta da dimensão social dos termos, já que os concebe unicamente como elementos denominativos (dimensão representacional) e limita seu posicionamento à comunicação entre especialistas e profissionais (dimensão comunicativa). A partir de uma perspectiva social, os termos são unidades que pelo fato de formar parte das línguas participam da multidimensionalidade da linguagem. Em

consequência, além de valor denominativo, as unidades terminológicas cumprem muitas outras funções linguísticas e também culturais, sociais, econômicas e políticas (CABRÉ, 2005, p. 147, tradução nossa)¹⁹.

Embora a TGT seja alvo de críticas, ainda é considerada o pilar dos estudos terminológicos e possui reconhecimento internacional que lhe confere o estatuto de ciência independente, com objeto e identidade próprios no universo das ciências do léxico.

Sager (1990) foi um dos pioneiros em acrescentar à dimensão comunicativa a dimensão cognitiva e a dimensão linguística, que resultou uma nova postura diante do objeto de análise da Terminologia, o termo, agora estudado em textos, e não mais visto como rótulo para conceito (TEMMERMAN, 2000, p. 23). O autor reconhece que os termos podem ocorrer em contexto linguístico e que eles possuem variantes condicionadas contextualmente, contrariando a visão de univocidade conceito/termo.

Outro aspecto relevante, reconhecido por Sager, é o reconhecimento e a distinção entre formação de termo espontâneo e a formação de termo deliberadamente designado, que ele chama de “formação de termo secundário”.

Essas e outras posturas de Sager abre espaço para uma “nova ordem” teórica terminológica, cuja tendência é analisar a terminologia em seu aspecto comunicativo, contextualizado linguisticamente. Esse novo modo de fazer Terminologia, adota uma abordagem baseada em *corpus* para a coleta de dados lexicais, onde os termos são vistos como itens lexicais pertencentes a linguagens virtuais. Essa postura abre uma nova era nas ciências

¹⁹ La TGT resulta insuficiente porque no da cuenta de la dimensión social de los términos, ya que los concibe únicamente como elementos denominativos (dimensión representacional) y limita su ubicación a la comunicación entre especialista y profesionales (dimensión comunicativa). Desde una perspectiva social, los términos son unidades que por el hecho de formar parte de las lenguas participan de la multidimensionalidad del lenguaje. Y, en consecuencia, además de su valor denominativo, las unidades terminológicas, cumplen muchas otras funciones lingüísticas, u también culturales, sociales, económicas y políticas.

terminológicas, cujos métodos e abordagens se fazem presentes na Terminologia atual.

Diante das críticas ao modelo teórico de Wuster, os seguidores da TGT se defendem apresentando algumas modificações às ideias de seu fundador, cujos pontos são:

- Sinonímia controlada é admitida. O trabalho póstumo de Wuster já concede este ponto;
- Certo grau de sinonímia é aceito embora sua não utilização seja recomendada em terminologia voltada para a padronização;
- A fraseologia é acrescentada aos estudos das unidades terminológicas;
- O significado das formas faladas é reconhecido em contexto da planificação linguística;
- O modelo torna-se dinâmico pela introdução da descrição do processo de formação de novos termos;
- A representação de estruturas conceituais não hierarquicamente ordenadas é introduzida (CABRÉ, 2003, p. 167).

Mas, por outro lado, os seguidores de Wuster mantiveram:

- A prioridade do conceito sobre a designação, e conseqüentemente sua autonomia;
- A precisão do conceito (monossemia), mesmo se dimensões tais como os parâmetros de classificação sejam admitidas;
- A concepção semiótica de designação (CABRÉ, 2003, p. 167-8).

Ainda hoje os princípios da TGT continuam sendo utilizados por grupos de pesquisadores e até mesmo por projetos de grande porte, como é o caso de projetos de planificação linguística²⁰ em países como o Canadá.

Como contestação aos pressupostos e princípios da TGT, ora considerados insuficientes para responderem por aspectos que

²⁰ Por planificação linguística entende-se um planejamento linguístico oficial a partir de políticas de implantação linguística que visam à preservação e ao desenvolvimento de idiomas. Ocorre a partir de um esforço conjunto para o estabelecimento de uma política nacional, regulamentada pelas disposições jurídicas que acabam por se constituir em um conjunto de regras legisladas (FAULSTICH, 1996).

envolvem as terminologias, surgiam novos enfoques terminológicos. Dois pontos amplamente contestados foram a apreensão da comunicação *in vitro*, ou seja, a comunicação tomada de modo isolado ou idealizado; e a não consideração dos falantes entre os elementos de análise, visto que a terminologia “clássica” é de orientação prescritiva.

As críticas à Terminologia tradicional vêm de três áreas: ciência cognitiva, ciência da linguagem e ciência da comunicação.

A Linguística e Sociolinguística questionam a rígida divisão entre linguagem especializada e linguagem geral e, conseqüentemente, examinando as bases sociais da linguagem de especialidade, apresentam hipóteses gerais que integram as duas linguagens em uma só, em que a semântica e a pragmática desempenham um importante papel.

A Socioterminologia

Na França, em resposta à orientação normalizadora, surgiu uma corrente terminológica fundamentada nos princípios e metodologias do funcionalismo sociológico de profunda influência Sociolinguística (GAUDIN, 1993), e inspirada na Etnografia (FAULSTICH, 1995b). Essa corrente conduziu a primeira crítica à teoria clássica, como veremos a seguir.

De acordo com Gaudin (1993), a normalização não é normal em matéria de linguagem, uma vez que os *corpora* linguísticos não são fechados, e as pessoas vivem num mundo vivo, onde se deve levar em conta a dinâmica das comunicações científicas e técnicas.

Gaudin define a Terminologia como um ramo da lexicologia, que não se limita as aplicações relativas à tradução, à documentação e à normalização. Essa disciplina tem por objetivo o estudo dos termos, vocabulários inseridos nas práticas institucionais ou no “interior dos conhecimentos”.

A terminologia unívoca de Wuster não mais interessava ao pesquisador francês, uma vez que a língua que agora serve de análise é uma língua dinâmica, usada nos inter-relacionamentos,

que marcam as identidades culturais, bem marcadas pelas atividades cotidianas. Gaudin critica os princípios da teoria wusteriana que primam pela univocidade, pois tais princípios desconhecem e ignoram o fato de as línguas serem suscetíveis de deteriorar-se, de transformar-se, tornando-se ineficaz qualquer tentativa de padronização.

Assim, terminologias são tratadas como qualquer unidade das línguas naturais e o funcionamento, os usos pragmáticos e os usuários fazem parte do conjunto de aspectos a serem analisados. De outro modo, a universalização dos conceitos e termos torna-se inoperante se o terminólogo não perceber os fenômenos sociolinguísticos e socioculturais presentes na linguagem de especialidade.

Gaudin buscou restituir toda uma dimensão social às práticas languageiras²¹ (GAUDIN, 1993 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004). Com isso, ele postulou o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas e o exame do contexto de ocorrência dos léxicos especializados, propondo o fim da inoperância e artificialismo do ideal normalizador. Com este ponto de vista, a variação é concebida como o eixo central do desenvolvimento da Socioterminologia.

Gaudin acredita que a variação constitui um eixo melhor de reflexão para Socioterminologia, pois é necessário abordar a terminologia à luz da problemática da interação, da negociação e da produção do sentido. A Socioterminologia foi idealizada por ele nas bases da Sociolinguística.

²¹ Por prática languageira ou atividade languageira, entendam-se as práticas sociais de linguagem. O termo tem origem e amplo uso na Linguística Aplicada de vertente francesa. Para Bronckart et. al. (1992, p. 11) “A atividade languageira se desenrola nas zonas de cooperação social determinadas [...] e toma a forma de ações languageira [...]”. Ao lado do termo prática languageira, Develay (1992) cunhou o termo “*Pratique sociale de référence*” que se refere às práticas sociais diversas, em que o envolvimento da linguagem se torna inevitável (atividade de pesquisa, de produção, de engenharia, e também atividades domésticas e culturais).

Como prática de trabalho científico, a Socioterminologia se fundamenta na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem; como disciplina descritiva, estuda o termo na interação social. A Socioterminologia inaugurou uma atitude descritiva voltada a uma abordagem mais linguística e supõe que os termos sejam estudados, descritos em sua dimensão interativa e discursiva (AITO, 2000). Segundo Faulstich (2006), a Socioterminologia nasce como uma nova corrente, depois que Boulanger, em 1991, declara sua importância em atenuar os efeitos prescritivos das proposições normativas. Gaudin é um dos autores que atribui a Jean-Claude Boulanger (1981 e 1982) o pioneirismo pelo uso do termo Socioterminologia, em uma resenha de uma obra de Jean-Claude Corbeil. Mas é a partir de 1986, a partir dos escritos de Yves Gambier que o termo amadureceu depois que o autor sugeriu que “a terminologia deveria se transformar com urgência em uma Socioterminologia” (GAUDIN, 1993, p. 67). Do mesmo modo, Auger, em 1993, notificou que a nova corrente, chamada de Socioterminologia, fundamentava-se no cruzamento da sociologia da linguagem com a harmonização linguística. Mas é Gaudin, com a publicação de sua tese de doutoramento “*Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*”, em 1993, que discute com maior pertinência a terminologia voltada para os aspectos sociais da linguagem.

A tese de François Gaudin foi a primeira na França dedicada à Terminologia; representou uma crítica às abordagens dominantes, uma crítica à tradição francesa e porque não mundial, em matéria de Terminologia oficial. Pois significou uma proposição de uma abordagem mais pragmática.

Gaudin teve uma forte influência da Escola Terminológica Francesa, assim pode-se referir a ela, cujos principais representantes foram Louis Guilbert, Alain Rey, Bruno de Bessé e Rey-Debove. Todos eles marcados por uma forte tradição da Lexicologia e Lexicografia francesas. Esses pesquisadores desenvolveram uma terminologia original, cuja influência maior reside numa visão muito clara de um *continuum* entre léxico e uso.

Esta visão é uma das características mais marcantes da Escola Terminológica Francesa, que tem como ponto de referência para a análise do léxico especializado o discurso, onde ocorrem os termos. O objeto de interesse então da Terminologia francesa era os usos particulares de cada língua selecionada, tratando dos discursos científicos, técnicos e institucionais com suas regras particulares.

Foi este cenário linguístico que propiciou à Gaudin desenvolver sua teoria, pois, no entendimento da Terminologia francesa, a Terminologia não podia ser dissociada de seu contexto social, econômico e comercial. Isso já marcava um contraponto à Terminologia wusteriana.

Essa visão mais ampla e abrangente da Terminologia francesa conduz Gaudin a se inclinar sobre a validade dos conceitos, resultantes da linguística social, onde se observa o comportamento linguístico de acordo com as camadas sociais. Essa reflexão terminológica levou em conta os conceitos e as ferramentas teóricas e metodológicas da Sociolinguística, e vai caracterizar o percurso da Socioterminologia aprofundado por Gaudin.

Foi assim que Gaudin decidiu observar a relação entre a terminologia como disciplina e as práticas languageiras nas situações onde funcionam discursos científicos e técnicos, e constatou que uma evolução incessante e acelerada das ciências e técnicas induzem a um crescimento necessário de denominações, de transferência de saberes, de negociação entre disciplinas, e de harmonia entre ciência, técnica e produção.

A Socioterminologia tem a tarefa de sistematizar as variações terminológicas, de acordo com sua natureza linguística. Deste modo, o modelo sociolinguístico funciona como um guia para o exame da funcionalidade Sociolinguística das linguagens de especialidade (FAULSTICH, 1996). Mas Socioterminologia e Sociolinguística não se confundem: a primeira verifica a variação social do termo no discurso científico e técnico; a segunda trata da variação social na língua geral na perspectiva da mudança linguística.

De acordo com Gaudin (1993), as ligações entre as duas disciplinas existem desde o início dos anos 1970, depois que Luis

Guilbert afirmou que a significação do termo depende da retórica, da gramática e da Sociolinguística, e isso propõe uma redefinição teórica da disciplina. De certa forma, o desenvolvimento da Sociolinguística orientou indiscutivelmente as pesquisas em Terminologia. Gaudin (1993) assume que essa proposta também veio do Quebec. De um modo geral, a Socioterminologia procede da mesma vontade de levar em conta as realidades sociais, cujo objetivo era compreender a circulação dos termos e sua resistência diante das terminologias oficiais.

De acordo com Krieger e Finatto (2004), foi a partir de 1980 que a Terminologia começou a se aproximar dos estudos da linguagem por iniciativa de linguistas, visto que o que impedia a Terminologia Tradicional de se aproximar da Linguística foi sua concepção de termos normalizados descontextualizados e a maior preocupação com os conceitos.

Neste sentido, à medida que a Terminologia foi se aproximando da Linguística houve uma mudança do enfoque prescritivo para o descritivo. As terminologias passaram a ser estudadas em seus ambientes “naturais”, nos textos em que elas eram usadas para comunicar, ou seja, as práticas textuais técnico-científicas passaram a ser também objeto de análise.

Após a aproximação com a Linguística, os laços entre esta disciplina e a Terminologia se estreitaram ainda mais, culminando em outra fase que podemos considerar como *socioterminológica*. A partir de então, já nos anos de 1990, com essa nova perspectiva terminológica, passou-se a incluir, além dos elementos já consagrados, como o termo, a definição e o texto, especificidades do âmbito do uso, como a variação, polissemia, diacronia, sinonímia, dentre outros fatores.

Essa aproximação da Linguística com a Terminologia se estreitou fortemente com a Socioterminologia e a Teoria do Discurso (REY, 2007) (foi dessa aproximação que surgiram os conceitos de “língua especial” e “língua para propósitos específicos” – LSP). Esse duplo viés terminológico cria problemas em relação à unificação de uma definição terminológica. Neste

sentido, o estado atual da Terminologia apresenta bases teóricas variadas e por vezes conflitantes.

Alain Rey propõe dois tipos de revisão para a Terminologia:

- a) uma revisão que integra as realizações do passado, concedendo um lugar apropriado aos diferentes modelos propostos [...] e visando chegar a uma “teoria dos termos” verdadeira e única (SAGER), amplamente dependente da teoria da definição ou da teoria do conceito normalizado.
- b) uma revisão, que poderia ser chamada de “pluralista”, que conclui ao reconhecer um grande número de práticas amplamente diferentes, cuja unificação só pode ser produzida posteriormente, após uma teorização de múltiplas atividades compreendida pela expressão “tecnologia” em relação ao conceito de “discurso especialista”, produzindo a ideia de “conhecimento especializado” (REY, 2007, p. 327-328).

Faulstich é uma das principais representantes da Socioterminologia no Brasil e defende a premissa de que a pesquisa terminológica tem como auxiliar:

- a) os princípios da Sociolinguística, tais como os critérios de variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança;
- b) os princípios da Etnografia: a comunicação entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

De acordo com a autora:

A base dessa nova interpretação (Socioterminologia e Etnografia) encontra respaldo na Etnografia, cuja linha de conduta deriva um postulado fundamental, que é a existência de uma ordem: o engajamento entre as pessoas, a interação de uns com os outros. Assim, as atitudes interacionais precisam ser observadas e analisadas nos mais diferentes espaços e em diferentes níveis (FAULSTICH, 1995b).

A pesquisa socioterminológica requer, então, procedimentos precisos, oriundos da Etnografia, harmonizados com o meio e com os fenômenos que a definem. Para isso, precisam ser observadas:

- a. As características da empresa, das instituições em que a terminologia é gerada: tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência de interação; no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem, etc.;
- b. As características do pessoal: postos que ocupam; formação profissional; especialização; qualificação; idade; condições e frequência de atualização das tecnologias, etc.;
- c. A competência e os usos linguísticos: comunicação mais falada, escrita, lida, domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência; interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologia por meio de obras específicas;
- d. Registro da variação linguística nas terminologias (FAULSTICH, 1995b).

Em resumo, entre as diferentes diretrizes metodológicas postuladas pela Socioterminologia para a execução de um trabalho terminológico estão:

- A identificação do usuário da terminologia a ser descrita;
- A adoção de uma atitude descritiva;
- A consulta a especialistas da área pesquisada;
- A delimitação do corpus;
- A seleção de uma documentação bibliográfica pertinente;
- A precisão das condições de produção e de recepção do texto científico e técnico;
- Concessão, na análise do funcionamento dos termos, de um estatuto principal à sintaxe e à semântica;
- O registro dos termos e da(s) variante(s) do termo;
- Redigir repertórios terminológicos apropriados de acordo com o conteúdo da matéria e o usuário (FAULSTICH, 1995b).

Com este entendimento, analisar o comportamento das terminologias em textos, passou a ser mais produtivo, pois não é mais recomendável reconhecer os termos desvinculados de seus textos. A fundamentação linguística situou a linguagem especializada no campo das línguas naturais, devido aos seus aspectos regulares e comunicativos.

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

As contribuições de Cabré para a construção e desenvolvimento de uma teoria terminológica surgiram a partir de 1996. A pesquisadora e seu grupo²² se preocuparam em desenvolver uma concepção teórica suficientemente ampla que pudesse responder por distintas propostas no tratamento dos termos. Ela reformulou as propostas de Wuster e apresentou um novo modelo teórico, considerado flexível e aberto (MARCIEL, 2001).

Ao analisar o comportamento dos termos na comunicação especializada em situação real de uso, Cabré (2005b) observou uma série de características que coincidem com outras unidades utilizadas em outro tipo de situação comunicativa. Isso levou a pesquisadora a supor que as unidades terminológicas compartilham muitos elementos com outras unidades lexicais da linguagem natural e de outros sistemas simbólicos não linguísticos. Essas observações levaram a pesquisadora a generalizar sua descrição através de uma teoria terminológica mais ampla.

A Teoria Comunicativa da Terminologia nasce da proposta de buscar novos fundamentos que deem luz a uma nova teoria sobre os termos fundamentados na linguagem e em seu caráter sociocultural.

Nossa proposta se situa nesta segunda opção e por isso intenta pôr as bases de uma teoria ampla da terminologia de base comunicativa, concebida desde a perspectiva das ciências da linguagem, mas que integra elementos da teoria do conhecimento e da comunicação. Nesta teoria, que temos denominado Teoria Comunicativa da Terminologia, requer que, tanto desde o ponto de vista teórico como desde o metodológico, se contemple a variação linguística em toda sua dimensionalidade, assumam-se a condição de adequação dos termos e se integram os aspectos psicolinguísticos implicados (compartilhados com a perspectiva cognitiva) e os elementos sociolinguísticos relacionados (compartilhados com a perspectiva social). Ao

²² Cabré é coordenadora do grupo de pesquisa IULATERM, do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona.

lado destas condições, a proposta deve assumir ademais que tanto o conhecimento especializado como os textos especializados, como as unidades terminológicas podem dar-se a diferentes níveis de especialização e descrever-se em distintos níveis de representação. Só assim, os termos podem explicar-se em toda sua realidade comunicativa e representacional. Só assim, a terminologia do desejo passar a ser efetivamente da realidade (CABRÉ, 2005b, p. 126, tradução nossa)²³.

A proposta de Cabré (2005b) parte do pressuposto de que as unidades terminológicas não são unidades isoladas do sistema da linguagem natural. Estas unidades especializadas se incorporam ao léxico do falante quando adquirem conhecimento especializado.

Esta posição nos conduz a defender que a terminologia pode formar parte dos signos da linguagem e integrar-se no conhecimento do falante, que é ao mesmo tempo falante de uma língua e profissional de uma matéria, sem necessidade de recorrer à proposta de uma dupla competência por sistemas autônomos, que nos parece plausíveis a vista dos dados da realidade (CABRÉ, 2005b, p. 119, tradução nossa)²⁴.

²³ Nuestra propuesta se sitúa en esta segunda opción y por ello intenta poner las bases de una teoría amplia de la terminología de base comunicativa, concebida desde la perspectiva de las ciencias del lenguaje, pero que integra elementos de la teoría del conocimiento y de la comunicación. Esta teoría, que hemos denominado Teoría Comunicativa de la Terminología, requiere que, tanto desde el punto de vista teórico como desde el metodológico, se contemple la variación lingüística en toda su dimensionalidad, se asuma la condición de adecuación de los términos y se integren los aspectos psicolinguísticos implicados (compartidos con la perspectiva cognitiva) y los elementos sociolingüísticos relacionados (compartidos con la perspectiva social). Al lado de estas condiciones, la propuesta debe asumir además que tanto el conocimiento especializado como los textos especializados, como las unidades terminológicas pueden darse a diferentes niveles de especialización y describirse en distintos niveles de representación. Sólo así, los términos pueden explicarse en toda su realidad comunicativa y representacional. Sólo así, la terminología del deseo pasa a ser efectivamente de la realidad.

²⁴ Esta posición nos conduce a defender que la terminología puede formar parte de los signos del lenguaje natural e integrarse en el conocimiento del hablante, que es al mismo tiempo hablante de una lengua y profesional de una materia, sin necesidad de recurrir a la propuesta de una doble competencia por sistemas autónomos, que nos parece plausible a la vista de los datos de la realidad.

Com essa afirmação, Cabré assume que os termos não formam um sistema independente do sistema geral da língua comum. Mas por outro lado, Cabré reconhece a natureza diferencial do conceito em determinadas ciências e técnicas, bem como o fato de o conceito ser expresso através de unidades que não pertencem à linguagem natural, uma vez que tais unidades podem ser analisadas a partir de outras perspectivas e compartilham com outros signos do sistema não linguístico o espaço da comunicação especializada.

Esse modelo tenta superar as lacunas da TGT, uma vez que considera as unidades terminológicas como unidades de conhecimento, significação, denominação e comunicação especializada. Com esse intuito, Cabré e seu grupo questionaram a realidade mentalista do conceito, a rigidez do sistema da árvore de domínio, a negação à variação e a ausência do funcionamento linguístico. A autora (1999) também questiona o posicionamento da Teoria Tradicional da Terminologia ao afirmar que a univocidade absoluta dos termos científicos poderia ser um processo utópico e artificial improvável de alcançar seus objetivos.

Neste sentido, Wuster apresenta os termos como intrínsecos a uma área específica. O termo pertenceria a um único âmbito especializado, e cada área de especialidade possui sua terminologia exclusiva, e, em caso de coincidência de um mesmo termo surgir em áreas distintas deveria ser tratado como unidades distintas. Por esta concepção de termo, a TGT não dá suporte para explicar a transferência ou troca de termos entre áreas de especialidades, nem explicaria o fenômeno do movimento de termos da língua geral para a linguagem de especialidade (terminologização) ou o inverso (vulgarização, generalização).

Outro questionamento crítico permite observar que a TGT não explica a inserção das unidades terminológicas dentro da comunicação, pois a teoria defende que a função do termo é estritamente denominativa, não abordando o uso do termo em contexto.

Cabré assume que a insuficiência teórica da TGT é causada pelas seguintes posições:

- Não considerar que os termos pertencem plenamente – e não só em seus aspectos denominativos – à linguagem natural;
- Negar-se a reconhecer que a terminologia é parte da linguagem geral como todas as consequências que isto implica;
- Considerar os termos como unidades sem interesse sintático e, como consequência, irrelevante para o discurso.
- Defender a univocidade e monosemia como parte dos termos, em contradição com dados extraídos da realidade (CABRÉ, 2005b).

Cabré examina a disciplina terminológica à luz de três teorias subsidiárias: a teoria cognitiva, a teoria linguística e a teoria da comunicação. Sem invalidar a TGT, a autora buscou uma Terminologia que melhor respondesse pela dinâmica da linguagem de especialidade e pelas necessidades atuais da comunicação científica e técnica.

A mudança de perspectiva, de acordo com os princípios da TCT, deve-se em parte à utilização de tecnologias que permitiram o desenvolvimento da Linguística de *corpus*. A aproximação aos dados impôs uma nova necessidade, a partir dos textos reais produzidos pelos especialistas em situações distintas de produção e, conseqüentemente, uma nova perspectiva metodológica, aliada a novos critérios de reconhecimento das unidades terminológicas.

Uma nova postura diante dos textos especializados e suas condições de produção levam a pesquisadora a considerar a dimensão social dos textos. As unidades terminológicas não alcançam estatuto terminológico fora dos textos e somente neles podem ser percebidas como unidades de representação e transmissão de conhecimento preciso, homogêneo e controlado. Vistas assim como unidades dinâmicas, as unidades terminológicas suportam o conhecimento e ao mesmo tempo não podem se separar das concepções culturais de quem as produz.

Um dos aspectos mais importantes da TCT é a observação *in vivo* das terminologias, isto é, a observação das terminologias

dentro dos contextos sociocomunicativos em que elas circulam. O objetivo é assegurar a representação e a comunicação do conhecimento especializado. Neste sentido, todos os contextos de comunicação especializada, em especial o texto especializado, maior fonte de extração de terminologias, ganham destaque.

Como dissemos, a TCT fundamenta-se na valorização de aspectos comunicacionais das línguas de especialidade, negando o *status* normalizador. Também considera, ao contrário da TGT, as unidades terminológicas como parte da língua natural, sofrendo assim todos os impactos que também sofre a gramática de uma língua natural. Nessa direção, Krieger e Finatto (2004, p. 35) observam que:

[...] de acordo com o princípio comunicativo, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. Consequentemente, o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se inscreve. Tais proposições levam a TCT a postular que *a priori* não há termos, nem palavras, mas somente unidades lexicais, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas.

A TCT, do mesmo modo que a Socioterminologia, inclui em sua análise a variação linguística no nível conceitual (polissemia) e denominativo (sinonímia), focado sobre as dimensões comunicativa e discursivo-textual. A variação terminológica é outro indício de que o termo é um elemento natural das línguas naturais, portanto, sofre qualquer implicação sistêmica e contextual que sofrem as palavras de uso comum.

Um dos principais argumentos e, ao mesmo tempo, justificativa, para considerar a questão da variação pela TCT, é a concepção de que os dados terminológicos são observados em seu discurso natural, onde eles se apresentam de modo menos sistemático, menos unívoco e menos universal. A razão é óbvia: no discurso especializado oral e escrito, a terminologia é um recurso expressivo e comunicativo e, de acordo com estes aspectos, o discurso apresenta redundância, variação conceitual e variação sinonímica, e, além disso, permite constatar que nem sempre se produz uma perfeita equivalência entre línguas (CARBÉ, 2005a).

O reconhecimento da variação nas línguas de especialidade pela TCT levou a outro fator: a polissemia no universo das comunicações científicas e técnicas, marcando uma das maiores oposições aos fundamentos cognitivos apresentados pela teoria clássica, que nega a existência de polissemia no universo conceitual do conhecimento especializado.

Tendo em vista estes aspectos, Cabré (2005b) propõe uma teoria fundada nos seguintes princípios e fundamentos.

Princípios da TCT

- a) A TCT não concebe a Terminologia como uma disciplina autônoma, tentando explicá-la dentro de uma teoria da linguagem, que, por sua vez, insere-se em uma teoria da Comunicação e do conhecimento. Esta teoria da linguagem contempla aspectos linguísticos, cognitivos e sociais;
- b) A teoria tem de explicar as semelhanças e diferenças entre o conhecimento geral e o especializado sem dissociá-los na competência do falante-especialista, assumindo que existem traços diferenciadores do conhecimento especializado, interiorizado na mente do falante de forma dependente;
- c) Conceber as unidades terminológicas como unidades poliédricas integradas por três disciplinas que a descrevem. Esta pluralidade complexa é consequência do caráter multifuncional da Terminologia como disciplina e do caráter poliédrico e multidimensional do termo como unidade;
- d) Explicar como um conceito pode formar parte da estrutura conceitual de distintas disciplinas conservando, trocando ou matizando suas características. Isto parte do pressuposto de que os termos não pertencem, de maneira natural, a nenhuma área do conhecimento, mas que são usadas por uma área. Porém, isso não anula o fenômeno do surgimento genuíno de um termo em uma determinada área, nem deixa de reconhecer a transferência terminológica entre áreas especializadas ou entre a linguagem geral e a especializada;
- e) Assumir o caráter polissêmico das unidades lexicais, bem como a possível diversidade de traços especializados de uma mesma unidade e seu caráter multifuncional;
- f) Admitir a sinonímia como um fenômeno dentro da comunicação especializada natural e aduzir critérios para estabelecer o distinto valor das unidades. A TCT parte da evidência de que a sinonímia na comunicação especializada é um fato real, dependente do nível de especialização do

discurso. Quanto mais especializado é o texto, maior é sua sistematicidade e menor seu grau de variação denominativa;

- g) As unidades terminológicas se dão de modo natural no discurso, e, por isso, variam em função do discurso. A descrição dos termos deve ser ampla e ultrapasse o limite de sua categoria, área temática, definição e equivalentes;
- h) Contemplar a variação mesma do discurso e estabelecer as variáveis pertinentes que descrevem esta variação dentro da comunicação em geral e da especializada em particular (CABRÉ, 2005b).

Fundamentos da TCT

A TCT define uma série de fundamentos que buscam explicar os princípios esboçados para a teoria. A saber, seus principais fundamentos são:

a) A teoria se fundamenta em três outros que atestam sua interdisciplinaridade:

- uma *Teoria do Conhecimento* que explica como se conceptualiza a realidade, a relação dos conceitos entre si e com suas denominações;

- uma *Teoria da Comunicação* que descrevem os tipos de situações discursivas, que explique a correlação entre tipo de situação e tipo de comunicação em toda sua amplitude e diversidade;

- uma *Teoria da Linguagem* que explique as unidades terminológicas dentro da linguagem natural, singularizando seu caráter terminológico e explicando como se ativa este caráter na comunicação;

b) O objeto de estudo da TCT são as unidades terminológicas que formam parte da linguagem natural e da gramática que descreve cada língua. Esses termos são dotados de capacidade de referência, que podem exercer funções distintas, mas que não são inicialmente nem termos nem palavras, mas apenas potencialmente termos ou não-termos e podem pertencer a âmbitos distintos. O *status* terminológico de um termo é ativado em função de seu uso contextual e situacionalmente adequado. Essa ativação consiste na seleção de traços específicos que incluem os traços morfossintáticos gerais e uma série de traços semânticos e pragmáticos específicos que realçam seu status de termo dentro de uma área determinada;

c) Os termos são unidades lexicais ativadas singularmente por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação. É composta de forma e significação, em que a forma é constante, mas o significado se particulariza de acordo com os traços de cada tipo de situação e é determinado pela área temática, pelo tipo de texto, pelo emissor, pelo destinatário e pela situação;

- d) Os termos são unidades de forma e conteúdo simultâneos, mas o conteúdo pode ser expresso como maior ou menor rigor por outras denominações do sistema linguístico ou de outros sistemas simbólicos. O conteúdo de um termo nunca é absoluto, mas relativo, segundo cada área e situação de uso;
- e) As relações estabelecidas pelos conceitos da mesma área constituem a estrutura conceitual de uma área;
- f) O valor de um termo se estabelece pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma área. Um conceito pode participar de mais de uma estrutura com o mesmo ou diferente valor. Nenhum termo pertence a uma área, mas são usados em uma área com um valor específico;
- g) O objetivo da Terminologia é descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico. O objetivo da terminologia aplicada é o de recopilar as unidades de valor terminológico em uma área determinada estabelecendo suas características de acordo com a situação;
- h) A finalidade aplicada da recompilação e análise dos termos é muito diversa e permite muitas aplicações. Em todas elas se ativa a dupla função dos termos: a representação do conhecimento especializado e sua transferência (CABRÉ, 2005b).

Cabré (2005b), ao apresentar os elementos para uma nova abordagem teórica terminológica, apresenta as duas mais importantes causas para a “crise” da Terminologia Clássica: o reducionismo e a uniformidade.

A Terminologia Clássica se apresenta reducionista em diferentes aspectos: a concepção global da unidade terminológica, a redução da unidade terminológica a sua condição denominativa, o esquecimento dos aspectos sintáticos das unidades terminológicas, a ignorância dos aspectos comunicativos dos termos, a insistência em negar a variação formal e conceitual dos termos.

Para Cabré (2005b), o caráter reducionista da TGT afeta os seguintes aspectos:

- O termo;
- O ambiente da especialidade;
- Os objetivos da Terminologia como disciplina;
- As finalidades da disciplina;

- A comunicação profissional.

Quanto ao aspecto da uniformidade (homogeneidade), a teoria clássica se fundamenta no idealismo da univocidade, o que implica na negação de explicar a complexidade e a diversidade das unidades especializadas em sua vertente comunicativa. Nega também a indicação de alguns elementos destinados a constituir as bases de uma nova teoria que explique “tanto a função representacional da terminologia quanto à função comunicativa para distintos níveis de formalidade e para matérias especializadas de conteúdos e estruturas muito diversas” (CABRÉ, 2005b, p. 70).

Objeto da Terminologia

Toda disciplina precisa ter um objeto de estudo que seja abordado e analisável de acordo com uma teoria precisa e bem estabelecida. Para a nova proposta teórica de Cabré (2005b), o principal objeto da Terminologia é a *unidade terminológica*, que deve ser analisada do ponto de vista *funcional, formal e semântico*, descrevendo sua dupla sistematicidade: geral, em relação ao sistema da língua de que faz parte, e específica, em relação à terminologia da especialidade que se insere. A autora vê o termo como um objeto poliédrico, ao qual se pode ter um acesso plural a partir de três componentes constituintes (cognitivo, linguístico e comunicativo), explicados através do modelo das portas (CABRÉ, 2003).

De acordo com o componente cognitivo, as unidades terminológicas são:

1. Dependentes de um contexto temático;
2. Ocupam um lugar preciso na estrutura conceptual;
3. Seu significado específico é determinado por seu lugar nessa estrutura;
4. São fixadas, reconhecidas e disseminadas com a ajuda da comunidade de especialistas.

De acordo com o componente linguístico, por sua vez, as unidades terminológicas são:

1. Unidades lexicais;
2. Podem ter estrutura sintática e lexical;
3. Formalmente, podem coincidir com unidades pertencentes ao discurso geral;
4. Seu significado é discreto dentro de uma área de especialidade;
5. Quanto à classe de palavras, ocorrem como substantivo, verbos, adjetivos e advérbios ou estruturas complexas com os mesmos valores.

Na mesma perspectiva, o componente comunicativo atribui às unidades terminológicas as seguintes características:

1. Ocorrem em discurso especializado;
2. Dividem o discurso especializado com unidades pertencentes a outros sistemas simbólicos;
3. São adquiridas através de um processo de aprendizagem e por isso são manuseadas por especialistas em seus campos;
4. São basicamente denotativas.

Uma teoria linguístico-comunicativa, como a TCT, compreende o termo e não a problemática conceitual, como foco prioritário de interesse. O componente conceitual é importante na medida em que sua identificação se torna necessária para a identificação dos termos.

Cabré (2005b) apresenta as unidades terminológicas dentro de um esquema global de representação, em que admite a variação conceitual e denominativa, e leva em conta a dimensão textual e discursiva dos termos.

Metodologia da TCT

De um modo geral, Cabré resume a metodologia de sua proposta teórica nos seguintes pontos:

- a) A metodologia da TCT serve de marco restritivo para a atividade prática. Porém, cada trabalho em concreto adota uma estratégia em função de sua temática, objetivos, contexto, elementos implicados e recursos disponíveis. A metodologia defendida por Cabré é livre para se adaptar às circunstâncias sem contrariar os princípios. Assim, um trabalho pode adotar uma perspectiva

semasiológica ou onomasiológica; pode partir de texto ou de bancos de dados; pode processar automaticamente texto em suporte digital e utilizar detecção semiautomática;

b) A unidade terminológica se concebe como uma unidade conceitual e denominativa poliédrica na qual o conceito é percebido segundo uma perspectiva determinada pelo grupo científico;

c) Paralelamente à conceptualização, a denominação dos conceitos pode ser variada no interior da mesma língua ou pode refletir prioridades distintas em diferentes línguas ou grupos;

d) As unidades podem coincidir totalmente ou parcialmente com unidades de outros campos. A denominação aceita pela TCT como resultado da observação dos dados na realidade, explica-se pela necessidade de adequar a expressão às características discursivas de cada tipo de situação comunicativa;

e) Na TCT o método é necessariamente descritivo e consiste na recopilação das unidades reais usadas pelos especialistas de um campo em distintas situações de comunicação. Esta diversidade de situações pressupõe que o *corpus* de extração dos termos deve ser heterogêneo e representativo. Isso não impede que para que um trabalho determinado possa ser homogêneo tanto em nível de especialização e no tipo de textos selecionados, como também na perspectiva de tratamento do tema. Os selecionados são unidades reais. Não necessariamente satisfatórias nem normalizadas, simplesmente reais;

f) A categoria básica dos termos é a nominal, as unidades adjetivas e verbais de caráter terminológico estão presas a um termo nominal. Existem também locuções de valor terminológico, composto de preposição e sintagma nominal que são semanticamente específicas de um âmbito temático e funcionam habitualmente como complemento de verbo ou de nome deverbal;

g) As unidades retidas nos textos como representativas do conhecimento especializado podem ser termos (nomes, verbos, adjetivos, advérbios) ou formas fraseológicas, ou ainda mais amplas que constituem unidades oracionais próprias de uma área específica;

h) Os termos reais podem ser polissêmicos e podem compartilhar com outros sinônimos a denominação de um conceito;

i) Na TCT, a terminologia se concebe como o conjunto de unidades, e este pode dar-se em distintos níveis de especialização e para distintos propósitos de forma que quanto maior o grau de especialização menor o de variação. Neste sentido, a sinonímia faz parte da comunicação especializada (CABRÉ, 2005b).

Cabré descreve algumas consequências metodológicas sobre os princípios terminográficos, dentro do conjunto de princípios terminográficos relevantes para qualquer teoria terminológica de base comunicativa:

- A orientação metodológica geral;
- A posição ante a segmentação e estruturação;
- A atribuição de âmbito a cada termo;
- A aceitação da variação conceitual e denominativa;
- A relativização da biunivocidade;
- A concepção da definição (CABRÉ, 2005b).

Da mesma forma, a autora apresenta as consequências metodológicas sobre a prática terminográfica. Nessa fase, é necessário dividir em tarefas o trabalho terminográfico sistemático, com interdependência da teoria que serve de base:

- Delimitação do tema e definição do trabalho;
- Preparação e planificação;
- Realização;
- Apresentação dos resultados (CABRÉ, 2005b).

Grosso modo, para a TCT, as fases de elaboração de uma terminologia sistemática seguem estas fases acima. Seguindo a lógica e o arranjo dessas fases, o objetivo primário é a delimitação do tema e a definição ou caracterização do trabalho. Nesta fase, o terminólogo ou pesquisador deve adquirir conhecimento sobre a área pesquisada, suficientemente para ter o mínimo de controle sobre organização conceitual da área em estudo. Para tanto, o pesquisador tem a sua disposição documentação variada, além de poder fazer consultas aos especialistas da área.

Outra etapa consiste em traçar um esquema estrutural cujo objetivo é construir um mapa conceitual da área. Este servirá de base para delimitar o tema do trabalho e especificar as dimensões e abrangências da área temática.

Após ter organizado a estrutura temática da área com o esboço do mapa conceitual, é necessário estabelecer algumas variáveis: o tema, o tipo de trabalho, os destinatários, os objetivos do trabalho e as finalidades que buscam estes objetivos.

A partir desta organização, o trabalho está delimitado tematicamente e isso facilita a seleção de material para recolha de

informações terminológicas. Uma vez estabelecida a estrutura conceitual, pode se proceder à redação do plano de trabalho onde devem ser justificadas e explicadas as decisões a tomar.

Em princípio, as duas orientações teóricas – a Socioterminologia e a TCT – que se opõem à TGT, são de base linguístico-comunicacional e são fortemente influenciadas pela Linguística a partir dos anos de 1990. Trata-se de uma nova visão epistemológica sobre as terminologias. A orientação notadamente normativa da TGT e a orientação descritiva da TCT são reveladoras de propósitos pragmáticos distintos. A TGT busca uma comunicação, no nível internacional, unívoca e monossêmica; por sua vez, a TCT visa a descrever as linguagens de especialidade tal como concebidas pelos usuários, analisando-as em seus contextos de uso.

Cabré considera a Terminologia como uma disciplina porque possui bases teóricas delimitadas e um objeto de estudo bem definido. Outro argumento válido a favor dessa tese consiste na premissa de que, como disciplina, possui também uma vertente teórica e uma vertente aplicada, além de aplicações específicas. A vertente teórica, por ter uma forte ligação com outras disciplinas linguísticas (lexicologia, lexicografia, por exemplo), coincide em parte com estas. É uma disciplina que toma fundamentos de outras disciplinas e, por esta razão, não é uma disciplina original, em sentido pleno. Mas por outro lado, tem sua originalidade porque, ao tomar alguns fundamentos de outras disciplinas, funda suas bases específicas, reconfigurando esses fundamentos emprestados para construir um espaço próprio, diferente de outras disciplinas, com objeto, metodologia e objetivos próprios.

A natureza da linguagem de especialidade

“Uma linguagem especial pode ser definida como a coleção do discurso falado e escrito sobre um assunto relacionado a uma disciplina” (HOFFMAN, 1984; AHMAD e REDGERS, 1992, 1994; KOCOUREK, 1998; SAGER et. al. 1980 *apud* TEMMERMAN, 2000, p. 46).

Hoffmann define linguagem especializada como:

[...] o conjunto de todos os recursos linguísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nela trabalham. Esses recursos conformam, enquanto sublínguas, uma parte do inventário total da língua (HOFFMANN, 2004, p. 81).

Hoffmann (2004) afirma que as línguas especializadas são sublínguas, mas nem toda sublíngua é uma língua de especialidade. Em nosso entendimento, esse conceito de sublíngua é um tanto obscuro, pois implica considerar as línguas de especialidades como subsistemas ou sistemas parciais. Por outro lado, creditar o estatuto de sublíngua às terminologias é igualá-las aos dialetos ou socioletos, pois a especialidade das terminologias em relação à língua comum e a outras sublínguas é definida mais especificamente pelo léxico especializado (conteúdo, estrutura e categorias gramaticais).

Segundo Cabré (1998), não existe um subsistema, uma sublíngua à parte da língua geral. O que existe são signos da língua natural que se realizam ora como palavra ora como termo, a depender de critérios temáticos e pragmáticos. Esta reflexão leva-nos a reavaliar o uso corrente da expressão “língua de especialidade”, por dar a ideia de sublíngua ou subsistema. A expressão mais aceitável e coerente seria “língua de especialidade” ou “língua especializada”. A língua especializada é a expressão das técnicas, da ciência pela língua natural.

Atualmente, é ponto pacífico, mesmo entre aqueles que continuam preferindo o termo “sublíngua”, que não se trata de uma língua diferente dos sistemas linguísticos naturais, mas sim de um uso peculiar da língua, isto é, uma língua, cuja configuração depende das múltiplas circunstâncias de sua realização (MARCIEL, 2010, p. 16).

Do mesmo modo, Lerat (1997) afirma que as línguas de especialidade não são meros subsistemas, não podem tratar-se de

sublínguas porque então seriam dialetos com fonética e flexão próprias, o que não é o caso. Neste sentido, é mais apropriado falar em português jurídico, português da química, português da mineração, porque há o reconhecimento de que se trata de português e ao mesmo tempo em português transmissor de saberes e de práticas.

Esta denominação se aproxima da expressão inglesa *language for specific purpose* (LSP) ou em francês *language spécialisée*. Tais expressões são adequadas, pois mantêm a unidade do idioma e as particularidades das áreas do conhecimento.

Embora existam linguagens de especialidade profundamente marcadas por um campo específico do conhecimento, porque as terminologias se caracterizam por um conjunto de termos que carregam noções e conceitos especializados, todas elas compartilham uma mesma característica, que é o meio natural de realização e de difusão. Isto ocorre através do discurso em língua natural, pois o instrumento de transmissão do conhecimento especializado é a língua natural.

Neste sentido, podemos afirmar que não existe uma linguagem de especialidade pura, uma terminologia pura, pois toda e qualquer terminologia precisa de um suporte, que consiste em uma língua natural, pois toda e qualquer terminologia precisa de uma linguagem natural para ser transmitida, para ser enunciada (LERAT, 1997). Ao léxico geral da língua e seus recursos morfossintáticos vão se juntar ao léxico especializado, específico de uma determinada área (CONOR, 2010).

Desde o ponto de vista linguístico uma terminologia não se apresenta a primeira vista como um conjunto de noções, mas como um conjunto de expressões que servem para denominar em uma língua natural as noções que formam uma área de conhecimento muito tematizada (LERAT, 1997, p. 17, tradução nossa)²⁵.

²⁵ Desde el punto de vista lingüístico una terminología no se presenta a primera vista como un conjunto de nociones, sino como un conjunto de expresiones que

A linguagem especializada, por se manifestar através da linguagem comum, possui ou compartilha todas as características do sistema linguístico da linguagem comum.

Para Lerat (1997, p. 18, tradução nossa), “Uma língua especializada não se reduz a uma terminologia: utiliza as denominações especializadas (termos) e também os símbolos não linguísticos em enunciados que utilizam os recursos ordinários de uma língua concreta”²⁶. É neste sentido que o autor define ‘língua natural’ para expor e transmitir tecnicamente os conhecimentos especializados.

Essas considerações confirmam que os termos técnicos pertencem a uma dada língua materna ou se adaptam a ela. Eles se comportam morfológica e sintaticamente como qualquer outro item lexical do vocabulário do falante comum. Neste sentido, uma linguagem de especialidade é uma decorrência natural da especialização da atividade humana e da formação de grupos reunidos ao redor de uma atividade especializada (PERNA, 2010).

Na prática, uma dada terminologia sempre tem que se basear no léxico e na morfologia de uma dada língua natural.

Terminologia: cooperação e fronteiras

Oportunamente neste subitem, buscou-se enfatizar a relação e cooperação da Terminologia com disciplinas muito próximas a ela, a saber: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminografia.

Barros (2006) observa que Terminologia, Lexicologia e Lexicografia têm como objeto de estudo a palavra. Embora trabalhem com a mesma “matéria-prima”, cada uma a recorta diferentemente, possui modelos teóricos e métodos de análise

sirven para denominar en una lengua natural las nociones que forman una área de conocimientos muy tematizada.

²⁶ Una lengua especializada no se reduce a una terminología: utiliza las denominaciones especializadas (términos) y también los símbolos no lingüísticos en enunciados que utilizan los recursos ordinarios de una lengua concreta.

específicos, além de uma metalinguagem particular, o que garante a cada uma dessas ciências ou disciplinas, uma identidade científica própria.

Tem-se destacado, dentre as atividades da Terminologia, a elaboração de dicionários técnicos e científicos. O termo Terminografia foi cunhado para designar o ramo da Terminologia que elabora esse tipo de obra e surgiu por paralelismo com a Lexicografia, ciência mais antiga, responsável pela produção de dicionários, sobretudo de língua geral (BARROS, 2006).

Embora seja reconhecido que uma série de campos de estudos esteja relacionada à Terminologia, preferimos enquadrá-la dentre as Ciências do Léxico, das quais fazem parte a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminografia. Esta última como a dimensão aplicada da Terminologia. Essas são as disciplinas que mais se aproximam teórica e metodologicamente da Terminologia e, no âmbito de nossa proposta, oferecem os mesmos subsídios.

Terminologia e Lexicologia

A Terminologia se ocupa especificamente do estudo dos termos, próprios de uma área de especialidade ou uma área profissional, diferentemente da Lexicologia que se ocupa do estudo das palavras. Em questão de análise lexical, Terminologia e Lexicologia não coincidem, o campo da Terminologia é mais restrito, uma vez que estuda conjuntos específicos do léxico; já a Lexicologia é mais abrangente, pois sua área de investigação abrange o léxico em geral, o que implica aceitar que abrange também as terminologias. Por este critério, a Terminologia seria parte da Lexicologia. Mas por outro lado, o que distingue Lexicologia de Terminologia é a diferente natureza de seus objetos, pois palavra e termo não são a mesma unidade, um mesmo objeto, embora sejam parecidos.

As unidades lexicais especializadas denominam, circunscrevem objetos, processos, máquinas, equipamentos e conceituações pertinentes às ciências, às técnicas e tecnologias; por

outro lado, as palavras de uso não especializado, que cumprem o mesmo processo denominativo e conceitual, realizam a mesma função, abrangendo toda e qualquer palavra de uso ordinário pertencente a uma língua natural.

Isso não significa que os objetos de ambas as ciências sejam distantes um do outro. Em uma obra de cunho terminológico são incluídos apenas termos de uso especializado de uma determinada especialidade ou de diferentes especialidades que estejam interligadas; já em uma obra de cunho lexicográfico podemos encontrar tanto palavras de uso comum quanto termos especializados das mais diferentes áreas do conhecimento. Por vezes, uma mesma palavra aparece em um dicionário com vários significados, dentre eles os significados comuns e o significado ou significados especializados.

No caso da Terminologia, subsídios da lexicologia contribuem para o exame do comportamento morfossintático das terminologias. De modo geral, estudos nessa ótica têm comprovado que a constituição estrutural das unidades terminológicas sintagmáticas, predominantes no componente léxico especializado, não se distingue das unidades do léxico geral. Sob essa perspectiva, comprova-se que ambos, palavra e termo, obedecem aos mesmos padrões e sofrem os mesmos efeitos da gramática dos sistemas linguísticos (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 46).

Considerando esses aspectos, não existe uma barreira entre palavras de uma língua geral e terminologias. Muitos termos que aparecem em domínios específicos se tornam elementos da língua geral. Por outro lado, uma palavra da língua geral pode mudar seu significado e se tornar um elemento de uma terminologia.

De modo geral, as características básicas que diferenciam a Terminologia da Lexicologia são: o domínio, a unidade básica, os propósitos e a metodologia.

A unidade básica de cada área se define pela própria natureza de seus objetos. A Lexicologia trata do estudo das palavras, ao passo que a Terminologia trata do estudo dos termos. Segundo

Cabré, palavras e termos são similares e diferentes ao mesmo tempo.

Uma palavra é uma unidade descrita por um conjunto de características e tem a propriedade de se referir a um elemento da realidade. Um termo é uma unidade com características linguísticas similares usadas em um domínio especial (CABRE, 1998, p. 35).

A Lexicologia encarrega-se da coleta de vocábulos da língua geral para a produção de dicionários de língua geral, estabelecendo uma lista de palavras que constituem o inventário de entradas para o dicionário. O lexicógrafo descreve as palavras atribuindo-lhes uma definição. Esse processo é denominado semasiológico: começa-se pelas palavras para se chegar às definições.

De modo inverso, os terminógrafos primeiramente estabelecem uma lista de conceitos de determinado campo de atividade e em seguida os delimitam e atribuem termos ou designações a cada conceito. Em caso de mais de um termo para o mesmo conceito, descarta-se aquele com menor prioridade. Esse processo é denominado onomasiológico: começa-se pelos conceitos para se chegar aos termos. Esse procedimento caracterizava a Terminologia Clássica. Atualmente, a Terminologia moderna também utiliza o processo semasiológico, visto que seus objetivos são descritivos e não mais prescritivos.

A chave para o propósito onomasiológico assenta-se na suposição de que um conceito é universal, independentemente de diferenças culturais, e a variação restringe-se às várias possibilidades de representação dos conceitos de acordo com a diversidade de línguas ou o uso de designações alternativas para o mesmo objeto.

A crítica à abordagem onomasiológica, adotada pela Terminologia Tradicional, refere-se a uma inconsistência à abordagem onomasiológica adotada em Terminologia. Essa abordagem não se refere ao conteúdo semântico do signo, mas ao conceito visto como parte do mundo fora da linguagem

(TEMMERMAN, 2000). Os conceitos são definidos a partir de uma posição em um sistema de conceitos, antes que a eles sejam designados algum termo. De outra forma, segundo Temmerman (2000), os conceitos não podem ser comunicados, e provavelmente não podem nem mesmo ser conhecidos sem a linguagem. Por este ponto de vista, é impossível conceber um conceito sem que a ele esteja atrelado um termo.

Conforme Pontes (1996), devido aos objetivos específicos determinados pela necessidade dos usuários, os trabalhos terminológicos se dividem em duas categorias: a *metodologia da terminologia pontual* e a *metodologia da terminologia temática*. A primeira é fundamentada numa terminologia bilíngue e pode ser executada por um tradutor, redator de comunicação de língua técnica, terminólogo ou professor de língua de especialidade; a segunda busca a exaustão do conjunto de termos de um domínio, inventariando a terminologia ligada a um tema.

Pontes (1996) observa que há três tipos de ações desempenhadas pela metodologia terminológica temática: a onomasiológica, a semasiológica e a mista, esta é exatamente uma mistura das duas primeiras.

A ação semasiológica utiliza métodos da Lexicologia e da Lexicografia; parte da listagem dos termos observados e depreendidos como portadores de significado especializado, para depois atribuir-lhes uma definição.

Terminologia e Lexicografia

A Lexicografia se define como a arte ou técnica de fazer dicionários. Por muito tempo, ela foi vista muito mais como uma atividade aplicada, como uma arte de compilar repertórios, do que como uma ciência teórico-metodológica. Apenas no século XX, com o advento da Linguística, ela passa a ter uma face teórica. Surge assim, a Lexicografia teórica, com um caráter descritivo e não mais apenas como um fazer compilatório. O importante a ser notado é

que a Lexicologia contribui bastante para a tarefa lexicográfica, fornecendo-lhe listas de palavras e significados.

Portanto, a Lexicografia é a disciplina voltada aos princípios e métodos de escrever dicionários. A Lexicografia Especializada ou Terminografia volta-se para a produção de dicionários que tratam de campos especializados do conhecimento. Neste sentido, dicionários especializados contêm apenas informações especializadas sobre uma dada área do conhecimento, isto é, não contêm informações sobre palavras que são usadas em língua geral. Dicionários especializados descrevem/prescrevem itens lexicais que são usados para descrever conceitos em áreas específicas.

Junto com a nova perspectiva teórico-metodológica, mudou-se também o enfoque paradigmático, passou-se de um paradigma prescritivo, em que se privilegiavam determinadas formas lexicais como exemplos do “bem-dizer”, em favor de uma diretriz descritiva, em que os dicionários passam a registrar todos os tipos de realizações linguísticas, com os mais diferentes usos. Um dicionário geral de língua registra o léxico geral de um idioma. Esses dicionários, geralmente, trazem todo tipo de informação possível, tais como informação etimológica, gramaticais (gênero, ortografia, regência), assim como informações referentes aos usos regionais, profissionais e variações de acordo com o alcance da obra.

Sager (1990) assume que Terminologia e Lexicografia devem ser consideradas como atividades separadas devido à natureza diferente com que cada uma tradicionalmente agrupa seus dados, aos conhecimentos diferenciados das pessoas envolvidas em cada trabalho, e, em algum grau, aos métodos diferentes usados.

O autor afirma que uma das diferenças principais entre Lexicografia e Terminologia se assenta na atitude em relação ao léxico. O lexicógrafo registra “todas” as palavras de uma língua com o objetivo de classificá-la de vários modos, para depois diferenciá-las por seus significados. O terminólogo parte de uma posição muito mais restrita, ele se interessa apenas por

subconjuntos do léxico, que constitui o vocabulário de línguas de especialidade.

A teoria terminológica tradicional identifica(va) sua abordagem como onomasiológica, porque em princípio ela parte dos conceitos e busca por nomes para estes conceitos. De fato, a abordagem onomasiológica serve aos cientistas e inventores que têm de encontrar denominações para novos conceitos, geralmente uma invenção, uma nova ferramenta, um novo processo. O terminólogo, assim como o lexicógrafo, geralmente encontra um conjunto de termos já existentes que serve de ponto de partida para seus trabalhos.

Uma característica notável da abordagem onomasiológica é a anulação de homonímia tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático. Em teoria, para cada conceito cunha-se um único nome, cada significado separado de uma unidade terminológica é representado por um conceito; na prática, as estruturas das áreas de especialidade separam homônimos pertencentes a áreas diferentes. Neste sentido, dicionários terminológicos evitam homonímia estabelecendo sentidos separados, por meio de numeração e ordenação dos sentidos em uma simples entrada.

Sager assume que muito raramente um terminólogo envolve-se no processo de nomear um conceito original. “O que é distintivo em seu trabalho [do terminólogo] é o fato de que ordena os termos que ele descobriu por referência ao sistema conceitual que ele mesmo pode ter de esboçar após consulta prévia com um especialista da área” (SAGER, 1990, p. 56). Terminologia e Lexicografia interagem uma com a outra, e cada uma pode oferecer a outra métodos e fundamentações teóricas que as enriquecem.

Como dissemos, tradicionalmente, era citada como uma das principais diferenças entre Lexicografia e Terminologia, a abordagem adotada na descrição do conhecimento. Na realidade, tanto lexicógrafos quanto terminógrafos adotam as duas abordagens em seus trabalhos. Na atualidade, com os novos

métodos de pesquisa terminológica, onde se investiga um campo de especialidade com uma terminologia já consolidada.

Terminologia e Terminografia

Por algum tempo se aceitou que uma das funções da Terminologia era a compilação e armazenamento dos termos em fontes de referência. Atualmente, prefere-se a denominação Terminografia para a prática dessa atividade.

De acordo com a ISO 1087, a Terminografia se define como “registro, processamento e apresentação de dados resultantes da pesquisa terminológica”. Por outro lado, autores com L’Homme et al. (2003, p. 152) definem Terminografia como “o estudo e a prática da descrição das propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência em formato de papel ou eletrônico”.

Terminografia é o termo utilizado para se referir ao ramo aplicado da Terminologia. Em sua origem, a Terminologia tinha objetivos pragmáticos bem específicos (denominação e normalização) e a descrição era característica da Lexicologia. Atualmente, a Terminologia também cumpre esse papel descritivo, porém, voltado para áreas especializadas. O entendimento atual é de que as áreas de especialidades já possuem denominações atribuídas por seus usuários, restando ao terminólogo descrever essas denominações. Quanto ao caráter normativo, são cada vez menores o interesse e a preocupação com este aspecto, uma vez que, com a aproximação entre Terminologia e Sociolinguística, a variação terminológica tornou-se objeto de interesse e análise. Conseqüentemente, tanto os termos especializados quanto suas variantes são contempladas em dicionários e glossários terminológicos.

Krieger (2004) observa que Terminografia também se constrói ou se concebe por meio de uma teoria, onde são estabelecidos parâmetros metodológicos para uma aplicação prática. Ou seja,

para se proceder com uma aplicação terminográfica é necessário se fundamentar em subsídios oferecidos por ela. Não se constrói um dicionário especializado a partir do nada, é preciso fundamentá-lo na teoria terminográfica.

Krieger propõe uma Terminografia Linguístico-textual, que leve em consideração:

- os propósitos cognitivos e/ou pragmáticos da área temática [...], é nesse âmbito que se identificam os objetivos motivadores da comunicação especializada;
- as particularidades textuais articuladoras da comunicação especializada, englobando aspectos relacionados às tipologias textuais que vão variar conforme o gênero [...] (KRIEGER, 2004, p. 333).

A relação existente entre Lexicologia e Lexicografia é paralela à que existe entre Terminologia e Terminografia. A Terminografia não é uma atividade independente, é governada por uma série de recomendações procedimentais, formais e técnicas que têm sido amplamente aceitas. Podemos considerá-la como a face aplicada da Terminologia, voltada para a produção de glossário, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados. É também chamada de Lexicografia Especializada, denominação que reflete esse paralelismo com a Lexicografia.

Para Rey (1995), Terminologia e Terminografia são inseparáveis, constituindo a Terminologia a parte teórica e a Terminografia a parte prática. O fazer terminográfico busca produzir obras com certos traços funcionais pertinentes à definição terminológica, informações gramaticais, entre outros componentes que integram as obras de referência temática. O tratamento a ser dado aos elementos constituintes do universo de informações que integram as obras terminográficas define o tipo de estrutura da obra produzida. As estruturas variam conforme o conteúdo de um glossário, de um dicionário terminológico monolíngue, bilíngue ou multilíngue ou também de um banco de dados.

As três obras possuem características bem particulares, e embora não sigam um padrão formal único possuem traços bem

demarcados. O glossário é um repertório de unidades lexicais de uma especialidade com definições ou outras especificações sobre seus sentidos. Geralmente o glossário visa à exaustividade da linguagem de especialidade descrita. O dicionário terminológico ou técnico-científico é uma obra que registra o conjunto de termos de um domínio com informações conceituais e também linguísticas. Também visa à exaustividade dos itens lexicais de uma linguagem de especialidade descrita. Um banco de dados é um conjunto informatizado com grandes repertórios de termos e informações relativas ao uso e funcionamento.

Os dicionários especializados restringem sua área de cobertura aos limites do domínio especializado que buscam abranger. Eles se caracterizam por sua máxima abrangência, pois têm o objetivo de exaurir todo o domínio pesquisado, ou se caracterizam pela mínima abrangência, pois também cobrem uma porção limitada do vocabulário especializado, por exemplo, apenas os termos mais frequentemente usados.

O público alvo e propósito terão um impacto significativo no conteúdo do dicionário especializado. O público alvo, por ser mais restrito (é de interesse de um grupo restrito de uma área do conhecimento), tem uma audiência limitada. A propositura de um dicionário especializado é organizar o conhecimento e facilitar a comunicação restritos às informações relativas aos conceitos veiculados por uma linguagem de especialidade determinada, ao conhecimento e às informações pertinentes a uma área específica. Esses dicionários são mais úteis aos profissionais com menor grau de especialidade, como estudantes e outros especialistas de áreas relacionadas, ou a não-especialistas, pessoas leigas na área de domínio.

Uma das características das obras terminográficas, que as diferencia das obras lexicográficas, é quanto à entrada do verbete²⁷. Nas obras de referência especializada, tanto os termos simples

²⁷ Na organização de um dicionário, enciclopédia ou glossário, verbete se define como cada uma das palavras com suas definições, contextos e exemplos. (MICHAELIS, 2001).

quanto os sintagmas e as fraseologias são registrados em suas formas plenas, assim como são utilizados nas comunicações especializadas, ou seja, mesmo que o termo constitua um sintagma, ele também constituirá entrada de verbete. De modo diferente, na Lexicografia, em que os sintagmas e as locuções aparecem como parte dos verbetes (subentrada), a entrada é constituída por apenas um item lexical.

É válido lembrar que ciência e tecnologia possuem vocabulários bem diferentes quanto às suas estruturas. A terminologia das ciências é relativamente estável, uma vez que é cunhada por cientistas que empregam elementos do grego e do latim; de modo diferente, as terminologias das tecnologias são mais vulneráveis às variações sinonímicas e polissêmicas, e são elaboradas por especialistas, tecnólogos, inventores que não possuem grande conhecimento da língua grega e latina, fazendo uso de neologias e empréstimos.

A Ciência Terminológica, conseqüentemente, tem a tarefa de considerar pelo menos dois tipos de estruturas, aquelas das ciências, que tendem a uma coerência sistemática, e aquelas das tecnologias, que correspondem às sequências de atividades que estão em frequentes transformações. Os problemas originados pela nomenclatura da matemática, química, biologia, botânica são completamente diferentes daqueles originados na terminologia da metalurgia, ciência da computação, economia, mineração. Mas não há uma separação tão notável assim, existem ciências aplicadas e tecnologias cientificamente orientadas.

Nos contextos de políticas de bilinguismo, trilinguismo ou multilinguismo, a Terminografia, assim como a Terminologia, é orientada por recomendações feitas por comitês internacionais²⁸ como o TC-37 da ISO, que estabelecem padrões para a prática e

²⁸ Segundo Cabré (1998, p. 230), existem instituições de padronização de terminologias nacionais e regionais que fixam padrões para trabalhos e apresentação de dados, mas na maioria dos casos eles seguem as recomendações da ISO.

teoria terminográficas, assim como para os métodos a serem aplicados para o tratamento e apresentação de dados.

Outro elemento importante abordado em Terminografia é a macroestrutura, modo de organização das entradas do dicionário. Muitos dicionários especializados optam por uma apresentação sistemática, mas também eles podem ser organizados por ordem alfabética. O que tem se mostrado mais fácil e ágil é a organização por ordem alfabética, uma vez que a apresentação por ordem alfabética é mais familiar para qualquer usuário, embora não seja considerado um sistema inteligente. Uma organização sistemática pode ser útil no sentido de ajudar o usuário a entender a organização do domínio estudado e situar os conceitos dentro da área de estudo.

O inconveniente de um dicionário organizado sistematicamente é que geralmente é acessado através de um índice alfabético. Ou seja, primeiramente o usuário busca no índice alfabético o termo desejado, que o leva para a seção do dicionário onde se encontra o termo. Por outro lado, a organização alfabética leva o usuário diretamente ao termo desejado. A ordenação sistemática, de certa forma ajuda o usuário a ter uma sólida compreensão sobre os conceitos contidos nos dicionários.

Igualmente à macroestrutura, a microestrutura é um tipo de organização do dicionário, uma organização individual de cada entrada. A microestrutura organiza a sintaxe das várias partes (cada informação) que compõe um verbete. Algumas dessas informações são essenciais, outras são opcionais, a depender da escolha do terminólogo. Outros fatores, como público alvo e propósito também influenciam na escolha de informações que comporão a microestrutura do dicionário especializado, assim como a tipologia do dicionário. Dicionários monolíngues especializados ressaltam mais o significado e conseqüentemente fornecem pelo menos uma definição ou alguma informação enciclopédica. Eles podem também fornecer outras informações, tais como informação gramatical, pronúncia, exemplo de uso, sinônimos, notas.

Atualmente, muitos dicionários especializados são publicados em duas versões, uma impressa e outra eletrônica. O formato eletrônico tem influenciado na escolha tanto da macro quanto da microestrutura. Em formato eletrônico, as informações podem ser acessadas diretamente utilizando um sistema de busca, outros permitem organizar um sistema de *hiperlinks* que interligam termos inter-relacionados.

Modernamente, o processamento automático e a compilação terminográfica auxiliada por programas computacionais são qualitativamente superiores aos métodos tradicionais manuais. O terminólogo pode se concentrar apenas na compilação e no conteúdo do enunciado dos verbetes. Problemas com a ordem das entradas e a quantidade de dados já não são mais preocupantes, uma vez que os programas computacionais realizam automaticamente a tarefa de ordenar e de dar a sequência às entradas de um repertório terminológico, assim como ordena as partes que compõem a redação de um verbete: termo entrada, categoria gramatical, definição, contexto de ocorrência, remissivas.

A facilidade com que terminologias podem ser compiladas mesmo por escritores técnicos ou tradutores, que usam pacotes de programas comercialmente ou gratuitamente disponíveis, impõe apenas a necessidade de orientação sobre a manutenção da qualidade dos trabalhos que eles desenvolvem.

Terminologia e Informática

Segundo Lerat (1997), o surgimento de atividades terminológicas está estreitamente vinculado ao desenvolvimento industrial. E não foi por acaso que o primeiro organismo europeu de normalização (1901) surgiu na Grã-Bretanha, berço da revolução industrial. Neste sentido, a Terminologia está ligada ao conhecimento industrial/tecnológico. Para o autor, se a tecnologia é o objeto por excelência da Terminologia, também é seu instrumento, visto que as atividades terminológicas nos dias atuais são impensáveis sem o uso da tecnologia da informática. Com o

surgimento do computador pessoal e muitos *softwares* é possível gerenciar grandes quantidades de dados terminológicos, bastando alguns programas computacionais e algum conhecimento em Terminologia para produzir dicionário e outros produtos terminológicos.

Desde os anos de 1980 houve uma necessidade crescente para extrair automaticamente dados terminológicos de textos especializados. Nos anos de 1990, surgiram os primeiros programas computacionais com este propósito. Este desejo não era exclusivo da Terminologia, mas também de outras áreas, como a Linguística Computacional, Linguística Aplicada, Tradução e Interpretação e Engenharia da Computação, por exemplo. Todas essas áreas buscaram desenvolver programas computacionais que pudessem extrair ou separar a terminologia de textos especializados. Os objetivos dessas áreas, em relação à extração de termos, são variados (construção de dicionários, tradução automática, construção de bancos de dados).

De acordo com Pearson (1998), a identificação automática de termos já tem se tornado objeto de investigação de vários pesquisadores há algum tempo, principalmente aqueles que trabalham com recuperação de informação e processamento de linguagem natural. Segundo Pearson, Yang (1986) delineou uma técnica para identificação de termos técnicos e científicos em um *corpus* científico em inglês. Da mesma forma Bourigault, Gonzalez-Muller e Gros (1996, *apud* PEARSON, 1998) desenvolveram o LEXTERM, uma ferramenta para extração terminológica.

Uma das técnicas usadas concentra-se em examinar padrões de formação de termos em *corpora* etiquetando tais padrões para recuperar eventuais candidatos a termos. Em uma fase inicial, uma análise manual é realizada para identificar a composição dos termos e uma lista é esboçada de todas as possíveis combinações. A partir desses padrões de combinação recuperam-se todos os candidatos a termos que se enquadram nesse perfil.

A abordagem com combinação e posição de unidades terminológicas, padrões sintáticos do termo entrada e seus

modificadores, padrões de frequência e colocação para identificar termos, foram exaustivamente usados para identificar termos dentro de *corpora*.

Daille (1994, *apud* PEARSON, 1998) combinou abordagens estatísticas e morfossintáticas para extrair candidatos a termos. Segundo Pearson, a pesquisadora se focou exclusivamente sobre padrões de formação binária (por exemplo: *adj.* + *nome*), e frequência para recuperar todos os termos que se enquadravam nesse padrão.

Bourigault et al. (1996) também usaram a abordagem morfossintática para desenvolver um extrator de nome-frase, usando “configurações gramaticais que são conhecidas como não sendo parte de termos. O princípio básico é dividir o texto localizando esses potenciais limites, entre as frases nominais prováveis de serem ocorrências de termos”, isolando assim os termos.

Pearson (1998) não se convence de que há uma real vantagem em esboçar uma lista de padrões de formação de termos independente do domínio semântico, que possa ser válido. Um dos argumentos contra essa abordagem é que padrões de formação de termos podem variar de *corpus* para *corpus* ou de uma área de especialidade para outra.

Pearson prefere produzir um conjunto de padrões de formação de termos para cada *corpora* particulares, de acordo com as características da área de especialidade representada pelos *corpora*.

Pearson usou o etiquetador CLG, projetado pelo *Corpus Linguistics Group* da Universidade de Birmingham. A pesquisadora utilizou sinais linguísticos para etiquetar nomes e frases, e acredita que muitas das palavras e frases que coocorrem com esses sinais linguísticos poderiam ser termos. Usando o material recuperado acreditava ser capaz de delinear o conjunto de padrões de formação de termos para cada *corpora*. Para tanto, Pearson usou um programa de equiparação de padrão. Esse programa toma como *input* os padrões de formação de termos que consistem

essencialmente em sequências de etiquetas. Como por exemplo: *adj. + noun + noun*. O programa classifica como candidatos a termo todas as sequências etiquetadas dentro dos *corpora*. Mas a própria pesquisadora reconhece que muitos termos selecionados como candidatos a termos, de fato não são termos.

Pearson, com isso, propôs o uso de um método semiautomático para recuperar informação sobre termos de um modo geral. Diferentemente de outros métodos que usam textos apenas para identificar termos e recuperar fragmentos contextuais.

Embora todas essas tentativas tenham sido válidas, e tenham surgido muitos programas com esses propósitos, até os dias de hoje ainda não se alcançou um programa que garanta uma extração 100% automática. Os desenvolvedores desses programas encontram barreiras que aparentemente são intransponíveis.

Os principais problemas encontrados, de acordo com Cabré (1998), são:

- a) identificação e reconhecimento de termos complexos;
- b) identificação da natureza terminológica de uma unidade lexical;
- c) apropriação de uma unidade terminológica a um dado vocabulário.

Os recursos da informática têm facilitado a realização de quase todas as tarefas em um trabalho terminológico. A informática tem agilizado e eliminado tarefas repetitivas e prolongadas. Os recursos da informática trouxeram para a pesquisa terminológica maior segurança na tomada de decisões, qualidade dos trabalhos, e confiabilidade nos resultados. A informática permite uma maior organização dos dados, bem como armazenar uma maior quantidade de dados em bancos de dados cada vez maiores e mais confiáveis. Hoje é possível organizar bancos de dados particulares ou ter acesso a grandes bancos de dados, navegar dentro deles e extrair informações de maneira mais rápida e confiável.

A informática tem produzido e disponibilizado programas cada vez mais inteligentes, que tem tornado o trabalho terminológico cada vez mais eficaz. Para cada etapa de um trabalho

terminológico é possível encontrar hoje um programa computacional que desempenhe com rapidez e eficiência essas tarefas. Esses programas, de algum modo, têm substituído cada vez mais a intervenção humana.

Embora muitos autores falem de forma contundente de sistemas totalmente automáticos aplicados a dados linguísticos, tais sistemas ainda não alcançaram a plena automatização, pois esses sistemas exigem em maior ou menor grau a intervenção por parte do pesquisador.

Os objetos de estudo da Terminologia

Originalmente, o objeto de estudos da Terminologia era o conceito, com a mudança de enfoque movido pelas teorias terminológicas de perspectiva linguístico-comunicativa, o objeto central da Terminologia passa a ser o *termo técnico-científico*. Porém atualmente não apenas o termo técnico-científico, mas a definição terminológica e o texto especializado também integram as novas perspectivas de pesquisa. Neste sentido, buscamos apresentar e definir cada um desses objetos, suas características e importância para a Terminologia atual.

Segundo Krieger e Finatto (2004), esses objetos projetam de diferentes maneiras os fundamentos do conhecimento especializado. A definição terminológica corresponde à materialização linguística do componente conceitual do termo. O reconhecimento do texto especializado se justifica pelo reconhecimento do texto como *habitat* natural das terminologias e ao princípio comunicacional que postulam.

O termo

Nossa intenção em traçar um perfil do “termo” é tentar estabelecer uma ligação entre as abordagens teóricas aqui aceitas e a abordagem da investigação do reconhecimento da especificidade do termo no texto especializado. Acreditamos na concepção de que

os elementos que constroem a especificidade do termo podem ser apreendidos pelo exame do contexto de uma situação de comunicação.

Assim, crendo que o objeto central das Terminologias atuais são as unidades terminológicas, a difícil tarefa é descobrir sua natureza, como elas são encontradas e como são reconhecidas.

Rondeau (1984, p.19) foi um dos pioneiros a considerar o termo um signo linguístico, no sentido saussureano. Chamou o “termo” de *denomination* e o conceito de *notion*. Neste sentido o autor utiliza a palavra “termo” para descrever a combinação de *denomination* e de *notion*.

Embora Rondeau tenha feito essa distinção, da mesma forma que Wuster, argumentava que os terminólogos deveriam começar qualquer descrição pelo conceito, e somente após a descrição deveriam escolher um rótulo apropriado.

De outro modo, dois pontos de vista sobre o estatuto do termo são aceitos para a realização deste trabalho: o da Socioterminologia e o da TCT. A Socioterminologia concebe os termos como:

1. Signos que encontram sua funcionalidade na linguagem de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
2. Entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;
3. Itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas (FAULSTICH, 2006, p. 29).

De outro modo, com uma visão multifacetada do termo, Cabré (2000, *apud* L’HOMME et al., 2003, p. 155) propõe ver os termos como um poliedro, isto é, unidades multidimensionais, que podem ser observadas de diferentes ângulos de acordo com o ponto de vista adotado. O termo, deste modo, possui três portas de acesso: o cognitivo (o conceito), o linguístico (o termo) e o comunicativo (a situação). Neste intuito, a pesquisadora considera a unidade terminológica como o elemento mais complexo da área terminológica, pois a unidade terminológica possui a mesma

multidimensionalidade que o termo “terminologia”. Esta natureza multidimensional restringe-se a três dimensões inseparáveis que devem ser mantidas permanentemente.

Cabré observa ainda que:

Termos [...] são signos significativos e distintivos que ocorrem em discurso de linguagem de especialidade. Como as palavras, eles têm um lado sistemático (formal, semântico e funcional) uma vez que eles são unidades de um código estabelecido; eles também têm um lado pragmático, porque eles são unidades usadas em comunicação especializada para se referir a objetos do mundo real. Termos não parecem ser muito diferentes de palavras quando nós os consideramos de um ponto de vista semântico e formal; eles diferem das palavras quando nós os consideramos como unidades comunicativa e semântica (CABRÉ, 1998, p. 80-81).

Ao analisar essa concepção de “termo”, Cabré procede a partir de uma tripla concepção, sob a perspectiva de diferentes disciplinas. Sob a perspectiva linguística, os termos são o conjunto de signos que constitui um subconjunto dentro do componente lexical de uma dada língua natural. Nesta concepção, os termos não se diferenciam das palavras de uso comum. São unidades do léxico que fazem parte da competência do falante. Esta competência pode ser geral ou especializada. Assim, os termos carregam um conhecimento especializado, um saber específico.

Sob a perspectiva filosófica, a terminologia é um conjunto de unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado. Através dos termos, o falante tem a possibilidade de conhecer o mundo, as coisas.

Sob a perspectiva das disciplinas técnico/científicas, a terminologia é o conjunto de unidades que permitem a transferência de conhecimento especializado através da comunicação.

Sob essas três perspectivas, a terminologia é concebida como o conjunto de unidades que possuem propósitos essenciais, pois possuem um valor funcional. Para a linguística são as unidades de significação; para a filosofia são unidades de cognição e para as

técnicas especializadas são unidades de denominação e comunicação. Assim, respectivamente, os termos significam, representam e denominam (CABRÉ, 2004).

Em uma conceituação mais abrangente, podemos dizer que termos são expressões da linguagem natural usada para comunicação em áreas de especialidade. Um termo serve para comunicar um conceito, para alcançar o conhecimento de um conceito. Costuma-se atribuir a cada termo uma definição cujo propósito é descrever o conceito particular e delimitá-lo de outros conceitos (perspectiva recomendada pela Terminologia Tradicional).

Segundo Marciel (2001), o que distingue a unidade lexical especializada da unidade da linguagem comum, é a conjugação do caráter de representante de um conceito temático, juntamente com as funções pragmáticas assumidas na comunicação. De onde decorre que o reconhecimento da especificidade do termo somente pode ser efetuado no ambiente de comunicação (entenda também como inserido em um texto especializado). “Um termo é uma unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo. O termo é uma unidade de designação dos elementos do universo percebido ou concebido. Ele só se confunde raramente com a palavra ortográfica”. (GOUADEC, 1990, p. 3, tradução nossa)²⁹.

Atualmente, dentro dos novos estudos terminológicos, assume-se que as terminologias adquirem tal estatuto nas comunicações especializadas, incluindo seus processos discursivos e pragmáticos, e que, como qualquer língua natural, estão sujeitas aos mesmos fenômenos linguísticos que afetam os sistemas linguísticos naturais. Deste ponto de vista, decorre o reconhecimento de que o termo é uma “*unidade linguístico-comunicativa*” multifacetada.

De acordo com Krieger e Finatto, o termo,

²⁹ Un terme est une unité linguistique désignant un concept, un objet ou un processus. Le terme est l'unité de désignation d'éléments de l'univers perçu ou conçu. Il ne se confond que rarement avec le mot orthographique.

Nessa visão mais abrangente (poliédrica), [...] compreende tanto uma vertente conceitual, expressando conhecimento e fundamentos dos saberes, quanto uma face linguística, determinando sua naturalidade e integração aos sistemas linguísticos, além dos aspectos que se agregam às suas funcionalidades comunicacionais básicas: fixar e favorecer a transferência do conhecimento (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 80).

A visão atual da Terminologia, no âmbito de uma concepção comunicativa, vê o termo como um dos elementos que configura a linguagem de especialidade. Assim, são estas as concepções sobre a natureza do termo aceitas para esta pesquisa:

- a) o termo é a unidade linguística de significação especializada, de dimensão cognitiva e função comunicativa, natural usada na língua comum em situação especializada;
- b) o evento comunicativo em que se utiliza a linguagem de especialidade atualiza o valor especializado do termo;
- c) o evento comunicativo da linguagem de especialidade é o texto especializado;
- d) o termo admite variação polissêmica e sinonímica.

Termo e palavra

Epistemologicamente, palavra e termo são unidades de natureza diversa. A palavra é uma unidade lexical do léxico comum, do léxico geral da língua; o termo é uma unidade lexical de linguagens científicas e técnicas. Essas unidades desempenham funções diferentes, pois representam universos linguísticos de natureza diferente. A palavra é uma unidade da Lexicologia; termo é uma unidade da Terminologia. Lexicologia e Terminologia possuem estatutos diferentes, pois o conteúdo semântico de palavras e termos é revelador de processos e comportamentos diferentes no discurso.

Embora essa prática de separar palavras de termos, tomando por base as disciplinas em que elas atuam, seja amplamente aceita nos estudos que envolvem as duas disciplinas, a linha que separa esses dois tipos de unidade lexical é muito tênue. Tanto a palavra

quanto o termo podem revestir-se de vários significados e desempenham funções em contextos variados, através de dois mecanismos: a polissemia e a sinonímia. Nesse sentido, palavras podem vir a ser termos e termos podem vir a ser palavras.

Teoricamente, linguistas e terminólogos estabelecem a diferença entre palavra e termo, relacionando esse limite às linguagens a que cada um pertence. O termo é limitado às linguagens de especialidade e a palavra é mais abrangente, pertence a uma linguagem mais ampla, a língua geral.

Palavras comuns tornam-se termos, isto é, adquirem *status* de termos quando são usadas em domínios de especialidades.

Sager (1990) faz uma distinção entre *termo* e *palavra*. Segundo ele, termos e palavras coexistem em uma linguagem de especialidade. Dentro de um conjunto geral do léxico existem aqueles itens que são dotados de uma referência especializada e específica, e por isso demarcam uma disciplina. Os itens que são caracterizados por uma referência especial dentro de uma linguagem de especialidade são chamados de *termos* daquela disciplina, e em conjunto totalizam a *terminologia* daquela área. Por outro lado, existem dentro da mesma linguagem de especialidade, itens de referência geral, que não parecem ser dotados de uma referência especializada, pois seus conteúdos parecem vagos e gerais. Este conjunto é simplesmente chamado de *palavra* e a sua totalidade de vocabulário.

Hoffmann (2004) assume que existem pontos de vista que definem um termo. Há um ponto de vista que considera que há uma terminologia específica de uma linguagem de especialidade e a este conjunto poderia dar o *status* de termo e a todas as outras palavras poderiam ser consideradas parte da linguagem geral. Existe outro ponto de vista que considera todas as unidades lexicais usadas em uma área particular como termos. Há ainda um terceiro ponto de vista que defende a existência de três categorias de termos dentro de uma linguagem de especialidade: *termos especializados específicos*; *termos especializados não específicos* e *vocabulário geral*.

De acordo com o primeiro ponto de vista, *termos especializados específicos* consistem em itens que são usados apenas em uma área, são monossêmicos. No grupo de *termos especializados não específicos* estão incluídas palavras com referências especializadas que são usadas em uma determinada área ou em mais de uma área. O grupo de *palavras do vocabulário geral* são palavras que não possuem referência especial em nenhuma área. Em uma análise mais precisa de um texto de qualquer área de especialidade, será possível encontrar essas três categorias de itens lexicais. As duas primeiras categorias são termos, a última são palavras do vocabulário comum. Portanto, pode-se identificar termo que se configura como tal em apenas um domínio; termos usados em mais de um domínio e palavras de uso comum que não são termos.

Ao que parece, em qualquer área de especialidade, há um conjunto de termos altamente técnico, exclusivo de uma dada área particular e ao mesmo tempo, outro conjunto de termos que ocorre na mesma dada área de especialidade devido ao contato ou uma extrema aproximação com outras áreas de especialidade (palavra com referentes especializados usada em mais de um domínio); e ainda, é evidente, ocorre um conjunto de palavras de ocorrência não-especializada, palavras da linguagem ordinária.

É evidente que também há um quarto conjunto de termos, aquele que é de uso comum, mas que em certos contextos especializados adquire um conteúdo especializado, diferente daquele conteúdo da linguagem comum.

Uma das principais características dos termos é o fato de os mesmos serem mais independentes do contexto que as palavras de uso comum, devido ser uma unidade do conhecimento de conteúdo mais estável dentro de uma área do conhecimento.

Para Cabré,

Os aspectos pragmáticos são os que melhor permitem diferenciar os termos das palavras. Pragmaticamente, os termos e as palavras distinguem-se i) por seus usuários; ii) pelas situações em que se utilizam; iii) pela temática que vincula; iv) pelo tipo de discurso em que costumam aparecer (CABRÉ, 2004, p. 18).

Em geral, as palavras podem adquirir *status* de termos, assim como termos podem perder seu *status* e tornarem-se palavras. Essa parece ser uma dinâmica comum entre as linguagens de especialidades e as línguas gerais.

A definição terminológica

A definição constitui um ponto de passagem obrigatório de todo trabalho terminológico. Assim a abertura de uma discussão sobre definição terminológica neste trabalho se justifica pelos objetivos que se pretende alcançar com a produção de um Dicionário e pela importância desempenhada pela definição na descrição de terminologias. Em resumo a inclusão da definição no dicionário se deve a três objetivos amplos:

1. A definição é necessária para situar o termo em sua posição na estrutura de conhecimento apropriada. Uma vez que esta é uma atividade puramente terminológica, nós chamamos este processo de “definição terminológica”. Ela pressupõe um entendimento da intenção do termo que é adquirida de definições existentes, de contextos, de consultas a especialistas e através de conhecimento da área;
2. A definição é necessária para fixar o significado especializado do termo. Esta é a definição “intencional” usada por especialistas para determinar a referência precisa de um termo. Ela será flexível e será menos rigorosa em certas áreas do conhecimento [...]. Variações pequenas em designação e desempenho são geralmente adicionadas à intenção de um termo sem levar a outra redefinição ou redesignação [...];
3. A definição é necessária para dar aos não-especialistas algum grau de entendimento do termo, e este tipo pode ser chamado de “enciclopédico” (SAGER, 1990, p. 48).

A definição é a representação do conceito ou parte dele e não deve ser confundido com ele. O conceito é algo abstrato, e por ser abstrato precisa de uma caracterização, ou de uma representação para ser transmitida, no caso, a definição.

Neste sentido, considerando o conteúdo das definições terminológicas, há pelo menos três tipos de definição terminológica:

- a) definição por intenção, que Temmerman (2000) chama de definição genérica;
- b) definição por extensão, que frequentemente é acompanhada pela definição por intenção;
- c) definição partitiva ou meronímica.

Alves (1996) observa que a definição por intenção é, certamente, a mais adequada aos trabalhos terminológicos, uma vez que ela situa o conceito no âmbito de uma classe e especifica o que o distingue dos outros conceitos situados na mesma classe.

Em resumo, essa definição, também conhecida como definição aristotélica, é representada pela fórmula $X = Y + \text{diferença específica}$, em que X é o termo a ser definido, Y é o hiperônimo, e a diferença específica são todos os caracteres necessários e suficientes (no sentido lógico) para distinguir o conceito designados por X de outros membros da mesma classe. O termo a ser definido (o X da fórmula) é classicamente conhecido como “*definiendum*”³⁰, enquanto o restante (Y + diferença específica) é conhecido como “*definiens*”.

O tipo de comportamento linguístico caracterizado pela delimitação e identificação de um objeto – que é o tópico do *definiendum* - tem sido apreciado por sua condição de predicação. Ou seja, tem-se focado a definição em termos de um sujeito e predicados. Em sentido terminológico, sujeito é o termo a ser definido, e predicados são os elementos que compõem o enunciado definitório. Esse enunciado definitório não segue um padrão sintático ou mesmo um padrão de ocorrência ou não de elementos

³⁰ Segundo Dapena (2002, p. 269), toda definição deve estar constituída de dois elementos entre os quais se produz a equivalência: o definido ou *definiendum*, representado pela entrada do verbete, e o definidor ou *definiens*, que é a expressão explicativa que costumamos chamar de definição.

que compõem o gênero próximo ou diferença específica, simultaneamente.

Uma definição pode ser bastante exaustiva, bem detalhada, com acréscimo de comentários que ajudam num melhor entendimento da definição, tanto para um especialista da área quanto para um leigo. Por outro lado, uma definição pode ser bastante breve. O primeiro caso constitui uma tendência na formulação definitiva de ir além de uma mera menção do gênero próximo e da diferença específica.

Todavia, como a definição é um texto importante, é natural que a formulemos sob a forma de um enunciado claro e objetivo. Mas, nessa direção, adotar ou requerer um padrão de formulação uniforme, absoluto ou invariável, que possa valer para qualquer situação, é uma medida pouco inteligente à medida que nos distancia da realidade da linguagem cotidiana e também de uma linguagem técnico-científica em foco. [...] a variação e as heterogeneidades são traços constitutivos da linguagem *in vivo*, seja ela especializada ou não. Portanto, enunciados definitórios terminológicos, ao constituírem linguagem e texto, também são espaços de heterogeneidade e variação. Ainda assim, a capacidade de fornecer uma delimitação é indispensável para que haja a compreensão do texto-definição (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 164).

A definição terminológica volta-se para a significação técnico-científica e para a situação comunicativa mais específica. Visto de outro modo, uma definição terminológica atende aos anseios de grupos técnicos ou científicos particulares. Por isso, a linguagem empregada na definição terminológica se torna de difícil acesso para quem não pertence a estes grupos ou desconhece o conhecimento técnico-científico veiculado por estes grupos. Por outro lado, se o formulador da definição objetivar um público leigo poderia acrescentar outras características mais gerais e comuns, podendo até mesmo citar exemplos claros de aplicação e uso em uma linguagem mais simples.

Embora os estudos em Terminologia busquem uma definição genuinamente terminológica, na maioria das vezes é impossível evitar transposições da estrutura e características da definição

lexicográfica, mesmo porque há toda uma tradição de estudos lexicográficos teóricos sobre definição que não podem ser ignorados. Por outro lado, em se tratando de dicionário ou glossário terminológico, uma boa parte das fontes, de onde se extrai os termos e suas definições, são de *corpora* textuais, são textos técnico-científicos nos quais as definições aparecem de modo “original”, diferentes daquelas que a tradição dicionarística e a Terminologia Tradicional costumam formular. Nesses textos técnico-científicos, o enunciado definitório é enriquecido com comentários, explicações, retomadas e exemplificações. Em vista disso, essas peculiaridades são também transferidas para a definição no âmbito dos dicionários ou glossários, pois tais peculiaridades são indispensáveis para a reflexão e o entendimento do público interessado.

Segundo Bourigault e Slodzian (2004, p. 106-107) “a definição deve ser coerente com os sentidos contextuais (validados no *corpus*) e pertinente em relação à aplicação (como está inscrito em uma aplicação, ela integra os objetivos comunicacionais e deve ser ‘localizado’”.

Rey-Debove (1971 *apud* GELPÍ; CASTILHO, 2004) considera que a definição se completa e se apoia em exemplos de uso, de modo que os traços distintivos da coisa definida estão repartidos entre a definição e o exemplo. Alinhados a este pensamento, Gelpí e Castilho (2004) consideram que os traços distintivos devem aparecer tanto na definição quanto no artigo lexicográfico completo. Justificando esse posicionamento, as autoras argumentam que a transmissão do significado das unidades contida no dicionário é de responsabilidade tanto do artigo lexicográfico quanto da definição, e deve-se levar em conta que o sentido é transmitido por e no artigo, o que dá a informação qualidade superior à informação contida apenas na definição. Assim, o peso da transmissão do conhecimento fica integrado ao artigo como um todo.

Ainda com esse ponto de vista, as autoras afirmam que artigo lexicográfico é o mais indicado para a transmissão do

conhecimento porque transmite informações variadas sobre o termo. Deste modo, é possível observar informações do tipo gramatical, semântica e pragmática. Assim, a definição é um tipo de informação dentro da unidade estrutural que transmite conhecimento, o artigo lexicográfico. Por natureza, a definição transmite informação semântica, mas também pode transmitir informação pragmática e gramatical (GELPÍ; CASTILHO, 2004).

É válido ressaltar que a definição terminológica não se confunde com a definição lexicográfica. No primeiro caso, a definição busca descrever um conceito o relacionando a um termo dentro de uma área específica e não outros conceitos que o termo possa ter em outras áreas. No segundo caso, a definição procura descrever todos os conceitos que uma palavra possui tanto em linguagem geral quanto em linguagens especializadas.

Ainda que a definição terminológica possua características próprias e seja elaborada de acordo com o público alvo, há uma incontestável imposição de padrões rígidos para a elaboração da definição e do verbete como um todo. A normalização é um procedimento útil para a organização do texto dos verbetes e para a compreensão do público a quem interessar.

A definição terminológica segue um conjunto de regras básicas. Cada classe gramatical possui regras próprias para o paradigma definicional. Recomenda-se iniciar a definição de um substantivo por outro substantivo ou locução substantiva hiperônima que localize e recorte os termos dentro do sistema de conceito. Trata-se de um traço genérico que deve ser do conhecimento comum, definido em dicionário geral, ou definido no próprio dicionário terminológico construído. É preciso também limitar a extensão do sema superordenado, especificando características que diferenciam a entrada de outras noções.

Na definição de um verbo, recomenda-se iniciar por outro verbo sinonímico lematizado³¹. A definição de um adjetivo segue

³¹ Lematização “consiste no registro sintético da unidade, a partir de uma forma de realização tomada como referência, normalmente indicada na forma singular

este mesmo critério usado para os verbos, mas desta vez a definição é iniciada por outro adjetivo sinonímico.

A estrutura definicional nem sempre pode ser respeitada, isto porque existem diferenças entre conceitos que indicam funções variadas, como produto, objeto, ferramenta, máquina, processo, proposta, resultado, causa, recomendação.

Um exemplo de diretriz normalizadora é a norma ISO 704, de 1987, que traz orientações para a elaboração de definições para dicionários ou glossários técnico-científicos. Essas orientações recomendam, de modo geral, objetividade e clareza na formulação da definição.

Um aspecto importante que tem contribuído para o estudo linguístico das definições são as teorias enunciativas, principalmente a semântica da enunciação, sobretudo na obra de Émile Benveniste (1989).

A observação da obra de Benveniste nos estudos terminológicos é de fundamental importância. Contrariando a perspectiva da TGT, Benveniste vai tratar do sujeito que se apropria da linguagem, com isto, tem-se uma nova visão sobre a linguagem científica e técnica, que, de acordo com a TGT, era apresentada como uma linguagem relacionada a um saber sem autoria definida, concebida como pré-existente a ação humana. Essa visão isolada da linguagem, ao modo de Saussure, excluía o papel dos sujeitos do discurso, dos sujeitos usuários dessas terminologias. Por isso, o tratamento das definições era mais conceitual que propriamente linguístico.

O sujeito usuário-representante das terminologias teve seu papel valorizado apenas com uma mudança de enfoque inaugurada pela Socioterminologia, pela TCT e pela TST que deram um enfoque mais linguístico às terminologias. De um modo geral, a semântica enunciativa deu uma nova luz à Terminologia, em especial a definição de termos científicos e técnicos. A ideia

e no masculino quando temos nomes, ou no infinitivo, quando se trata de verbos" (BEVILACQUE; FINATTO, 2006, p. 46).

defendida por Benveniste, de apropriação da língua por uma classe ou segmento social, é uma das maiores contribuições para a Terminologia de enfoque linguístico, isso nos ajuda a projetar um olhar particularizado sobre as terminologias de acordo com a comunidade técnico-científica.

O Texto especializado

Enfatizar a importância do texto especializado é válido para este trabalho, uma vez que foi a partir dos textos de cunho técnico, em sua maioria, que demos início a esta pesquisa e de onde extraímos os termos, definições e contextos de ocorrência.

O acolhimento do texto como *habitat* natural das terminologias provocou uma mudança de enfoque nos estudos terminológicos, acarretando o reconhecimento de que os termos não devem ser apreendidos fora de seus contextos de ocorrência, e sim como elemento da linguagem em funcionamento, com todas as implicações que qualquer palavra em contexto possui. O texto passa a ser objeto de análise, fonte de extração e observação para o comportamento dos termos tanto numa concepção textual quanto numa concepção discursiva.

Um texto especializado se define em oposição a um texto de linguagem geral. De modo amplo, os textos especializados se definem levando-se em conta os aspectos lexicais, gramaticais e tipológicos (tipologia de texto). Segundo os aspectos lexicais, um texto especializado se caracteriza por seu conjunto de itens lexicais especializados, ou seja, uma maior frequência de termos especializados empregados no texto. Pelo critério gramatical, um texto especializado se caracteriza não apenas por um maior índice de termos técnicos, mas também, por suas estruturas gramaticais. Isto é, apresentam um maior número de itens lexicais, cuja estrutura gramatical se diferencia ou fogem das regras da gramática normal (maior número de termos compostos, longos, acrônimos, elipses). De acordo com o terceiro aspecto, da tipologia dos textos, um texto especializado é definido levando-se em

consideração sua função e organização (PEARSON, 2004) (diria que, nesse sentido, o termo mais correto seria gênero textual, ao invés de tipologia textual), pois nesta perspectiva, os textos são agrupados de acordo com sua função-estrutura-organização (fala-se então em artigos científicos, relatórios, livros técnicos, teses, dissertações).

Essas considerações são válidas, mas nenhum dos aspectos acima é suficiente e necessário para considerar um texto como especializado e que sirva de fonte de informação. É necessário lembrar que qualquer texto que contenha alguma informação especializada relacionada a uma área em estudo e que contenham elementos definitórios, contextos, termos especializados e ocorrências pertinentes servem como fonte de extração, mesmo que essas informações sejam mínimas. Porque se for aceito apenas textos que se enquadram nos aspectos de frequência dos termos, de estruturas gramaticais incomuns e tipologia, corre-se o risco de deixar de fora da pesquisa muitos textos pobres em relação aos aspectos acima citados, mas que podem apresentar informações indispensáveis para o andamento da pesquisa.

Além desses aspectos, deve-se levar em conta a relação do assunto abordado no texto com a área em estudo. Assim, todos os textos devem ser escolhidos de forma que cada um deles permita apontar termos, elementos definitórios e contextos de ocorrência.

Cabré (1998) opõe elementos linguísticos a elementos pragmáticos na tentativa de diferenciar o texto especializado e o texto de língua comum. Linguisticamente, a autora leva em conta os aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos. Do ponto de vista pragmático, leva em conta os autores e destinatários, situações comunicativas e propósitos visados.

Embora a autora analise a funcionalidade dos textos especializados, destacando as intenções pragmáticas do autor, faz um alerta de que não há justificativa para se referir a um código linguístico diferente daquele usado nos textos de língua comum. O texto especializado se particulariza pela temática, pelos usuários,

pelo contexto comunicacional, e pelo expressivo número de itens lexicais especializados que o ligam a uma área específica.

Outro critério que pode servir de base para a escolha de textos é a relação autor-leitor. Pearson assume

[...] que há três tipos de relação autor-escritor que pode ser de interesse para o pesquisador: comunicação entre especialistas; comunicação entre especialista e pessoas que já têm outra competência na área em questão e comunicação entre especialistas e pessoa sem formação alguma (PEARSON, 2004, p. 55).

No Primeiro caso, espera-se um texto com alta frequência de termos, uma vez que, por ser usada uma linguagem mais técnica, haverá uma alta densidade de termos. Mas por outro lado, haverá uma frequência muito baixa de elementos definitórios, pois fica subentendido que autor e leitor conhecem os termos usados nos textos.

No segundo caso, a comunicação ocorre entre pessoas da mesma área do conhecimento, mas com graus de formação diferentes, ou seja, com níveis de especialização diferentes. Neste caso, haverá a necessidade de explicar, mediante elementos definitórios, muitos termos usados em um texto.

No terceiro caso a densidade de termos será bem menor e haverá uma maior necessidade de explicá-los. Esses textos, por este aspecto, serão mais ricos em elementos definitórios.

Pode-se expressar essa relação em uma figura e demonstrar que todos os textos são importantes. Os mais especializados apresentam maior densidade de termos e menor densidade de definições, e os textos menos especializados apresentam um menor índice de termos, mas uma maior densidade de elementos definitórios.

Figura 1 - Relação da densidade entre termos e definições em textos mais ou menos especializados.

Tipos de texto	Termos	Definições
Texto mais especializado	+	-
Texto menos especializado	-	+

Fonte: Elaborado pelos autores.

Se observarmos a relação entre texto mais especializado e menos especializado, notaremos uma relação inversa quanto à ocorrência de termos e definições nesses textos. Daí a importância de considerar todos esses textos em um trabalho terminográfico; de uns se extrai um maior número de termos e de outros um maior número de definições. Assim, é necessário ter em mente o quão são importantes os textos das teses e dissertações, cenários comunicativos para uma pesquisa terminográfica.

Segundo Gaudin (1993), a extração do conhecimento especializado, por um especialista, analisando textos já redigidos, permite, sobre domínios, necessariamente limitados, um ganho de produtividade da ordem de 500%. Há aí, um jogo econômico real. Mas é necessário observar que, apesar da pesquisa terminológica textual ser bastante produtiva, o saber especializado, que é extraído desses textos, é construído e atualizado na prática, uma vez que a transmissão do conhecimento também exige essa dinâmica para ser produzido, um saber que ao mesmo tempo é individualizado e fortemente socializado. “A prática está vinculada à oralidade, mas o conhecimento das práticas passa pela escrita em sentido amplo” (LERAT, 1997, p. 58).

Alguns autores, como Bourigault e Slodzian (2004) afirmam que a ideia de que o especialista de uma área seria depositário de um sistema conceitual não é produtiva, por isso, é amplamente defendido pela TCT e Teoria Sociocognitiva da Terminologia que

uma análise terminológica deve partir de uma análise básica de um *corpus*, pois análise baseada apenas em especialistas tem grandes chances de fracassar.

Segundo Bourigaut e Slodzian (2004, p. 104), “a atividade de construção de uma terminologia torna-se, antes de tudo, uma tarefa de análise de *corpora* textuais”. Neste sentido há duas razões para essa consideração:

- 1) as aplicações da terminologia são mais frequentemente aplicações textuais [...]; a terminologia deve “vir” dos textos para melhor “retornar” a eles. É justamente porque ela nunca é desvinculada do texto que se fala em “terminologia textual”;
- 2) É nos textos produzidos ou utilizados por uma comunidade de especialistas que estão expressos e, portanto, disponíveis uma boa parte dos conhecimentos compartilhados por essa comunidade; é, pois, por aí que se deve começar uma análise (BOURIGAULT; SLODZIAN, 204, p. 103).

De outro modo, Krieger e Finatto (2004, p. 106) assumem que:

Para as novas teorias da Terminologia, caso da Socioterminologia e Teoria Comunicativa da Terminologia, a relevância do texto está diretamente vinculada ao princípio comunicacional que postulam. Isso corresponde a considerar o texto como “habitat” natural das terminologias, bem como concebê-lo como objeto de comunicação entre destinatador e destinatário.

Um fator que corrobora a ideia de analisar o termo a partir do contexto, ou seja, inserido no texto, consiste na verificação de que nem todas as palavras usadas em uma área de especialidade têm um uso técnico, mas sim um uso comum e somente com a análise do contexto podemos estabelecer distinções entre termos e palavras.

Outra noção muito relevante para a análise das terminologias em seus contextos de ocorrência é a noção de *universo discursivo*, no qual as áreas especializadas ficam bem demarcadas e os limites temáticos e científicos bem definidos, identificando e situando o termo como pertencente a uma área ou outra.

À luz da Socioterminologia e da TCT, a identificação das unidades terminológicas de certo domínio se torna mais fácil quando partimos do contexto de ocorrência, tendo em mente a noção de universo discursivo. Essa abordagem, portanto, torna possível uma delimitação e identificação mais precisa e fácil, visto que a Terminologia clássica identificava as unidades terminológicas a partir da chamada árvore de domínio ou através de campos conceituais de conhecimento.

Como a apreensão do contexto se dá a partir do texto, este passou a ser objeto de investigação de muitos estudiosos em Terminologia, cujo objetivo era se aprofundar no conhecimento da chamada comunicação especializada e precisar sua conceituação.

Em síntese, tanto o termo quanto a definição terminológica e o texto especializado integram as novas perspectivas de investigação dos estudos terminológicos, configurando-se como objetos de análise, e por isso, são válidas para este trabalho as considerações que aqui fizemos.

Configurações e estruturas terminológicas

Barros, ao estudar os processos de composição de termos, considera três tipos de termos quanto à estrutura:

Termo simples: unidade terminológica constituída por um único lexema, independente do processo de formação deste;

Termo complexo: unidade formada por composição sintagmática, ou seja, por um grupo de lexemas e morfemas gramaticais (palavras nocionais e gramaticais) não ligadas por hífen, também independente do processo de formação de termos;

Termo composto: unidade terminológica formada por dois ou mais lexemas que se encontram em situação de não-autonomia representada graficamente pela utilização do hífen (BARROS, 2007, p. 399).

A autora diferencia termo composto de termo complexo. Os do primeiro tipo são formados por mais de um item lexical sem uso do hífen; e os do segundo tipo são formados com o auxílio do hífen.

É patente o entendimento de que as terminologias tendem à composição – *sintagma* em oposição a *vocábulo simples*. Outro aspecto é a grande incidência de substantivos e pouca ocorrência de adjetivos e verbos. Analisando o conjunto de uma obra lexicográfica e a comparando com outra terminográfica, observaremos também nesta, que a presença de substantivos é quase categórica, e a de verbos, adjetivos e advérbios é muito escassa. De outro modo, aquela apresenta todas as categorias de palavras.

Pontes (2004) classifica as unidades terminológicas em dois tipos: os termos e as fraseologias. O autor também apresenta seus processos de formação:

- autóctone ou adoção;
- deslocamento;
- gerados na própria área;
- importados de outras línguas.

Para as fraseologias, considerando um grau maior ou menor de fixação:

- locução – formada a partir de um núcleo nominal ou deverbal;
- colocação – caracterizado pela presença de um tema que tem como núcleo um verbo.

De um modo geral, a característica fundamental é a composição por mais de uma palavra. Como reconhecem Krieger e Finatto (2004, p. 81):

Há vários estudos que comprovam a prevalência das terminologias instituídas ao modo de sintagmas, num percentual que se situa em torno de 70% das ocorrências terminológicas. O alto percentual é recorrente em áreas novas que ainda estão constituindo seus conceitos e termos.

Outro aspecto importante da configuração das terminologias diz respeito não apenas aos termos simples e sintagmas terminológicos, mas a outras estruturas que são consideradas, em seus domínios, verdadeiros termos técnicos. Estamos nos referindo

às siglas, acrônimos, abreviaturas e fórmulas que são usados com muita frequência nas terminologias, chegando ao ponto, às vezes, de os usuários esquecerem o vínculo dessas estruturas com os sintagmas ou termos que elas representam, vindo a se tornarem termos plenos. Esse potencial das terminologias se revela a partir da natureza das linguagens de especialidade, de estarem em conformidade com os padrões estruturais dos sistemas linguísticos naturais.

Barros (2007) afirma que nas línguas de especialidade é comum ocorrer designação que se caracteriza como unidades braquigráficas (do grego – braqui = breve, conciso), isto é, formas reduzidas, abreviadas.

No geral, as unidades braquigráficas podem assumir diferentes formas ou combinar letras, números e símbolos (elementos não-linguísticos). Koucourek (1991 *apud* BARROS, 2007) denomina unidade ideográfica as unidades braquigráficas compostas por algum elemento não-linguístico. As unidades braquigráficas envolvem as siglas, acrônimos ou outras formas de representação ideográfica.

A acronímia resulta da economia descritiva em que as iniciais de um termo composto formam um outro termo, geralmente são pronunciados em uma única palavra. A sigla resulta de uma formação em que a letra inicial de cada palavra de um termo composto forma uma única palavra; geralmente, as siglas são soletradas, isto é, cada letra é pronunciada separadamente. Mas há siglas que são pronunciadas como se fosse uma única palavra, assim como há acrônimo pronunciado de modo soletrado.

Outro tipo de estrutura de interesse da Terminologia, que não podemos confundi-la com o sintagma terminológico ou com os próprios termos, é a fraseologia especializada, que por vezes inclui termos especializados em sua constituição.

Um dos grandes desafios da Terminologia é buscar definir uma fronteira entre termos, sintagmas terminológicos e fraseologia especializada, visto que tentar sistematizar as características de cada sintagma tem sido algo complexo. De acordo com Krieger e

Finatto, não só a Terminologia teórica tem se preocupado com a fraseologia como também a Terminologia aplicada:

[...] a Terminologia aplicada se preocupa com a fraseologia dada a necessidade de tratamento informatizado das estruturas linguísticas recorrentes que vinculam conhecimento especializado. A descrição dessas estruturas contribui largamente para a produção aplicada da Terminologia seja para própria construção de programas especiais voltados para a extração automática das unidades terminológicas e fraseológicas (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 85-86).

Conhecer estas configurações da terminologia é importante na medida em que o reconhecimento das estruturas que os termos podem apresentar ajuda a identificá-los nos textos e nos discursos especializados.

Sinonímia e variação

Os estudos terminológicos atuais, que surgiram a partir das críticas feitas ao modelo de Wuster, têm se ocupado do estudo da sinonímia desde o início das reflexões. O próprio modelo de Wuster já previa a ocorrência de sinônimos na linguagem de especialidade ao privilegiar a univocidade na comunicação especializada.

[...] A terminologia fundamentalmente *representacional* pode ser perfeitamente artificial e arbitrária, e pode controlar ao máximo a variação, preservando, pois, o princípio de univocidade e monossemia da teoria clássica. A *terminologia basicamente comunicacional natural*, por outro lado, deve ser necessariamente real, no sentido que tem que ser efetivamente, diretamente e fundamentalmente utilizada, e, se é real, apresenta variação (CABRÉ, 2005b, p. 80, grifos do autor; tradução nossa)³².

³² [...] La terminología fundamentalmente representacional puede ser perfectamente artificial y arbitraria, y puede controlar al máximo la variación, preservando, pues, el principio de univocidad y monosemia de la teoría clásica. La terminología básicamente comunicacional natural, en cambio, debe ser

Como atualmente é amplamente aceito que as terminologias pertencem às linguagens naturais em todos os seus aspectos, seria incoerente não aceitar o fenômeno da sinonímia nas terminologias, e inconsistente não ser abordado na Ciência Terminológica.

Em toda e qualquer terminologia estudada, é preciso esclarecer os critérios para se definir e considerar termos como sinônimos e situá-los dentro de uma modelo variacionista.

Com seu trabalho de doutoramento, Wuster defendia a tese de uma terminologia unívoca, em que recomendava a exclusão de toda sorte de ambiguidades, evitando assim termos homônimos, polissêmicos e sinonímicos. Isso significou uma completa negação à variação terminológica.

De acordo com Wuster (*apud* FAULSTICH, 2010), era necessário fazer uma distinção entre variação linguística monolíngue e variação linguística interlíngue. A primeira pode ser regional e pode ocorrer entre campos temáticos. A segunda se dá quando diferentes termos são empregados para designar um só conceito em várias línguas. Por outro lado, Wuster, pressupondo eliminar a variação, tinha um ideal normalizador, cujos objetivos eram tornar os termos monorreferenciais dentro de uma área de especialidade. Normalizar, nesse sentido, era simplificar *a posteriori*, isto é, suprimir os sinônimos e homônimos.

Wuster reconhecia essas questões da variação terminológica, mas não as aceitava, pois defendia a tese de que o termo deveria ser monovalente, ainda que polissêmico. E foi defendendo essa ideia que a Terminologia Tradicional foi desenvolvida.

A própria ISO 704, admite a sinonímia em terminologia padronizada. Pois, uma das funções primárias de uma terminologia padronizada será indicar os termos preferidos, admitidos e descartados. Assim, um “termo recomendado por um comitê técnico será considerado um termo preferido ao passo que um termo admitido representará um sinônimo aceitável para um

necesariamente real, en el sentido que tiene que ser efectivamente, directamente y fundamentalmente utilizada, y, si es real, presenta variación.

termo preferido” (ISO 704, p. 29). Termos descartados são termos rejeitados. Do mesmo modo, a ISO 704 recomenda que um termo pode ser um sinônimo possível para um termo preferido, mas é descartado no interesse da monossemia (ISO 704).

A comunicação especializada contém casos complexos de polissemia, que não podem ser “resolvidos” por comitês terminológicos porque tanto a polissemia quanto a sinonímia são “úteis” e “significativas” em comunicação especializada (TEMMERMAN, 2000). Neste sentido, monossemia e mononímia são artificialmente mantidas.

Outra questão perturbadora, internamente defendida pela Terminologia Tradicional, duramente criticada pelas teorias subsequentes a ela, principalmente pela Terminologia Sociocognitiva, foi a univocidade do termo, usada para eliminar a ambiguidade na comunicação. De acordo com Temmerman (2000, p. 14), “a linguagem é tratada como um objeto, um produto, uma *commodity*, ao passo que a realidade linguística nos fala uma história diferente”. A TGT trata o conceito como se ele fosse independente da linguagem para que a relação unívoca “termo - conceito” seja alcançada, esquecendo que a variação, a sinonímia, a homonímia, a polissemia é intrínseca à linguagem. Há relatos (TEMMERMAN, 2000) de que a polissemia e a sinonímia são funcionais (necessárias) e, portanto, são aspectos inevitáveis em terminologia.

Antes de lidar com aspectos desejáveis, com é o caso da univocidade, a Terminologia tem que lidar com fatos linguísticos, com é o caso da polissemia e da sinonímia. A relação de univocidade termo – conceito é um axioma tomado pela TGT e não um princípio científico que fundamente uma pesquisa científica.

A problemática da sinonímia em terminologia é um fenômeno de envergadura que a Terminologia, e muitos terminólogos também, ignoram pela ausência de estudos sobre essa matéria, embora a variação seja uma propriedade muito inerente às línguas naturais, ocorrendo em todos os níveis de estrutura. É por natureza, um fenômeno linguístico óbvio e é estudado em

linguística descritiva. Esta noção de variação foi por muito tempo negada e combatida nos estudos terminológicos, principalmente pela Terminologia Tradicional.

As teorias terminológicas mais recentes, como a Socioterminologia (GUADIN, 1993), a Terminologia Sociocognitiva (TEMMERMAN, 2000) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1998) têm questionado esse princípio da univocidade, dando mais relevância para a variação, uma vez que as linguagens especializadas são consideradas também linguagens naturais.

Nos anos de 1990, surge a Socioterminologia que entendia a variação como um fenômeno natural e inevitável nas linguagens especializadas, cujo ponto de vista defendia que a Terminologia era uma disciplina social. Pois tanto a variação terminológica quanto a variação do léxico comum podem ser observadas no tempo, no espaço e na sociedade. Isso está na essência tanto da linguagem geral quanto na linguagem especializada. Boulanger (1981) foi o primeiro a fazer essa observação em relação ao comportamento variacionista das terminologias.

Neste sentido, a noção de variação tem alcançado uma posição mais central na terminologia descritiva. Com isto, ela tem sido estudada em seus vários níveis linguísticos e sob vários aspectos. Alguns estudos têm se concentrado sobre as razões que motivam a variação terminológica.

Freixa (2006, *apud* KERREMANS et al., 2010) identificou causas da variação terminológica:

- preliminar (causada por características e comportamento da linguagem);
- dialetal;
- funcional (causadas por diferentes registros comunicativos);
- discursivo (causado por diferenças estilísticas e necessidades expressivas do autor);
- interlinguística (causada pelo contato entre línguas);
- cognitiva (causadas por diferentes conceptualizações e motivações).

De um modo geral, a variação terminológica é identificada, por um lado, como variação lexical, por outro lado, como variação semântica.

Condamines (2010) diz que o estudo da variação em Terminologia é relativamente recente. A autora apresenta quatro tipos de variações em Terminologia:

- variações relativas ao ponto de vista;
- variações dependentes do gênero textual;
- variações dependentes da natureza da aplicação;
- variações diacrônicas.

As variações relativas ao ponto de vista são causadas pelo uso do mesmo termo por várias comunidades, mas exatamente com o mesmo significado. Esta variação está relacionada aos problemas de classificação dos conceitos (aos problemas da multidimensionalidade do termo). A multidimensionalidade afeta a relação gênero próximo/diferença específica.

As variações dependentes do gênero textual estão necessariamente correlacionadas com a variação dos gêneros textuais e com as variações estilísticas.

Quanto às variações relativas à natureza de aplicação, a autora declara que o uso e o controle da terminologia variam de acordo com a aplicação (tradução, documentação, produção de dicionários, por exemplo). As funções das terminologias, escolhas de termos, relações e suas representações podem estar ligadas a possíveis aplicações.

Por sua vez, as variações diacrônicas estão diretamente relacionadas com o conhecimento e sua possibilidade de evolução. E essa é uma característica marcante das linguagens de especialidade, estão em constante evolução, principalmente as linguagens das tecnologias que evoluem ao mesmo passo que a evolução das relativas tecnológicas. “A evolução dos termos é fortemente dependente da evolução do contexto: é crucial antecipar a mudança dos elementos contextuais. (New needs, new methods ...)” (CONDAMINES, 2010, p. 36). A autora se refere à evolução do

contexto socio-histórico e da necessidade de as terminologias acompanharem essa evolução.

O principal problema e desafio da variação diacrônica é como identificá-la e avaliá-la, no sentido de medir sua abrangência e grau de evolução.

Ao lado da sinonímia, há outros fenômenos relacionados, como a homonímia, a polissemia, a antonímia, que levantam questões semânticas a resolver.

Autores como Ullmann (1964) e Lyons (2009) acreditam na não existência de uma sinonímia absoluta. Mas tanto Ullmann quanto Lyons apontam sua probabilidade restrito a um vocabulário altamente especializado. Lyons diz que lexemas são completamente sinônimos se, e somente se, tiverem o mesmo significado descritivo, expressivo e social. E serão sinônimos absolutos “se, e somente se, tiverem a mesma distribuição e forem completamente sinônimos em todos os seus significados e contextos de ocorrências” (LYONS, 2009, p. 112).

Outro viés importante, que tem chamado a atenção de alguns pesquisadores para observarem o fenômeno da sinonímia é a correferenciação, isto é, como recurso anafórico. A sinonímia referencial é chamada por Lyons (2009) como sinonímia descritiva ou cognitiva. A sinonímia faz parte da competência lexical e semântica do indivíduo.

É indiscutível que a sinonímia, relação que estabelece uma aproximação entre duas ou mais palavras pelo sentido, é um fenômeno linguístico muito usado tanto no discurso oral quanto escrito como estratégia de reformulação, dando mais coesão e coerência ao discurso.

A sinonímia sempre foi um assunto indigesto em Terminologia, e embora a maioria dos estudiosos em Terminologia evite o assunto, ela se faz presente nas linguagens de especialidade. O próprio Wuster (1998) atestou sua existência, embora ele tenha feito um esforço para evitá-las na comunicação especializada.

Feitas essas considerações, apresentamos o modelo de variação proposto por Faulstich (2010) que adotamos para esta pesquisa. Em

seu modelo, a autora divide as variantes em três tipos: *concorrentes*, *coocorrentes* e *competitivas*. A proposta de Faulstich situa os sinônimos como um tipo de variante, atendendo às posturas de muitos pesquisadores que preferem evitar os sinônimos em linguagem de especialidade, considerando-os como variantes. Pois, uma das maiores questões em Terminologia era como tratar a sinonímia e relacioná-la com a variação terminológica.

Figura 2 - Constructo teórico da variação em Terminologia.



Fonte: Faulstich (2010, p. 22).

De acordo com Faulstich,

As variantes concorrentes são aquelas que podem concorrer entre si, e permanecer, como tais, no estrato, ou podem concorrer para a mudança. Nessa condição, uma variante que concorre com outra ao mesmo tempo não ocupa o mesmo espaço, por causa da própria natureza da concorrência (FAULSTICH, 2010, p. 34).

As variantes concorrentes, chamadas por Faulstich de variantes formais, formalizam a variantes propriamente ditas, responsáveis pela mudança e renovação linguística nas linguagens de especialidade. Faulstich as subdivide em variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro. “As variantes terminológicas linguísticas são aquelas cujo fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação” (FAULSTICH, 2010, p. 34).

Segundo Faulstich, as variantes terminológicas linguísticas são:

- fonológica;
- morfológica;
- sintática;
- lexical;
- e gráfica.

As variantes de registro são:

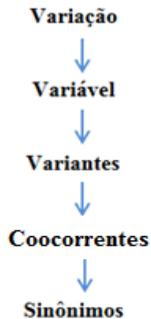
- geográfica;
- de discurso;
- e temporal.

As variantes competitivas se caracterizam pela coexistência de duas ou mais formas devido a empréstimos de outras línguas. Faulstich faz a seguinte consideração:

As variantes competitivas são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes [...]. Os empréstimos linguísticos são itens lexicais que se originam de língua estrangeira e, depois, no contexto social da língua recebedora, se tornam variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular equivalente, por causa do ambiente linguístico estranho à sua permanência natural (FAULSTICH, p. 39).

De outro modo, para Faulstich (2010, p. 38), as variantes coocorrentes são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente. Elas têm a função de fazer progredir o discurso e organizam, na mensagem, a coesão textual. Se sua principal característica é fazer o discurso fluir, isso significa que essas variantes são usadas no mesmo nível discursivo. Entre essas variantes há compatibilidade semântica, uma vez que elas se equivalem no plano do conteúdo. Elas são representadas pelos sinônimos terminológicos. Nas palavras de Faulstich, “elas formalizam a sinonímia terminológica”. “A sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer

num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo” (FAULSTICH, 2010, p. 38).



Se pensarmos nos gêneros textuais e nos discursos que organizam e demarcam esses gêneros (parte do pressuposto que o *corpus* usado para esta pesquisa pode ser ordenado levando-se em consideração os gêneros e os discursos que demarcam esses gêneros. Assim podemos identificar os discursos científico, técnico, acadêmico de vulgarização, altamente técnico, altamente científico) podemos observar que esse tipo de variante (sinônimos) ocorre no mesmo discurso. Ou seja, aparecem em um mesmo nível discursivo. De acordo com Faulstich:

A sinonímia terminológica é um processo em que dois ou mais termos com relação de sentido idêntico podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no significado textual e discursivo. A sinonímia terminológica discursiva tem por função de produzir a coesão textual, além de ser um dos mecanismos de ampliação vocabular (FAULSTICH, 2010, p. 41).

Como as análises das novas tendências dos estudos terminológicos passaram a ser feitas a partir de textos das linguagens de especialidades, a sinonímia, embora ainda um pouco rejeitada na análise terminológica, passa a desempenhar uma função de destaque nessas pesquisas, pois, segundo Faulstich (2010, p.40-41), “permite compreensão da língua e da linguagem em sua própria estrutura”.

Analisando o plano discursivo, se uma variante formal está presente em um plano discursivo, a outra não aparece. Mas por outro lado, as variantes coocorrentes estão presentes no mesmo plano discursivo. E essa parece ser a natureza das variantes coocorrentes (sinônimos).

A sinonímia, de um ponto de vista comunicativo, é funcional e, contrariando o ideal da univocidade, não dificulta a comunicação, pois ela enriquece as áreas de conhecimento ao oferecer opções denominativas aos falantes/escritores dos discursos especializados.

Faulstich (2010) e Temmerman (2000) afirmam que a sinonímia, além de ser um fenômeno natural tanto em língua geral quanto em linguagem de especialidade, é funcional (indispensável) porque faz o discurso fluir, progredir, dando ao discurso maior organização e coesão. Isto significa que os sinônimos ocorrem no mesmo nível discursivo, e de acordo com o entendimento de Lyons (2009) e Ullmann (1964) quanto mais especializado é esse discurso maior a probabilidade de sua ocorrência. Nesse sentido, foram essas considerações que levamos em conta em nossa pesquisa para diferenciar variantes de sinônimos.

Estudos de Terminologia no Brasil

A ciência terminológica propicia ampla área de investigação que se desenvolve cada vez mais rápida, em comparação com as transformações da atividade humana, essencialmente nos campos da ciência, da tecnologia e da comunicação. E são com estas transformações que as áreas do conhecimento se tornam cada vez mais especializadas. Andrade (1998) observa que no mundo moderno se evidencia a necessidade de emprego da terminologia nas relações, na transferência de informações e nas comunicações científicas, tecnológicas e profissionais. A linguagem especializada, fazendo uso da terminologia, constitui-se base para a estruturação do conhecimento, pela sistematização dos conceitos; desempenha

papel de destaque como instrumento de comunicação entre especialistas e canal de transferência de tecnologia.

Deste modo, são muitas as áreas em que se deve considerar a importância do trabalho terminológico. No Brasil, muitos projetos de pesquisa são desenvolvidos nas grandes universidades brasileiras. Em algumas delas, as disciplinas Terminologia/Lexicologia constam no currículo de graduação como disciplinas obrigatórias (PONTES, 1996). Somado a isso, já se observa a importância desse estudo, pelo número notável de produções, como teses, dissertações e muitos outros trabalhos que tratam das linguagens de especialidade. Dentre esses trabalhos citemos alguns como: Glossário de termos neológicos da Economia (ALVES, 1998b); Terminologia do turismo no português do Brasil: pesquisa dos usos terminológicos do turismo na cidade do Recife (CARVALHO, 1996); A definição terminológica do dicionário TERMISUL: expressão Linguística de relações conceptuais complexas (FINATTO, 1998); Glossário da terminologia do caju: aspectos metodológicos (PONTES, 1996).

No Brasil, no início dos anos 1980, poder-se-ia falar de um eixo geográfico bem definido de estudos terminológicos, cujos polos compreendiam Brasília, São Paulo (capital) e Rio de Janeiro.

Em Brasília existe o Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Lexterm) – UNB (voltado à produção de Glossários). O Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm - do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), da Universidade de Brasília, é um organismo dedicado à pesquisa científica e técnica e à formação de pós-graduados. É coordenado pela Profa. Dra. Enilde Faulstich. A meta do Centro Lexterm é o desenvolvimento de novas ideias e a difusão desses conhecimentos na Língua Portuguesa, e em outras línguas, nas áreas de Lexicologia, de Lexicografia, Terminologia, Variação Lexical e Terminológica, Engenharia Linguística e automação de dados, numa perspectiva de Política de difusão de línguas.

Dentre seus objetivos podemos destacar: o desenvolvimento de pesquisas de léxico e terminologia, com base em corpora; a

aplicação de métodos eficazes para os fins de: i) redação de repertórios lexicográficos e terminológicos, tais como, dicionários, glossários, vocabulários; ii) ensino do vocabulário de *corpora* textuais das obras especializadas dos diversos ramos da ciência e da tecnologia; iii) descrição do português como língua segunda ao lado das outras línguas para fins de difusão; o desenvolvimento de pesquisas sobre o estatuto político das línguas, para ampliar conhecimentos relacionados com: i) definição do espaço da língua portuguesa no cenário internacional; ii) análise da difusão das línguas neolatinas no mundo; iii) estruturação de quadros político-linguísticos para difusão do português sul-americano nos países do Mercosul; na formação de pesquisadores i) pela sistemática do trabalho de investigação em documentação apropriada; ii) pela integração a equipes de pesquisa.

A Linha de Pesquisa Léxico e Terminologia, inscrita no Programa de Pós-Graduação em Linguística, segue uma abordagem funcionalista nas pesquisas do léxico, da terminologia e da variação em terminologia; também tem em vista estudos cognitivistas. No âmbito desse centro de pesquisa, são desenvolvidas dissertações, teses e monografias de iniciação científica. Vários artigos também foram desenvolvidos no âmbito do Lexterm e estão publicados em revistas nacionais e internacionais. As pesquisas desenvolvidas no Centro Lexterm estão inscritas em três linhas de pesquisa: 1. Léxico e Terminologia; 2. Política Linguística; 3. Léxico comum e léxico de especialidade de Língua de Sinais Brasileira (LSB ou LIBRAS).

A cada uma das linhas, relacionam-se os projetos de pesquisa em desenvolvimento: 1.1. Estudos de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, 1.2 Socioterminologia. Termo e variação; 2.1. Política linguística em correlação com a História da Língua Portuguesa; 3.1 Descrição do léxico da Língua de Sinais Brasileira- LSB (L1) mediante o contato com o Português (L2), 3.2 Projeto de pesquisa e de extensão interinstitucional Português como Segunda Língua (PSL) - Língua de Sinais Brasileira (LSB): elaboração de material didático, como glossários e manuais de gramática.

Em São Paulo, a terminologia é desenvolvida na Universidade de São Paulo (USP). Esta Universidade veio, já em 1992, a constituir o CITRAT – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. (Atuações de destaque para as professoras Maria Aparecida Barbosa e Ieda Maria Alves - seus trabalhos são basilares no impulso aos estudos terminológicos, incluindo a interface terminologia/neologia).

Integram o CITRAT os Departamentos da Faculdade de Letras, a saber: Letras Clássicas e Vernáculas, Letras Modernas, Letras Orientais, Linguística e Teoria Literária e Literatura Comparada. Atualmente, o CITRAT tem como metas: a constituição de um serviço de documentação relativo às atividades científicas, culturais e profissionais da tradução e da terminologia do país; o levantamento e constituição de acervo de textos científicos e culturais brasileiros traduzidos para idiomas estrangeiros; a investigação de métodos e tecnologias apropriadas para a condução de trabalhos de tradução e terminologia; organização de bancos de dados terminológicos mono, bi e multilíngues; a divulgação de suas atividades, mediante publicações e cursos e a organização e administração de uma área de concentração interdepartamental em Estudos Tradutológicos. O CITRAT também desenvolve projetos de pesquisa (iniciação científica, pós-graduação), tem coparticipação na organização de congressos e eventos no país, é membro da RITerm (Rede Ibero-Americana de Terminologia).

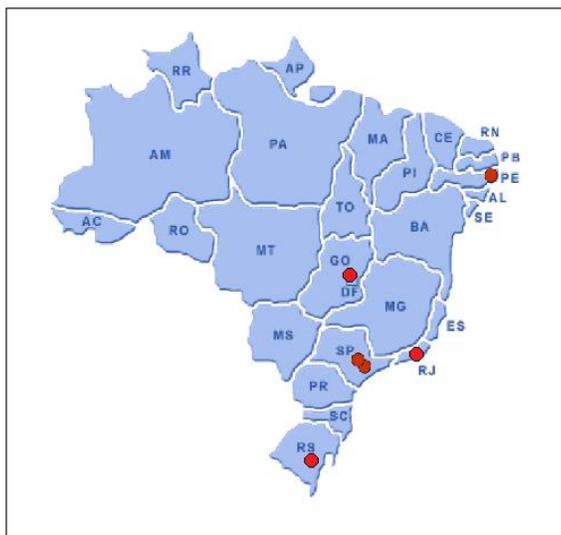
No Rio de Janeiro, tem-se a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ) – estudos voltados para a interface Terminologia/tradução.

Podemos dizer que esse triângulo geográfico corresponde ao núcleo fundador da Terminologia no Brasil, ao qual, ainda no início dos anos 1980, veio agregar-se um novo polo impulsionador de práticas e estudos na área: Rio Grande do Sul e Pernambuco.

No Rio Grande do Sul, o Projeto TERMISUL, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com produção de glossários e dicionários especializados bilíngues (português-espanhol) - intercomunicação nos países integrantes do MERCOSUL.

Em Pernambuco, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pesquisas sobre formações neológicas do português contemporâneo (CARVALHO, 1998).

Figura 3 - Configuração dos estudos terminológicos no Brasil nos anos de 1980.



Fonte: Adaptada de Almeida (2009). Nos anos de 1980, apenas cinco centros se destacavam nos estudos terminológicos: Pernambuco, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Esses centros foram os grandes precursores da Terminologia no Brasil.

Nesse contexto, podemos já observar que as distintas feições e interesses diversificados das primeiras iniciativas terminológicas no Brasil refletem também a diversidade de projetos realizados pela área em nosso meio.

De igual modo, identifica-se a crença na monorreferencialidade e no funcionamento homonímico do léxico especializado. Seguindo essa visão predominante, importa destacar que as universidades brasileiras desempenharam, desde o início, um importante papel no avanço da área, em particular, o nível de pós-graduação.

Este espaço - o das universidades - e o estudo da terminologia à luz da Linguística são os dois componentes essenciais do

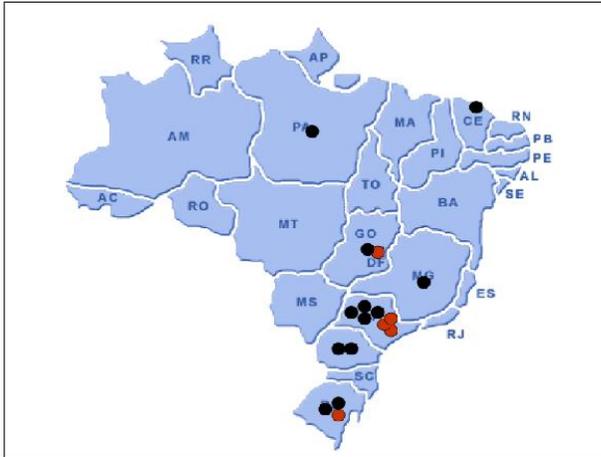
desenvolvimento da pesquisa terminológica no Brasil, contribuindo para superar o enfoque mais prescritivo da terminologia.

A pesquisa terminológica desenvolve-se nas universidades brasileiras, em particular, naqueles cursos em que já havia estudos de Lexicologia e Lexicografia. Nessa correlação de áreas, a Terminologia fixa-se como um ramo de conhecimento que integra as ciências do léxico. Para tanto, foi também de fundamental importância a proposição do Grupo de Trabalho (GT) Lexicologia e Lexicografia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPPOLL) fundado em 1986. Este GT propôs a inclusão da Terminologia em sua denominação, no ano de 1988, “mostrando que, para seus membros, a terminologia já constituía um objeto de estudo” (ALVES, 1998a, p. 8).

Junto com a ANPOLL, sem dúvida, as instituições universitárias são responsáveis pelo avanço qualitativo e quantitativo das pesquisas sobre os objetos terminológicos, especialmente aquelas universidades que contavam ou passaram a contar com Programas de Pós-Graduação, onde se realizam Mestrados e Doutorados. Em tais Programas, são realizados estudos sobre os termos, fraseologias, definições terminológicas, neologismos, textos especializados.

Nesse contexto de Pós-Graduação, multiplicaram-se as universidades que hoje fazem terminologia em nível de Mestrado e/ou Doutorado. Assim, além das universidades acima citadas, passam a desenvolver estudos de terminologia a: Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) - Araraquara e São José do Rio Preto, Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de Uberlândia - em Minas Gerais, Universidade Federal do Pará (UFPA).

Figura 4 - Configuração dos estudos terminológicos no Brasil em 2006.



Fonte: Almeida (2009). De 1980 a 2006 houve um avanço no número de instituições que desenvolvem pesquisa em Terminologia, Graças ao empenho do GT da ANPOLL em incluir esta área em seu campo de pesquisa, a Terminologia caiu no gosto das universidades brasileiras.

Com isto, o mapa terminológico cresceu significativamente nos últimos anos no Brasil. Em realidade, há diversos grupos que foram se consolidando, entre os quais podemos mencionar alguns que integram o Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e desenvolvimento Tecnológico (CNPq), a saber: *Universidade Estadual do Ceará*, grupo: Tradução, Lexicologia e Processamento da Linguagem, coordenador: Antônio Luciano Pontes; *Universidade Estadual de Londrina*, grupo: Grupo de Estudos Terminológicos, coordenadora: Leonilde Favoreto de Mello; *Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)*, grupo: Tradução, Linguística Computacional, Estudos do léxico e dos dicionários, coordenadora: Lídia Almeida Barros; *Universidade de Brasília (UnB)*, grupo: Léxico e Terminologia, coordenadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich; *Universidade Federal de Goiás (UFG)*, grupo: Léxico-Gramática e terminologia, coordenador: Oto Araújo Vale; *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*, grupo: TERMISUL, coordenadora: Maria da Graça Krieger; *Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)*, grupo: Grupo

de Estudos e Pesquisas em Terminologia, coordenadora: Gladis Maria de Barcellos Almeida; *Universidade de São Paulo*, grupo: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, coordenadora: Maria Aparecida Barbosa; grupo: Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo, coordenadora: Ieda Maria Alves.

Hoje, o mapa dos estudos terminológicos no Brasil é bem diversificado e já são muitos os grupos que se dedicam a investigar as mais variadas questões relacionadas à Terminologia.

Figura 5 - Configuração dos estudos terminológicos no Brasil na atualidade.



Fonte: Almeida (2009). A atual configuração dos estudos terminológicos no Brasil demonstra que já são muitos os centros que adotaram essa ciência em seus cursos, principalmente na pós-graduação. São Paulo e Rio grande do Sul são os Estados com maior número de universidades que desenvolvem pesquisa em Terminologia.

Como resultado muitas pesquisas foram desenvolvidas e já são muitos temas de interesse da terminologia, desenvolvidos em dissertações e teses, tais como:

- *Estratégias tradutórias em tratados internacionais franco-brasileiros: terminologia jurídica dos tratados;*
- *A prefixação no vocabulário técnico-científico: um estudo semântico;*
- *Uma perspectiva léxico-funcional de cristalização e variação nos fraseologismos verbais. A linguagem de especialidade de 'Economia/negócios/finanças';*
- *A terminologia do caju;*
- *A terminologia da cerâmica;*
- *Análise da formação de Unidades Terminológicas Complexas;*
- *A fraseologia no gênero contrato jurídico-financeiro;*
- *Bases para um glossário dos termos da cana-de-açúcar;*
- *Os termos da Linguística da Enunciação;*
- *O léxico da indústria moveleira;*
- *A extração automática de termos;*
- *A elaboração colaborativa de terminologias para intercâmbio e difusão de conhecimento especializado.*

No Estado do Pará, o grupo de pesquisa *Geo-sociolinguística e Socioterminologia no Brasil (GeoLinTerm)*, da Universidade Federal do Pará, coordenado pelo Prof. Dr. Abdelhak Razky, vem elaborando uma série de dicionários e glossários terminológicos. Entres estes, podemos destacar os trabalhos de Quaresma (2012) - *Glossário Socioterminológico da Carpintaria Naval*; Costa (2012) - *Glossário da Cerâmica Artesanal do Distrito de Icoaraci-Belém-Pa*; Borges (2011) - *Os Termos da Meliponicultura: uma abordagem Socioterminológica*; Oliveira (2011) - *Terminologia do Corte Bovino*; Rodrigues (2010) - *Glossário Socioterminológico da Cultura da Farinha*; Costa (2009) - *Glossário Socioterminológico da Cultura do Cacau em Medicilândia-Pa*; Martins (2007) - *Glossário da Indústria do Alumínio: uma abordagem Socioterminológica*; Santos (2006) - *Glossário Socioterminológico do Sairé*; Carvalho (2006) - *Glossário Semi-sistemático da Terminologia do Pescado em Santarém*; Velasco (2004) - *Terminologia da Pesca em Souré-Marajó: uma Perspectiva Socioterminológica*; Vasconcelos (2001) - *Socioterminologia: O Léxico do Caranguejo em Bragança*.

Um aspecto a ser observado no conjunto das pesquisas terminológicas no Brasil é o traço comum que as reúne, a de adotarem uma visão linguística, alinhado seja com a Teoria Comunicativa da Terminologia, seja com a Socioterminologia. Isto caracteriza a produção do país, independente da diversidade de temas e propósitos específicos de cada trabalho. É um posicionamento diante do léxico especializado que tem predominado, a partir de 1995, em que é possível notar um redirecionamento às “novas” teorias, as quais muito contribuíram para a elaboração de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

Algumas problemáticas são predominantes, destacando-se: a variação, a constituição e funcionamento dos termos, suas formações neológicas e a Terminografia. A estes eixos, podem-se agregar novos enfoques produtivos, vinculados à definição terminológica, às fraseologias, ao texto especializado, bem como ao reconhecimento informatizado dos termos. A pesquisa terminológica da atualidade comporta, além de pesquisar as denominações, a atribuição de definições, a representação de resultados em forma de textos especializados formalmente estruturado: os glossários, os dicionários, os bancos de dados.

A amplitude dos objetos de estudos terminológicos está contribuindo para a completude e a fixação do universo de investigação da terminologia em nosso meio. No entanto, tão importante quanto a abrangência temática, é o aprofundamento e complexidade dos estudos realizados e em desenvolvimento, aspectos significantes de um reconhecimento crescente de que esta área integra o campo das ciências da linguagem no Brasil. Por isso, entende-se que as diferentes feições do léxico especializado, suas formas de funcionamento, seus contextos de ocorrência, junto a seus objetos correlatos, ajudam a compreender fenômenos da língua e da linguagem, indispensáveis à produção do conhecimento especializado e à comunicação humana.

PARTE II – FRASEOLOGIA

FRASEOLOGIA. AFINAL, O QUE É?

La fraseología ha sido desde siempre la tierra de nadie a la que acudían investigadores de todas las escuelas y signos movidos por el interés que despertaban en ellos las combinaciones fijas de palabras.

(RUIZ GURILLO, 1997, p.33)

É possível que a noção de ambiguidade de construção tenha sido uma das primeiras desconfianças dos estruturalistas diante das combinações fixas, suscetíveis de várias interpretações: de um lado, o sentido literal da expressão (composicional) e, do outro, o sentido pretendido da emissão do falante (idiomático).

O linguista franco-suíço Ferdinand de Saussure (2012 [1916]) observou, pioneiramente, uma quantidade significativa de “expressões que pertencem à língua “denominadas, por ele, de “frases feitas”, nas quais, segundo o linguista, o “ uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas” (p.173).

Foi graças a essas primeiras incursões linguísticas de Saussure, que passamos a ver as “as frases feitas” como manifestações de uma cultura, definidas como “torneios” que “não podem ser improvisados” por serem “fornecidos pela tradição” cuja evocação livre, segundo o mestre genebrino, é “possível pela lembrança de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua” em que ressalta, ainda, a natureza psicológica das “frases e grupos de palavras estabelecidos sobre padrões regulares” e por terem, segundo ele, uma “base na língua sob a forma de **recordações concretas**” (2012, p.173, grifos nossos).

Discípulo de Saussure, o linguista Charles Bally, em seu *Traité de Stylistique Française* (1909), esboçou, explicitamente, um

princípio psicológico para as expressões fixas ao dizer que são mais bem retidas na memória as palavras que vão juntas.

Mais tarde, as expressões fixas também foram objeto de atenção de Coseriu (2007) que as chama de “combinações feitas de signos” ou “discurso repetido” (p.201). Coseriu afirmou em seus estudos que as expressões fixas resultam de “mera reprodução do já dito”, ouvido ou lido, isto é, quando um usuário recorre à unidade fraseológica, nos seus atos de fala, reproduziria algo que anteriormente já havia dito. As expressões fixas, para Coseriu, são vivenciadas por “determinada comunidade linguística” e que “seus membros as conhecem” e “as sabem de cor” (p.202).

No campo da linguística moderna, as primeiras contribuições fraseológicas dos estruturalistas, Saussure, Bally e Coseriu e, mais fortemente, os lexicólogos, estilistas e fraseólogos do século XX, sempre se intrigaram e se indagaram como se dava esta relação entre sentido literal das sentenças e o sentido da emissão (idiomático) pretendido pelo falante.

No caso das “frases feitas” ou “idiomatismos”, como denominaram os estruturalistas e lexicógrafos até a primeira metade do século XX, especialmente os europeus, a abordagem estruturalista, é verdade, não nos deixou um “legado teórico” sobre a problemática do sentido dos “idiomatismos”, mas seus linguistas entenderam, desde cedo, que o sentido da emissão de uma expressão idiomática (dimensão holística) é, parcial ou totalmente, diferente do sentido literal da expressão emitida.

Essas primeiras percepções ou postulações dos estruturalistas são de grande aplicação teórica à Fraseologia Geral no sentido de podermos relativizar os conceitos de expressão idiomática quanto à sua “dimensão holística”, ou melhor, ao seu “sentido idiomático”.

É possível, cremos, que existam expressões complexas e fixas na língua que não sejam idiomáticas para outros falantes, particularmente os não nativos e que poderão tomá-las no sentido mais literal. Afinal, a idiomaticidade não está apenas na estrutura das expressões complexas, mas na mente ou na memória dos falantes. Mas não é uma tarefa fácil essa condução teórica ou sua

aplicação em experimentos que possam testar hipóteses psicolinguísticas.

Reflexo, certamente, desse viés estruturalista e, melhor refinado, pelos recentes estudos gerativistas, temos estudos de descrição do português, isto é, os da gramática descritiva, em que colhemos uma das definições operatórias de expressões idiomáticas, não desprezadas em nosso estudo, como as vinda de Perini (2010), em que situa as expressões idiomáticas no âmbito das classes de palavras, por entender que são “sequências fixas de palavras, tomadas como unidades singulares, que têm sentido próprio que nem sempre é derivado dos sentidos das palavras componentes” e, em geral, “não admitem substituição de itens por sinônimos” (p.323).

Importante assinalar que esta noção estabelecida por Perini (2010) de que as expressões idiomáticas são “sequências fixas”, percebidas como “unidades singulares” nos permitiu entender melhor o valor da paráfrase definitória quando um falante da língua, seja nativo ou não nativo, busca de equivalentes simples (verbos) das expressões idiomáticas, representadas por locuções verbais, como, por exemplo, em locuções verbais como em “virar as costas” (“sair”), “cozinhar o galo” (“morrinhar”), “entregar a alma a Deus” (“morrer”), “abrir nos paus” (“fugir”) e “dar mole” (“descuidar-se”).

No campo da filosofia da linguagem, a problemática do sentido das expressões idiomáticas, desde cedo, foi focada pelos filósofos.

Para Searle (2002), a idiomaticidade de uma expressão complexa não seria estabelecida pelo sentido presente na estrutura da própria sentença, mas pelo sentido da emissão do falante. A idiomaticidade seria estabelecida pelo que o falante quer significar ao emitir a expressão idiomática.

Como assinala Searle (2002), “um sentido metafórico é sempre um sentido da emissão de um falante” (p.124), um traço importantíssimo a considerar em nosso estudo se definimos as fraseologias a partir de suas características mais marcantes como a forma fixa e a ambiguidade léxico-gramatical, situadas no entrecruzamento entre o sentido literal e o sentido idiomático.

Mais recentemente, a abordagem sociocognitiva que embasa a chamada Gramática de Construções, defendida, no Brasil, por Miranda e Salomão (2009), tem dado seus primeiros passos em direção aos estudos fraseológicos. Esta abordagem linguística ao tratar da questão do sentido das expressões idiomáticas, comumente tem retomado ao velho axioma dos lexicólogos de que “o todo não é a soma das partes” ou “o todo é maior que a soma das partes” (p.39).

Aqui, a visão sociocognitivista nos parece com resquícios tradicionais das pesquisas fraseológicas, presa ao velho princípio da não composicionalidade semântica, em que fica claro um esforço revitalizador para que seja estabelecido um “casamento” ou, ao menos, uma “relação estável” entre a Gramática das Construções e a Semântica Composicional em se tratando de compreensão das expressões idiomáticas.

Bases teóricas para o estudo das unidades fraseológicas

"Como los signos simples del sistema, las combinaciones fijas pertenecen al componente léxico de la lengua, al "lexicón", y se hallan almacenadas en la memoria, de donde tan sólo son rescatadas en cada acto de habla"
(GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.15)

No âmbito dos estudos linguísticos relacionados à Fraseologia, o interesse por apreender a realidade psicológica das unidades fraseológicas é cada vez maior³³. Há um claro percurso do Estruturalismo à Psicolinguística nas pesquisas fraseológicas das últimas três décadas.

³³ A rigor, falar em compreensão de expressão idiomática só tem sentido na aquisição da linguagem nas crianças, em situação em que os bebês estão aprendendo a língua materna ou estrangeiras como L2. Depois, acreditamos que a expressão idiomática é incorporada ao léxico sem análise interna tanto quanto se faz com uma palavra. Aquisição, aqui, assim, tem acepção mais ampla e alcança os não nativos de dada língua.

Uma expressão idiomática como “matar dois coelhos com de uma só cajadada” com sentido de “conseguir dois proveitos com um só trabalho” interessa tanto ao lexicógrafo que a registra como subentrada da palavra coelho em seu dicionário como desperta atenção do psicolinguista uma vez que envolve a compreensão idiomática ou não literal por parte do falante em língua materna (L1) ou segunda língua (L2).

As principais linhas de pesquisa, nesse campo da Fraseologia e Psicolinguística, procuram responder questões do tipo: como os falantes armazenam este tipo de unidades? Como ocorre o processamento fraseológico? Que funções desempenham tais unidades na interação? Conforme nos descrevem Corpas Pastor (2001) e Detry (2010).

Aproximar a Fraseologia da Psicolinguística (ou vice-versa) é, sem dúvida, muito relevante e nos incita, vivamente, a explorar as relações entre expressões idiomáticas e processos de compreensão. Não é, porém, uma tarefa fácil porque são dois ramos de estudos linguísticos bastante densos e áridos, principalmente no campo terminológico e taxionômico, fontes preciosas para encontrarmos termos ou categorias operatórias aplicáveis à pesquisa experimental.

Uma primeira aproximação que vimos entre estes domínios (ou subdomínios) linguísticos é o tratamento dado, tradicionalmente, pela Lexicografia, às expressões idiomáticas, registradas, nos dicionários gerais, como subentradas a partir dos lexemas de base que entram na formação dos lemas³⁴.

Ao definir essas expressões, Porto Dapena (2002), assim diz: "Acima de tudo, se trata sempre de construções ou segmentos pluriverbais, que o falante, igualmente como as palavras, *retém na memória e reproduz na fala*, sem, por outro lado, poder alterá-las, sob pena de introduzir uma variação de sentido."³⁵(p.149, grifos nossos).

³⁴As subentradas são chamadas também de subverbetes, em que se elucidam as divisões, espécies, modalidades etc, do sentido do verbete principal, ou das locuções formadas com aquelas palavras.

³⁵ No original: "Ante todo se trata siempre de construcciones os segmentos pluriverbales que el hablante, al igual que las palabras, retiene en la memoria y

Sabemos, porém, que no mundo da linguagem as expressões idiomáticas não são apenas ou preferencialmente sintagmas verbais uma vez que no *continuum* fraseológico podem aparecer em diversas configurações (colocações, provérbios etc).

Depreende-se desta definição lexicográfica de Porto Dapena que as expressões idiomáticas (ou expressões fixas³⁶) são construções retidas ou armazenadas na memória declarativa de longo prazo, o que nos remete à Psicologia Cognitiva e, desta, à Psicolinguística, à medida que sugere uma conexão entre a linguagem e a mente (ou, senão, a cognição), o que não é, claro, um achegamento inaugural nos estudos linguísticos, uma vez que essa ponte entre Fraseologia e Psicolinguística, anteriormente, indicou-nos ou, senão, pelo menos, sugeriu-nos a noção coseriana de "discurso repetido", isto é, aquelas "sequências de combinações feitas de signos que se transmitem integralmente" (COSERIU: 2007, p.201), por oposição à "técnica do discurso", posto que as expressões não podem ser geradas no discurso, por definição.

Conceitos fraseológicos

"...as abordagens antropológicas e pragmáticas apontam para o interesse da Fraseologia nas perspectivas culturais, interacionais e argumentativas".
(CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 245)

O termo Fraseologia, cunhado por Bally há mais de um século, revitaliza-se, a cada dia, nas teorias e abordagens linguísticas mais recentes, como as dos analistas do discurso.

A título de exemplificação, citamos, por exemplo, Charaudeau e Maingueneau, dois analistas do discurso, que designam Fraseologia como conjunto de expressões cristalizadas, simples ou

reproduce en el discurso sin que, por otro lado, pueda cambiarlas sob pena de introducir una variación de sentido."

³⁶A noção de expressões fixas foi suficientemente explorada por Zuluaga (1975; e 1980).

compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso (2008, p.245).

Fraseologia alcançou também as redes sociais. Para se ter uma ideia da dimensão ou frequência de uso do termo, em diferentes e inusitados contextos, o buscador Google nos informa que são aproximadamente 814.000 resultados de ocorrências para "Fraseologia" e, pelo menos 110.000 para o adjetivo correspondente "fraseológico", o que nos indica ser uma palavra de muito vigor na língua portuguesa³⁷.

A palavra Fraseologia, formada dos seguintes elementos frase + -o- + -logia, chegou-nos pelo francês *phraséologie* e aparece, pela primeira vez, no âmbito dos estudos linguísticos, em Bally (1909: p.66). De lá para cá, são muitos os linguistas que, tentando desvelar a etimologia de Fraseologia, mergulham nas raízes gregas da palavra, buscando as motivações lexicais ou acepções para designá-la seja como o inventário de expressões idiomáticas de uma língua como seu estudo (BRÉAL, 1992; MONTORO DEL ARCO, 2006, p.29-31; MELLADO BLANCO, 2004, p.13).

Esta busca não é por acaso. É bastante instigante observar que o morfema lexical "frase" vem do latim *phrasis*, e este do grego *φράσις*, com o sentido de "expressão", enquanto a vogal de ligação -o- é típica do grego. O elemento de composição -logia origina-se do grego *-λογία*, que significa tratado, estudo, ciência.

Neste trabalho, Fraseologia é entendida como parte da Linguística, que tem as Unidades Fraseológicas (UFs) como objeto de estudo. As UFs constituem um verdadeiro "universo fraseológico" e são divididas em pelo menos três esferas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos). Nesse universo fraseológico, consideramos tipicamente expressões idiomáticas as locuções, o que corresponde a "esfera II", segundo o modelo de Corpas Pastor (1996, p.88-131).

Como são muitos os tipos de locuções cristalizadas (nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas), elegemos

³⁷ Pesquisa realizada em 09 de fevereiro de 2015.

prioritariamente as locuções verbais que apresentam maior congruência ou consenso entre os especialistas de Fraseologia, uma vez que são as unidades fraseológicas que estão fixadas no sistema (registradas nos dicionários gerais, por exemplo) e que não constituem enunciados completos e geralmente funcionam como termos ou elementos oracionais (CORPAS PASTOR, 1996, p.88; ALVARADO ORTEGA, 2007, p.37)³⁸.

O recorte acima, isto é, considerar unicamente as locuções verbais, levou-nos a adotar, portanto, uma concepção reducionista de Fraseologia, a mesma proposta *stricto sensu* formulada por Casares (1969, p. 167-184)³⁹, o maior representante desta visão na Fraseologia Espanhola, e, mais recentemente, García-Page (2008, p. 8; 20-22; 208), que afirma serem as locuções "o verdadeiro núcleo" ou "o autêntico objeto" de estudo da Fraseologia.

Seja considerada parte da Linguística ou subdisciplina da lexicografia, mérito da questão em que não entraremos aqui, filiamo-nos à corrente de fraseólogos que postulam a Fraseologia como disciplina da Linguística cujo objeto de estudo são as "expressões idiomáticas", hiperônimo a que, ao longo deste livro, repetidas vezes fazemos menção, referindo-nos, nesse caso e, especificamente, às locuções verbais, particularmente, as já consagradas pelo uso e registradas nos dicionários gerais, definidas como combinações formadas por pelo menos dois ou mais elementos ou constituintes, que apresentam certa fixação de forma e sentido, e que funcionam como termo ou elemento oracional.

Estas locuções verbais não devem ser confundidas com as conjunções perifrásticas ou perífrases verbais, estas definidas pelos gramáticos e dicionaristas como o conjunto dos tempos compostos de um verbo⁴⁰. Quanto a esta questão, nossa posição é a

³⁸ Compreendemos que as locuções verbais a que Corpas Pastor (1996) faz referência são as chamadas expressões idiomáticas, termo de maior divulgação nas teorias fraseológicas.

³⁹ A primeira edição desta obra é datada de 1950.

⁴⁰ A questão da distinção entre perífrases verbais e locuções verbais foi suficientemente abordada por Blasco Mateo (2005).

mesma de Silva (2011, p.163), ao se referir às locuções verbais como unidades fraseológicas. Excluimos, pois, os substantivos compostos, com ou sem hífen, não sendo considerados locuções nominais, e as perífrases verbais ou conjugações perifrásticas, por não as considerarmos locuções verbais.

É preciso deixar claro que, ao optarmos por excluir os substantivos compostos, esta determinação não invalida o status de Unidades Fraseológicas (UF) de outras sequências que são constituídas sem verbo, como: saia de baixo, saia justa, chave de cadeia, a sete chaves, de mala e cuia, mala sem alça, pé do ouvido, do pé para a mão, em pé de guerra, em pé de igualdade, no mesmo nível, de igual para igual, dor de cotovelo, dor de corno, dor de veado, lágrimas de crocodilo, elas por elas, de corpo e alma, entre outras.

Se voltarmos ao tempo, já na década de 50, na Espanha, Julio Casares nos chamava atenção para a confusão terminológica no campo da lexicografia. Afirmava que termos como expressão, giro e frase eram vagos e por isso não poderiam ser considerados termos técnicos. Segundo ele, cada um daqueles termos tinha acepções diversas presas à teoria gramatical e, por isso, não ofereciam características suficientes para identificá-las com segurança na tarefa lexicográfica (CASARES, 1969, p.185). Uma expressão apropriada a essa situação, em português, seria a de que os lexicógrafos espanhóis "misturavam alhos com bugalhos".

Assim, que lição ou luz esta noção de locução em Casares (1969) poderá nos dar no campo da terminologia fraseológica nos dias de hoje?

Tomemos um exemplo em português. É possível quando lemos, escutamos, ou, ao menos quando evocamos uma expressão como "misturar alhos com bugalhos", o sentido idiomático "confundir coisas ou assuntos distintos, inconfundíveis" ou "fazer grande confusão" prevaleça de forma avassaladora sobre nosso entendimento.

Na expressão acima, pouco importa sabermos o sentido parcial de seus elementos constituintes ou de, pelo menos, uma das

palavras que formam a expressão, como é o caso de "bugalho", mas não cremos que isso se contraponha de alguma forma à proposta de análise da compreensão das Expressões Idiomáticas a partir dos componentes.

Afinal o que é bugalho? Um termo da botânica, que significa "noz de galha" (HOUAISS; VILLAR, 2009), mas nada mais sabemos sincronicamente de sua motivação fraseológica nem há possibilidade de recuperação da metáfora diacrônica (geradora).

De igual sorte, parece-nos que a maioria das divergências ou confusões terminológicas na Fraseologia contemporânea encontra explicações nas primeiras investidas da lexicografia quando da elaboração dos dicionários gerais ao não levarem em conta que agrupamentos de palavras⁴¹, tradicionalmente conhecidos na literatura científica por termos dos mais díspares entre si como expressões idiomáticas, provérbios, clichês, binômios, citações, colocações, frases lexicais, fórmulas, frases feitas, provérbios, aforismos, máximas, ditos, adágios, anexins, ditados, sentenças, parêmsias, têm em comum serem polilexicais, isto é, pertencerem ao grande e complexo continuum fraseológico no qual não há limites rígidos capazes de estabelecerem, com precisão, a diversidade de unidades lexicais maiores que a palavra e presentes em alguns dicionários semasiológicos existentes em uma língua (SALIBA, 2000).

Na Espanha, quando Casares dá as bases teóricas do que hoje se denomina Fraseologia Espanhola, de grande repercussão na Europa, já se deparava, na Lexicografia, com denominações fraseológicas que careciam de sentido preciso e que apresentavam "limites imprecisos". É o que muitos fraseólogos hispânicos chamam de "cajón de sastre" (GARCÍA PAGE-SÁNCHEZ, 2008, p.8; e QUEPONS RAMÍREZ, 2009, p.493). A expressão "saco de

⁴¹ No campo da Lexicografia, defendemos a ideia de que as expressões idiomáticas não deveriam entrar dentro de verbetes por serem independentes. Por exemplo, os dicionaristas não colocam o adjetivo infeliz dentro de feliz. Assim, o mesmo procedimento deveria valer para as expressões idiomáticas.

gatos"⁴² é a melhor tradução que encontramos, em português, para "cajón de sastré".

Como assinala Corpas Pastor (1996, p.16) a profusão terminológica e as distintas classificações são um dos problemas fundamentais da Fraseologia em língua Espanhola. Em geral, a profusão terminológica está ligada a afiliações ou abordagens teóricas distintas e também a objetos e objetivos específicos, sendo mais uma questão de relevo.

Mostramos até aqui que são muitas as discrepâncias e confusões de ordem terminológica no campo dos estudos de Fraseologia que acabam por repercutir nas definições e classificações das unidades fraseológicas, o que nos leva a concluir que, nesta área, não há como simplesmente jogar com as palavras.

Essa medida torna-se ainda mais imperiosa quando fazemos a interface entre Fraseologia e outros ramos da Linguística; em nosso caso, a Psicolinguística, que requer, também, precisão terminológica quando trabalhamos com alguns dos seus termos operatórios na pesquisa experimental.

Nessas alturas, uma pergunta advém: que unidade/expressão/fraseológica seria a mais adequada aos testes psicolinguísticos para aferir a compreensão idiomática? Já podemos adiantar a resposta a nossa pergunta ao defendemos que esta unidade é ou deve ser a expressão idiomática. A expressão idiomática, dentro ou fora do contexto, pode levar um falante, nativo ou não nativo de uma língua, a se deparar com a ambiguidade estrutural nesta dicotomia semântica: sentido literal versus sentido idiomático.

Por essa razão, deter-nos-emos, nas subseções abaixo, em dissecar o máximo possível, as noções de Fraseologia, unidade fraseológica, expressão idiomática, locução e outros correlatos. Em seguida, situamos os termos às teorias fraseológicas que estão na ordem do dia na Europa e no Brasil.

⁴² Popularmente, saco de gatos significa negócio muito confuso e encrencado.

O conceito de Fraseologia

"O modelo em que se inscreve a Fraseologia dá possibilidade ao falante/escrevente de dizer muito mais do que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor de entender muito mas do que a materialidade fônica."

(VILELA, 2002, p. 219)

Vilela designa por Fraseologia a disciplina que tem como objeto as combinações fixas de uma dada língua que podem assumir a função e o sentido de palavras individuais ou lexemas (VILELA, 2002, p.170).

A definição de Vilela espelha o pensamento do grupo fundador da Fraseologia na Europa a quem nos filiamos que vê nas expressões idiomáticas um processo de ampliação do léxico, seja para nomeação ou qualificação, contribuindo para a lexicalização dos conceitos e categorização de nossa experiência cotidiana.

No âmbito das teorias fraseológicas, reconhecemos, como defende García-Page Sánchez (2008, p.6), um estatuto da Fraseologia como a disciplina Linguística, que estuda as unidades fraseológicas e que leva em conta o grau de competência fraseológica ou metafórica do falante, seja nativo ou não nativo.

Quanto à aceção mais completa de Fraseologia, coerente com nosso recorte terminológico e que atende aos propósitos de nosso estudo, optamos pela definição de Fraseologia de Monteiro-Plantin (2011) na qual assinala o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, polilexicais, que constituem a competência discursiva dos falantes, em primeira ou segunda língua, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente (p.250).

O conceito de unidade fraseológica

"La fraseología estudia elementos muy diferentes entre sí, tanto en la forma como por la función que ejercen en el discurso, pero, aunque delimitar y etiquetar conceptos es siempre arriesgado, resulta sumamente necesario hacerlo para poder explicar los fenómenos que en ellos se dan con una terminología común y conceptualmente clara."
(SOLANO RODRÍGUEZ, 2012, p. 126)

Segundo Mellado Blanco (2004, p.15), o termo Fraseologia tem sido adotado, na maioria das línguas europeias, com exceção dos países de origem anglo-saxônica, onde o mais corriqueiro é "idiomatic"⁴³. Cumpre-nos ressaltar que, quer seja na Europa ou nos EUA, unidade fraseológica é uma das denominações mais aceitas no âmbito das teorias fraseológicas, conforme podemos atestar em pesquisas recentes com corpora fraseológicos (NACISCIONE, 2001; BEVILACQUA, 2004; e LIN; ADOLPHS, 2009).

Considerada como objeto de estudo da Fraseologia por Corpas Pastor (1996, p.20), as unidades fraseológicas são "unidades lexicais formadas por mais de duas palavras ortográficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível de oração composta"⁴⁴, tendo, pelo menos, quatro propriedades básicas, que podem variar em grau, nos seus distintos tipos: (a) polilexicalidade; (b) institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; (c) variações potenciais; (d) idiomaticidade; e (e) alta frequência de uso e de coaparição de seus elementos integrantes⁴⁵; mais adiante por nós mais bem descritas e discutidas.

⁴³ Nesta área, as pesquisas experimentais, bastante frutíferas nos EUA, levam-nos, de forma recorrente, a citar os trabalhos em língua inglesa, onde se usa mais o termo "idioms".

⁴⁴ No original: "son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta"

⁴⁵ Destas propriedades indicadas por Corpas Pastor (1996), a menos relevante quando se tratar de expressão idiomática posto que um item léxico pode ser

O conceito de unidade fraseológica e as propriedades básicas que as caracterizam, como a polilexicalidade e a fixação, também estão presentes, pioneiramente, na década de 40, nas primeiras definições ou acepções dos russos (VELASCO MENÉNDEZ, 2010), e posteriormente vindo à tona com as reflexões de Zuluaga (1980, 16; 19) e, mais recentemente, em Ruiz Gurillo (1997, p. 14) e Castillo Carballo (1997-1998, p. 70-75).

Quanto ao problema do status linguístico das unidades fraseológicas, aliamos-nos à postulação de Zuluaga (1980) de que "elas pertencem ao patrimônio coletivo da comunidade linguística"⁴⁶ e que "fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos anteriores ao falar, conhecidos pelos falantes"⁴⁷ (p.21), o que, ao certo, podemos inferir como unidades polilexicais psicolinguisticamente armazenadas na memória dos usuários ou nativos da língua.

Convém salientar que a etiqueta ou rótulo de Unidade Fraseológica (UF) atende às buscas dos fraseólogos por uma denominação de alcance mais internacional, que responde à noção de arquilexema das locuções e de outras formas (CORPAS PASTOR, 1996), como unidades de uma série fraseológica que inclui desde refrões, citações e fórmulas de rotina.

Com essa noção de que uma unidade fraseológica é um arquilexema da série de denominações fraseológicas, podemos apresentar as propriedades essenciais e definitórias das chamadas unidades fraseológicas: polilexicalidade, frequência, convencionalidade, fixação e idiomaticidade, a partir dos seguintes autores: Zuluaga (1980, p.141-188), Corpas Pastor (1996, p.88-131); Penadés Martínez (1999, p.11-22); Ruiz Gurillo (2001, p.15); e García-Page Sánchez (2008, p.16-20).

frequente ou não. Como todo item, as expressões idiomáticas podem ser mais ou menos frequentes.

⁴⁶ No original: "ellas pertenecen al patrimonio colectivo de la comunidade linguística".

⁴⁷ No original: "forman parte del acervo o repertorio de elementos linguísticos anteriores al hablar, conocidos por los hablantes".

Com base nos estudos acima, na perspectiva da Fraseologia, consideramos a expressão idiomática, nomeadamente a locução verbal, como uma unidade fraseológica por excelência. Unidade fraseológica é, pois, um hiperônimo, mas, neste livro, praticamente tomamos "expressão idiomática" e "unidade fraseológica" como termos equivalentes, assim como já os considera García-Page Sánchez (2008, p.16).

No âmbito das teorias fraseológicas, há uma forte convergência de que, efetivamente, as unidades fraseológicas são o objeto de estudo da Fraseologia. Portanto, tendo o objeto de estudo bem definido, não há porque não considerar a Fraseologia como um dos ramos das ciências da linguagem. Mas que unidades fraseológicas são essas? Pelo menos, nove termos podem ser considerados, dentro de um continuum, como unidades fraseológicas, uma vez que este hiperônimo tem um raio de alcance muito grande: provérbios, ditos populares, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações, conforme o inventário fraseológico estabelecido por Monteiro-Plantin (2011, p.250). As expressões fixas arroladas por Monteiro-Plantin são entendidas por nós como sendo as expressões idiomáticas.

Neste livro, quando nos referirmos à unidade fraseológica, acolheremos as definições de Zuluaga (1980); Corpas Pastor (1996); Penadés Martínez (1999); Ruiz Gurillo (2001); García-Page Sánchez (2008) e Monteiro-Plantin (2011).

O conceito de expressão idiomática

"Diante de um conjunto de dados idênticos, os sujeitos têm tendência a organizá-los de maneira diferente, conforme suas disposições intelectuais ou afetivas particulares: tem cada um, um comportamento idiossincrásico ou uma idiossincrasia" (DUBOIS el ali: 2004, p. 330)

O conceito de expressão idiomática está associado às definições que, anteriormente, demos à Fraseologia e à unidade fraseológica. Toda expressão idiomática, objeto de Fraseologia, é

uma unidade fraseológica, mas nem toda unidade fraseológica é uma expressão idiomática.

Uma unidade fraseológica pode ser fixa e não idiomática, da mesma forma, pode ser idiomática, mas com um grau de variação marcante, mas com isso não queremos dizer que só consideramos expressão idiomática. Ao contrário, existe expressão idiomática menos opaca, portanto, transparente. Quem tem juízo crítico para dizer se uma expressão é opaca ou transparente é o falante e não o lexicógrafo ou fraseólogo a menos que o submeta a testes psicolinguísticos. Em Fraseologia, a intuição linguística⁴⁸ está sujeita à compreensão do falante da língua, nativo ou não.

Isso não quer dizer, porém, que as expressões fixas, para tomarmos o termo de Zuluaga (1980), incluindo as expressões idiomáticas, não possam ser interpretadas composicionalmente pelos falantes de uma língua.

A única interpretação de qualquer expressão complexa que conhecemos, como costuma acontecer com falantes não nativos de uma língua dada, deverá ser imediatamente a composicional e que "outras considerações nos obrigarão a aprender um sentido específico, convencionalmente associado à expressão em questão"⁴⁹(ESCANDELL VIDAL, 2011). Em outras palavras: mesmo as expressões idiomáticas consideradas opacas muitas delas podem ser interpretadas composicionalmente.

No continuum das unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas são as unidades léxicas marcadas culturalmente. As expressões idiomáticas são itens léxicos e, portanto, tão culturais quanto quaisquer palavras da língua.

⁴⁸ Em gramática gerativa, refere-se à capacidade que tem o falante de reconhecer a aceitabilidade ou gramaticalidade das sentenças produzidas na sua língua, de interpretá-las, de identificar a equivalência com outra frase ou a sua eventual ambiguidade, isto é, perceber quando o contexto sugere sentido literal ou metafórico.

⁴⁹ No original: "serán luego otras consideraciones las que nos obligarán a aprender un sentido específico, convencionalmente asociado a la expresión en cuestión".

As expressões idiomáticas por força de seu caráter idiossincrásico estão mais diretamente vinculadas à cultura, às ideias e à forma de vida de uma sociedade (NEGRO ALOUSQUE, 2010, p.34), como expressões do tipo ir tomar banho ("deixar de aborrecer") e dar as mãos à palmatória ("admitir o erro"). Este fato se manifesta particularmente no nível semântico, isto, no sentido idiomático que atribuímos à expressão⁵⁰.

Nessa relação entre língua e cultura, refletida no léxico, a motivação para inúmeras expressões idiomáticas provém de, pelo menos, três procedências, segundo Negro Alousque (2010)⁵¹:

(a) **alusão a costumes, feitos históricos, obras artísticas, lendas, mitos e crenças**, como em jogar lenha na fogueira ("piorar uma situação que já é caótica"); entregar-se aos braços de Morfeu ("sonhar"); ser como a mulher de César ("ser mulher de reputação inatacável"); bancar o cristo ("pagar por culpas alheias"); agradar a gregos e troianos ("contentar ou satisfazer a dois lados antagônicos");

(b) **evocação a elementos que formam parte do acervo cultural de cada povo**, entre os quais são incluídos os costumes e tradições, obras literárias, acontecimentos que são modelos de uma situação ou qualidade, como *dar nome aos bois* ("falar claramente"); *perder o seu latim* ("falar em vão"); *ficar a ver navios* ("não conseguir o desejado, geralmente por ter sido logrado ou passado para trás"); *sair à francesa* ("sair de um local sem se despedir") e *matar a cobra e mostrar o pau* ("afirmar alguma coisa e prová-la");

(c) **associações a partir das quais se interpreta a realidade e crenças**, como em *ver o sol (nascere) quadrado* ("estar na cadeia"); *desopilar o fígado* ("comunicar alegria e bem-estar"); *ficar uma onça* ("ficar irado, enfurecido"); *pagar o justo pelo pecador* ("ser castigado ou repreendido aquele que não tem culpa, ficando impune o culpado")

⁵⁰ Em que pese o signo linguístico ser arbitrário conforme já dizia Saussure, as frases feitas decorrem do uso e da tradição da comunidade linguística.

⁵¹ Muitas destas expressões idiomáticas podem ser consideradas pelos usuários desusadas ou obsoletas ou precisaríamos, enquanto especialistas, distinguir o que é comum da Língua Portuguesa do que é léxico regional.

e *jogar conversa fora* ("conversar sobre assuntos corriqueiros, sem grande importância").

Convém, agora, definir a expressão idiomática como "combinação única e fixa de elementos (pelo menos, dois), dos quais uma parte não funciona bem em quaisquer outras combinações deste tipo (ou, em algumas ou uma única situação)" (ČERMÁK, 1998, p.11), definição, pois, que enfatiza, como podemos observar, as propriedades semânticas e sintáticas das expressões fixas a que Neveu (2008) faz referência.

1.1. O conceito de locução

"Si desarrollamos nuestro discurso en una situación distendida, con nuestros amigos o conocidos, es decir, tenemos una conversación coloquial, es posible que nuestro léxico y, en consecuencia, también nuestras locuciones, se adapten a este registro"
(RUIZ GURILLO, 2001, p.92)

Para chegarmos ao conceito de locução, primeiramente, definimos a Fraseologia como uma disciplina da Linguística que se ocupa de estudar as Unidades Fraseológicas (UFs). Em seguida, apresentamos as referidas UFs como um hiperônimo (ou arquilexema) dos diversos termos que envolvem a terminologia fraseológica, isolando, operatoriamente, para nosso trabalho, a locução verbal como sendo a mais canônica⁵² combinação fixa das expressões idiomáticas⁵³. Nesta subseção, trataremos mais especificamente sobre a locução.

⁵²A canonicidade das locuções verbais decorreria, no nosso entendimento, de terem sua fixação formal com maior grau de regularidade estrutural, isto é, serem construções conforme às normas mais habituais da gramática, consideradas básicas, como, por exemplo, a ordem direta (verbo + argumento).

⁵³ As locuções verbais podem ser canônicas, mas não prototípicas no continuum fraseológico. Do ponto de vista quantitativo, e contrariamente ao que se acredita, provavelmente as locuções verbais não são a maioria. As expressões que são

Como unidade polilexical do tipo sintagmático, a locução que nos interessa, neste trabalho, é a que, como dissemos, anteriormente, tem como núcleo um verbo cujos constituintes não são o objeto de uma atualização separada, e que enuncia um conceito autônomo, como assinala Neveu (2008, p. 193). A expressão *levar um pontapé no traseiro* com o sentido idiomático de "ser despedido, abandonado" é um exemplo de locução verbal.

As expressões idiomáticas têm estrutura bastante restrita, isto é, caracterizadas, segundo Gross (1996, p.9-23), por pelo menos cinco propriedades: (a) polilexicalidade; (b) opacidade semântica; (c) bloqueio das propriedades combinatórias e transformacionais; (d) não atualização de seus elementos; e (e) grau de fixação.

Um exame minucioso da etimologia da palavra locução nos indicará que esta vem do latim *locutio* (ou *loquutio*), com a indicação de "ação ou maneira de falar, locução etc". Do ponto de vista linguístico, locução pode ser definida como "reunião de duas palavras que conservam individualidade fonética e morfológica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função" (CÂMARA JUNIOR, 2004, p.162).

Do ponto de vista fraseológico, Casares (1969) define as locuções como combinações de vocábulos que oferecem sentido unitário e uma disposição ou estrutura formal inalterável (p.167).

Casares descarta, então, as acepções dadas à locução pelos dicionários gerais que a definem como "modo de falar" ou "frase", como vimos anteriormente. Busca uma acepção restrita, específica e técnica, partindo então, para a reelaboração da definição da visão tradicional ou gramatical de locução como "conjunto de duas ou mais palavras", pensada como um "conjunto de vozes vinculadas de um modo estável e com um sentido unitário" (1969, p.168).

Para ilustrarmos a acepção dada por Casares à locução, tomemos este exemplo com *bater as botas*: "Engana-se quem pensa que no Nordeste aterrissam apenas artistas em fim de carreira, que

sintagmas preposicionais, como *de saco cheio*, *a três por dois*, *de mala e cuia*, *a torto e a direito*, provavelmente são em maior número.

vêm ganhar alguns trocados na América Latina antes de bater as botas"(In DN, 12/31/2008).

Na visão de Casares (1969), uma sequência de palavras como "bater as botas" trata-se, efetivamente, de uma locução verbal por três razões: (1) não se pode trocar nenhuma das três palavras por outra: *sacudir as botas, *bater com botas ou *bater as botinas; (2) não se pode alterar sua colocação na estrutura sem destruir o sentido: *botas as bater; e (3) o sentido se resume a uma só acepção⁵⁴: "morrer".

Segundo Casares (1969, p.168), a "inalterabilidade" (fixação) e a "unidade de sentido" (idiomaticidade) são as duas características marcantes das locuções verbais. Uma terceira característica também se faz necessária assinalar que é, segundo ele, a condição de que as palavras de uma locução não formam uma "oração cabal", isto é, uma oração no sentido clássico ou categórico dado pelos gramáticos tradicionais.

A definição clássica de locução, feita por Casares (1969, p.170), diz assim: "combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento da oração e cujo sentido unitário compartilhado pelos falantes não se justifica, sem mais, como uma soma do sentido normal dos componentes"⁵⁵.

Depreende-se da definição de Casares (1969) os seguintes traços das locuções (1) combinação estável de dois ou mais termos, portanto, uma combinação fixa e polilexical, entendida como fixação e polilexicalidade; (2) emprego ou função como parte da oração, compreendida aqui a noção de estrutura não oracional⁵⁶; e

⁵⁴ Este traço aplicado à Língua Portuguesa deve ser relativizado uma vez que há expressões idiomáticas com mais de uma acepção, como, por exemplo, pedir penico ("pedir piedade; dar-se por vencido; mostrar-se exausto; e demonstrar medo").

⁵⁵ No original: "combinación estable de dois ou más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitário consabido no se justifica, sin más, como una suma del sentido normal de los componentes"

⁵⁶ Somos de opinião de que Casares enfatiza com este traço o caráter sintagmático da locução, parte constituinte ou elemento (de oração), descartando a ideia de

(3) sentido unitário consabido não resultante da soma do sentido normal (ou absoluto) dos componentes.

A ideia de “sentido unitário consabido” traduz adequadamente a noção de “sentido conhecido por todos e ao mesmo tempo”, portanto, compartilhados pelos falantes nativos de uma língua ou pela comunidade linguística, ou, no caso de uma Fraseologia Especializada, por uma comunidade sociocultural, esta, entendida como agrupamento de falantes unidos por fatores sociais (históricos, profissionais, raciais, nacionais e geográficos).

As locuções verbais que podem funcionar como elementos oracionais de natureza nominal são as formadas de verbo de ligação mais predicativo, diferentemente das locuções como elementos do predicado verbal cujo núcleo é um verbo significativo (intransitivo ou transitivo).

São exemplos de locuções verbais com valor nominal as seguintes: ser a bola da vez (“estar prestes a ser objeto de análise, crítica, exclusão, etc”); ser a palmatória do mundo (“ser um sujeito metido a moralista”); ser cheio de nove-horas (“ser muito exigente, chato”); ser de carne e osso (“ser humano; estar sujeito a fraquezas, como qualquer pessoa”); estar com a faca e o queijo na mão (“ter poder amplo”); e estar com o diabo no corpo (“estar assanhadíssimo ou muito irrequieto, tanto no mau quanto no bom sentido”).

As locuções verbais são refratárias à análise sintática. Segundo Casares, “tomadas essas expressões em bloco e interpretadas como elementos oracionais, suas funções sintáticas nem sempre coincidem com as do verbo contido na locução”⁵⁷(1969, p.177). Em português, por exemplo, quando dizemos tirar água do joelho, com verbo tirar, transitivo direto, equivale, em conjunto, a “urinar”, intransitivo, isto é, a rigor não se cogita, do ponto de vista fraseológico, que “água do joelho” é objeto direto de “tirar”.

que a locução seja considerada uma oração, ou seja, frase, ou membro de frase, em que pese conter um verbo.

⁵⁷ “...tomadas esas expresiones em bloque e interpretadas como elemento oracional, sus funciones sintáticas no siempre coinciden com las del verbo contenido em la locución”.

Segundo Casares (1969), no Espanhol, não se esgotam as espécies de locução oracional com equivalência e função verbal. Por exemplo, aplicando esta visão de Casares à língua portuguesa, uma locução verbal do tipo ter partes com o diabo não pode ser traduzida a partir de um verbo transitivo ou intransitivo. Quando essa locução se aplica a uma pessoa se dá a entender unicamente que essa pessoa é “muito sapeca, alvoroçada, inquieta”. Se dizemos de uma pessoa que bota a alma pela boca, limitamos-nos a expressar que “está ofegante, com a respiração opressa”.

Para ilustrarmos, em Língua Portuguesa, este grupo acima, citaríamos inúmeras locuções cujo verbo expresso é ser, estar ou algum outro verbo de significação equivalente, tais como: andar com a pulga atrás da orelha (“estar preocupado ou cismado”); ficar de cabeça virada (“andar preso por alguma paixão, obsessão, vício incontrolado ou ideia fixa”); andar na linha (“ser honesto”); apanhar nas fuças (“ser agredido na cara”); ter (as) costas largas (“estar confiante, sem receio para realizar ou falar algo, por ter a proteção de alguém”); estar com a corda no pescoço (“estar em apuros, em situação desesperadora geralmente, financeira”); ter fama (“ser muito falado ou celebrado”); ter coração de leão (“ser extremamente valente”); ter coração de ouro (“ser muito bondoso ou generoso”); ter coração de pedra (“ser duro de sentimentos, insensível”); ter jogo de cintura (“ser flexível para escapar a situações delicadas ou contornar conjunturas difíceis”); ter o corpo fechado (“ser imune a malefícios, graças a benzeduras e orações”).

A função verbal destas expressões comprova-se à medida que admitem modificação pessoal, temporal e modal, e que as de caráter transitivo podem fazer com que a ação expressada por elas recaia sobre um objeto exterior, como se fosse um complemento direto, como podemos atestar neste exemplo com a expressão esquentar a cabeça (“preocupar-se demasiado”): “Após meu último casamento, percebi que o bom é não esquentar a cabeça (risos)! Ficar junto só se for você na sua casa e eu na minha. (In atriz Elizângela do Amaral Vergueiro, entrevista a Etienne Jacintho, O Estado de São Paulo, 01/11/2008).

Segundo Zuluaga (1980), as locuções verbais apresentam, entre seus componentes, um que funciona como portador das determinações de tempo, de pessoa, de número e de modo e que pode, portanto, variar ao ser utilizado no discurso. O referido componente pode ser reconhecido, ainda fora da locução como um lexema verbal do sistema léxico de uma língua dada.

As mais recentes pesquisas psicolinguísticas sobre compreensão idiomática, especialmente para testar quais as que apresentam maior grau de dificuldade de compreensão, têm utilizado, entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais, as colocações e os refrães, sendo as locuções entre as unidades fraseológicas as que recebem maior atenção por parte dos psicolinguistas por apresentarem potencialmente um grau de dificuldade maior do que as demais unidades fraseológicas⁵⁸, não por sua estrutura, senão por fatores como a familiaridade, analisabilidade sintática, maior grau de opacidade ou evidente transparência, conforme os estudos de Levorato (1993, p. 101-128; Cacciari (1993, P. 27-55); Crespo e Caceres (2006, P. 77-90); Crespo Allende, Alfaro Faccio e Pérez Herrera (2008, p.95-111).

Entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais⁵⁹são aquelas em que os autores reconhecem maiores evidências de distinção entre as que são transparentes e as que são opacas, as que podem ser interpretadas literalmente e as que tendem a ser interpretadas idiomáticamente, possibilitando achados empíricos que levam a observar o desempenho de falantes não nativos do PB frente a locuções verbais, opacas e transparentes, próprias da variante de dada língua.

Trataremos agora das propriedades fraseológicas.

⁵⁸ É possível que para falantes não nativos do Português Brasileiro, locuções nominais como a três por dois ("com frequência, com regularidade"; com efeito ("de fato; efetivamente") podem não ser de fácil compreensão.

⁵⁹ Neste trabalho, utilizamos de forma indistinta os termos locução verbal e expressão idiomática assim como procede Sevilla Muñoz e Arroyo Ortega (1993); Molina García (2006) e Dovrtělová (2008).

As propriedades fraseológicas

"A formação, o funcionamento e o desenvolvimento da linguagem são determinadas não apenas pelo sistema de regras livres, senão também por todo tipo de estruturas pré-fabricadas das quais se servem os falantes em produções Linguística."
(CORPAS PASTOR, 1996, p.14, tradução do autor)

As muitas e díspares propriedades das expressões idiomáticas são fruto com certeza mais de discrepâncias ou divergências nas classificações das unidades fraseológicas e da própria definição do que se entende por Fraseologia do que por fatores estruturais ou semânticos das combinações estáveis ou fixas da língua, sejam idiomáticas ou não.

Costumeiramente, linguistas como Corpas Pastor (1996, p. 19-32); Castillo Carballo (1997, p.70-75); Penadés Martínez (1999, p.14-19); Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p.21-56); Martínez Montoro (2002, p.13-89); Montoro Del Arco (2006, p.35-70); García-Page Sánchez (2008, p.23-34); Timofeeva (2008, p.153-333) e Ruiz Gurillo (2010, p.174-194) apontam as seguintes propriedades das unidades fraseológicas: afetividade, anomalia, convencionalidade, cristalização, estabilidade, estrutura não oracional, expressividade, figuração, figuras de repetição, fixação, frequência, gradualidade, idiomaticidade, inflexibilidade, institucionalização, lexicalização, não composicionalidade, nominação, pluriverbalidade, polilexicalidade, variabilidade, entre outras⁶⁰.

A Polilexicalidade

A polilexicalidade é *conditio sine qua non* para a definição das expressões idiomáticas. A rigor, não há ou, pelo menos, não deve

⁶⁰ Muitos autores citam ainda a informalidade como propriedade das expressões idiomáticas, mas consideramos um equívoco uma vez que como todas as palavras, existem as que são formais e as que são informais.

ser considerada expressão idiomática segmento, ordenado no eixo sintagmático, que não seja uma combinação de, pelo menos, dois constituintes. No caso das expressões idiomáticas, representadas pelas locuções verbais, a polilexicalidade é uma condição inerente ao próprio conceito locucional como um conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem sentido, combinação própria ou peculiar e função gramatical única.

Ao tratar dos traços básicos das unidades fraseológicas, acertadamente Montoro del Arco (2006) diz que não há um consenso sobre quais são os limites do componente fraseológico e sobre que unidades devem ser consideradas fraseológicas. Talvez, segundo o linguista, o único traço ou propriedade fraseológica consensual seja a polilexicalidade.

Para Gross (1996), a polilexicalidade é a primeira condição necessária para que se possa falar acerca da fixação (cristalização) das expressões idiomáticas e que as palavras, constituintes da expressão idiomática, tenham uma existência autônoma fora da construção ou combinação fraseológica; por essa razão, segundo Gross, são excluídas construções formadas com afixo (sufixo, prefixo), que se enquadram no chamado processo de derivação (p. 9-10).

Montoro del Arco (2009), na tradição europeia, particularmente a hispânica, um segmento é considerado fraseológico quando é formado por dois ou vários componentes que aparecem separados na escrita. Graças a esta noção ortográfica, semântica e morfológica, pode-se também utilizar, de forma mais geral, em vez de unidade fraseológica, a expressão "unidade polilexical" quando se quer se referir à unidade lexicalizada, o que pode criar uma separação ou distinção terminológica das "unidades unverbais" (ou unidades léxicas) que são objeto de lexicologia.

Cumpre-nos destacar, porém, que a polilexicalidade não é apenas uma traço meramente formal das expressões idiomáticas, senão também de tipo psicológico significativo no sintagma fraseológico, pois influi na interpretação da expressão idiomática (MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 37). Isso, certamente, ocorre

porque estão ligados a campos conceituais diversos, como podemos comprovar no dicionário de Penadés Martínez (2002), ao registrar as expressões idiomáticas relacionadas a ações, estados e processos próprios das pessoas como seres vivos, a atividades profissionais, a ações e processos referentes ao sexo, entre outros.

Concordamos com a opinião de Montoro Del Arco (2006, p. 38) quando diz que, no campo da Fraseologia, referindo-se à polilexicalidade, "deve ser apontada desde o começo e com suficiente clareza em toda caracterização geral das unidades que se incluem no componente fraseológico da língua Espanhola"⁶¹.

No âmbito dos estudos de Linguística Cognitiva, há uma compreensão de que, graças à propriedade de polilexicalidade, há uma intensa produtividade de expressões fixas nas línguas modernas, fórmulas binárias que estabelecem o princípio da ordem linear da maioria das locuções (DELBEQUE, 2008, p.26).

Não nos parece razoável a posição de Delbeque (2008). Do ponto de vista linguístico e pela própria definição de fraseológica, uma expressão idiomática não pode ser produtiva. Afinal, não podemos utilizar parte de seus componentes ou de seus morfemas na composição de novas expressões da mesma forma que acontece com os sufixos e prefixos nas lexias simples ou palavras unitárias.

Para ilustrar a noção de binarismo linguístico proposto por Delbeque, tomemos, em língua Portuguesa, dois exemplos de unidades fraseológicas, tendo como lexema de base a palavra água: a) água benta ("água usada para fins sacramentais e piedosos"), como na frase "Você já experimentou o maravilhoso poder da água benta?"; b) água na boca ("forte vontade de comer, grande apetência; grande desejo"), como na frase "João ficou com água na boca ao ver a sobremesa"; e (c) ter bebido água de chocalho ("falar demais"), como na frase de alta frequência no Ceará como em

⁶¹ No original: "...debe señalarse desde el principio y con la suficiente claridad en toda caracterización general de las unidades que se engloban en el componente fraseológico de la lengua española".

"Dizem por aí que João andou bebendo água de chocalho e falando o que não pode provar".

Na frase (a), a locução nominal destacada é formada de duas palavras "água" e "benta". No exemplo (b), a locução nominal é formada por três constituintes "água", "na" e "boca" e no exemplo (c) estamos diante de uma locução verbal de natureza idiomática formada por cinco elementos constituintes "ter", "bebido", "água", "de" e "chocalho".

Os exemplos acima nos levam a caracterizar a expressão idiomática como uma combinação de duas ou mais palavras. Assim caracterizada, a expressão idiomática não se confunde com unidade léxica simples como nas fórmulas pragmáticas ou de rotina como as interjeições "saúde" ("voto que se faz a alguém que espirra"), "adeus" ("fórmula de despedida, geralmente quando se espera separação longa ou definitiva), "obrigado" (fórmula utilizada para quem se sente devedor de um favor, de uma amabilidade")

Adverte, porém, García-Page (2008, p.24) o seguinte: "O caráter pluriverbal de unidades fraseológicas é uma condição necessária, mas não exclusiva, embora suficientemente restritiva, para deixar de fora do campo de estudo da Fraseologia um grande conjunto de estruturas"⁶². Como as demais unidades fraseológicas, a expressão idiomática é fundamentalmente polilexical.

Em substância, diríamos que, por resultar de um fenômeno de cristalização cujo grau pode variar conforme as unidades, a polilexicalidade faz-se acompanhar de um certo número de propriedades sintáticas e semânticas e sua definição é bastante contígua de uma outra propriedade das expressões idiomáticas, a estabilidade ou fixação, que veremos em subseção mais adiante.

Trataremos a seguir da frequência fraseológica.

⁶² No original: "el carácter pluriverbal de las unidades fraseológicas es una condición necesaria pero no privativa, aunque sí suficientemente restrictiva como para dejar fuera de campo de estudio la Fraseología un nutrido conjunto de estructuras"

A Frequência

"De um modo geral, as Expressões Idiomáticas são muito frequentes (besta quadrada; ter costas largas; com o pé nas costas etc), visto que fazemos constante uso delas em nosso dia-a-dia, sem nos darmos conta."
(XATARA, 1998, p. 154)

Depois da polilexicalidade, a frequência de uso (e de coaparição) é a propriedade mais sobressalente das expressões idiomáticas. Sem a frequência, não podemos falar em convencionalidade (ou fixação fraseológica) ou dizermos, por exemplo, que uma expressão idiomática é, antes de tudo, uma expressão fixa e, portanto, armazenada na memória dos falantes nativos.

A retórica clássica recorreu à noção de frequência para designar numerosas figuras de linguagem relacionadas à repetição como a anáfora, a anadiplose, a aliteração, a assonância, a diácope, a epístrofe, a paranomásia e a epanalepse.

A noção antiga de frequência alcançou, também, as teorias fraseológicas. Linguistas como Corpas Pastor (1997), Xatara (1998), Sanromán (2001) e García-Page Sánchez (2008) têm proposto a frequência de uso como uma característica definitiva das expressões idiomáticas.

Entre as seis características das unidades fraseológicas, assinaladas por Corpas Pastor (1997), está a frequência. É um traço destacado das expressões idiomáticas ao considerá-las como unidades léxicas polilexicais que "se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparição de seus elementos integrantes" (p.20). No conjunto de expressões idiomáticas de dada língua, evidentemente nem todas têm alta frequência de uso, isto é, não podemos generalizar esta característica linguística das expressões idiomáticas.

Segundo Corpas Pastor (1997), a frequência, como característica linguística das expressões idiomáticas, poderá apresentar duas vertentes, conforme já pudemos observar na

definição anterior: (a) frequência de uso da expressão idiomática como tal e (b) frequência de coaparição de seus elementos constituintes. No caso (b), os elementos constituintes não aparecem sozinhos sob pena de descaracterizar a expressão idiomática.

Creemos que a frequência de uso atua como um elemento fixador da expressão idiomática. Graças à frequência de uso, as expressões idiomáticas potencializam as funções apelativas da linguagem oral/escrita, que se caracterizam pela interpelação direta do interlocutor, e diríamos, também, incrementam as mesmas funções da linguagem não verbal, uma vez que estão presentes, por exemplo, em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conforme nos descreve Lemos (2012). De igual modo, as funções expressivas, as que se referem às atitudes dos locutores ou emissores com relação ao conteúdo e ao contexto da mensagem, são beneficiadas pela frequência de uso das unidades fraseológicas. Em outras palavras, diríamos que a causa (frequência de uso) gruda com a consequência (fixação fraseológica).

Para García-Page Sánchez (2008, p. 32) cabe falar em frequência de uso, no âmbito do estudo das locuções ou expressões idiomáticas, se concebemos as referidas combinações fixas como "fios de tecido textual das mensagens" e que sua presença na comunicação, oral e escrita, é constante. A frequência de uso nas expressões idiomáticas, potencial e estruturalmente ambíguas, evidencia o sentido idiomático ou holístico, prevalecendo, habitualmente, sobre o sentido literal originário, desde que exista um contexto determinante.

García-Page Sánchez (2008) considera um extremo de infrequência o fato de uma combinação que, em princípio, admite duas leituras, uma literal como forma livre e outra idiomática como expressão fixa, seja empregada com o sentido literal, isto é, como produto da "técnica do discurso", para tomarmos uma expressão de Coseriu (1981, p.113-118).

Em outras palavras, o que García-Page Sánchez (2008) considera infrequente ou inusual é a possibilidade de uma expressão como, em Língua Portuguesa, "ficar a ver navios" com

sentido idiomático de "sofrer decepção", possa ser interpretada por um falante nativo como "ficar + a + ver + navios", com o sentido literal de "continuar a enxergar as embarcações". A posição de García-Page Sánchez (2008) indica que a compreensão de uma sequência é preferencialmente idiomática.

Quanto à frequência de aparição, Corpas Pastor (1996) afirma ocorrer quando as expressões idiomáticas apresentam elementos constituintes que aparecem combinados com uma frequência de aparecimento do conjunto ou bloco superior ao que se espera da frequência de aparecimento individual de cada palavra na língua.

A frequência de coaparição tem uma consequência imediata, desde o momento em que uma combinação de palavras, constituída livremente a partir das regras do sistema linguístico, emprega-se em alguma ocasião particular, ou seja, está disponível para ser usada no discurso pelo mesmo falante ou outro como uma combinação já feita.

Segundo Corpas Pastor (1997, p.21), quanto mais frequente o uso da combinação, mas chances terá para consolidar-se como expressão fixa que os falantes nativos armazenam na memória de longo prazo.

Somos da mesma opinião de García-Page Sánchez (2008) de que não faz sentido falar de frequência de coaparição das palavras que formam a expressão, salvo, claro, as variantes fraseológicas já codificadas, que funcionam numa relação paradigmática, posto que as expressões idiomáticas trazem a presença insubstituível dos componentes.

Para ilustrarmos com um exemplo, em Língua Portuguesa, a expressão abaixar/apagar/assentar/sossegar o facho pode vir com diversos verbos, mas o mais frequente nos meios de comunicação é que apareça com o verbo baixar como em "O Peru conseguiu baixar o facho do Sendeiro Luminoso." (In Coluna FREI HERMÍNIO BEZERRA, Caderno 3, DN, 07/01/2008), com o sentido de "moderar-se; conter-se".

A frequência de coaparição é um traço que caracteriza, sobretudo, as colocações ou as construções em trânsito de fixação

ou que estão em processo de lexicalização. A frequência de coaparição é um fato sintagmático, marcado pelas relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, derivado primária e fundamentalmente de seu vínculo semântico, isto é, do fato paradigmático, marcado pelas relações virtuais entre unidades suscetíveis de comutarem entre si o que, ao certo, contribui para a fixação completa e definitiva da expressão idiomática.

Nessa mesma linha de reflexão, Xatara (1998, p.148) acredita que a profusão das expressões idiomáticas decorreria de duas razões principais: (a) o poder de seus efeitos criativos e (b) a revelação do mundo simbólico ou metafórico.

A frequência de uso, segundo a linguista Xatara (1998), seria responsável por dar caráter previsível e automatismo às expressões idiomáticas ou, mais precisamente, pela convencionalidade, tornando-as frequentes no discurso, mas, ao serem apresentadas aos usuários da língua, surpreendentemente, revelam-se com um poder metafórico ou idiomático de seus efeitos sobre os usuários, "através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal." Num olhar mais crítico sobre o pensamento de Xatara (1998), diríamos que não há metáfora nem metonímia do ponto de vista sincrônico, pelo simples fato de que não há processamento da expressão idiomática.

Quanto à revelação do mundo simbólico, Xatara (1998) afirma que, graças a "uma espessura simbólica", peculiares às expressões idiomáticas, e por estarem retidas na memória dos falantes, são criadas condições para que, durante o processamento fraseológico, sejam acionadas "transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções".

A frequência de uso de expressões como bater as asas, bater em retirada, botar o pé no mundo, cair fora, dar com o pé no mundo, levantar voo, meter o arco, meter o pé no mundo, entre outras expressões, em lugar do léxico simples "fugir", na verdade,

dá uma maior força perlocucionária ao enunciado e traduz para o leitor ou ouvinte maior força de expressão ou estilo ⁶³.

A Fixação

Emparelhada com a polilexicalidade, apontamos, entre propriedades essenciais das expressões idiomáticas, a fixação ou a estabilidade.

Zuluaga (1975, p. 230) entende por fixação ou estabilidade formal a propriedade que tem certas expressões de serem reproduzidas no falar como combinações previamente feitas. Esta definição foi posteriormente acolhida por Corpas Pastor (1996, p.23).

Uma explicação das teorias fraseológicas sobre o surgimento desta propriedade fraseológica é a de que a fixação resultaria de um processo histórico-diacrônico e da conversão paulatina de uma construção livre e variável em uma construção fixa, invariável, sólida, graças à insistente repetição; portanto, como consequência de sua frequência.

Nesse processo de evolução, uma forma analítica livre chegaria a adquirir, em um ponto da história, um sentido idiomático (ou metafórico⁶⁴) ou específico⁶⁵ em até conceber-se como um todo, isto é, uma fórmula memorizável, disponível para emprego por parte do falante, no processo discursivo, ao expressar

⁶³ A rigor, não poderíamos dizer que a frequência de uso é uma propriedade exclusiva das expressões idiomáticas. Acontece com a escolha de qualquer palavra da Língua Portuguesa como, por exemplo, com o verbo sair ou retirar-se com seu correlato vazar.

⁶⁴ Não poderíamos generalizar esta carga metafóricidade para todas as unidades fraseológicas. Na expressão de vez em quando com sentido de "ocasionalmente, uma vez ou outra", não há metáfora.

⁶⁵ Por exemplo, em ser cheio de nove horas com sentido de "rabugento, impertinente" como na frase "O senador fluminense Lindbergh Farias ficou cheio de nove horas para dizer que aquele escritório era até então uma caixa-preta" (DN, em Caderno 3, Coluna É..., 08/07/2013)

um conteúdo que já estaria condensado nela (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.25).

Este processo de conversão de uma unidade sintática em expressão idiomática poderia chamar-se de fraseologização, embora, para García-Page Sánchez (p.25), o fato de unidades fraseológicas terem muitas palavras é uma condição absolutamente necessária, mas não exclusiva, e suficientemente restritiva, o que significa dizer que este fato linguístico pode representar um fenômeno mais amplo se inclui a fixação da forma e a fixação semântica como operações simultâneas, uma vez que fixa, também, o sentido fraseológico.

Quando o sentido de uma expressão idiomática se estabiliza, a forma livre originária, estruturalmente idêntica, portanto, correspondente a literal (ou a "técnica do discurso" para tomarmos a expressão coseriana), seguirá outros caminhos semânticos ou ocorrências semânticas, disponível para emprego discursivo, e, exposta, como qualquer outro signo da língua, a preencher-se de novos matizes semânticos; daí as expressões idiomáticas experimentarem mudanças no sentido ou se tornarem arcaísmos.

Com relação, especificamente, às expressões idiomáticas, a fixação é uma propriedade marcante das mesmas em que pesem sofrerem muito com a variação fraseológica. Línguas neolatinas como o português e o Espanhol registram muitas variantes fraseológicas no seu léxico. Vamos, então, aprofundar um pouco, com alguns exemplos em língua Portuguesa, esta questão da variação nas expressões fixas nos parágrafos a seguir.

Segundo García-Page Sanchez (2008, p.213-315), os estudos filológicos têm mostrado que a tradição oral tem favorecido, ao longo dos anos ou séculos, a criação de variantes, em decorrência de causas diversas, do tipo: (1) maior expressividade; (2) etimologia popular; (3) regionalismos; (4) marcas sociolinguísticas (as de variação diastrática, em particular); (5) existência de modelos

produtivos de uso pelos falantes⁶⁶; (6) ênfase; (7) reforço do aprendizado; (8) ajuda à memorização; (9) economia linguística; (10) modernização e, por último, (11) maior ou menor extensão da locução.

Destas causas arroladas acima, não concordamos com a (5) por entendermos que, por definição, uma expressão idiomática não pode ser produtiva a menos que o autor considere a flexão ou a variação como processos criativos da língua, o que seria um contrassenso linguístico.

De outra maneira, diríamos que a fixação tem um caráter gradual, portanto, de escalaridade, que se manifesta de diversos graus de uso da língua. São muitas as expressões idiomáticas passíveis de variações formais de uma ou outra natureza (fônica, gráfica, léxica, gramatical, morfológica).

Na Língua Portuguesa, podemos dar exemplos de variantes fraseológicas de várias expressões idiomáticas, como: "chutar o balde/ o pau da barraca"; "escapar/sair pela tangente"; "estar/ficar entregue às baratas"; "passar atestado de burro /estúpido/imbecil"; "estar/ou andar com a pedra no sapato"; "estar/cair/ ficar de cama"; "estar/ ficar com água na boca"; "estar/ ficar de saco cheio"; "estar /ficar no mato sem cachorros"; e "esticar a canela/ as botas". Esta riqueza de variação fraseológica é entendida por nós como diferenças de realização linguística (falada ou escrita) de uma expressão fixa, observadas entre os falantes de uma mesma língua e não como produtividade fraseológica.

Para ficarmos em exemplo, vejamos o que nos diz Houaiss e Villar (2009) sobre a expressão "chutar o balde": mesmo que "Chutar o pau da barraca". Portanto, as duas formas ou variantes

⁶⁶ O caráter "produtivo" das expressões é muito questionado. Ao longo deste livro, temos colocado que uma expressão não pode ser produtiva. É uma contradição em termos. Se o que caracteriza a expressão é justamente a cristalização e a fixação, com o passar dos anos, ela não pode ser produtiva. Assim, ninguém pode fazer uma expressão nova porque, por definição, a sequência tem de ser repetida durante muito tempo, até ser conhecida e compartilhada por todos os outros falantes da língua.

de uma mesma expressão fixa compartilham os mesmos sentidos como “deixar de medir as consequências de qualquer ato; engrossar, entornar o caldo” e “abandonar, desistir de um projeto”.

No inventário de variantes fraseológicas, como apresentamos na lista acima, as que permanecem no uso da língua, sem se tornarem anacrônicas ou obsoletas, são as que são, geralmente, codificadas e consagradas pela comunidade e previstas pelo sistema (da língua), daí reconhecermos que a convencionalidade e a frequência são também dois traços definitórios das expressões idiomáticas.

Para ilustrarmos com mais exemplos em Língua Portuguesa, lembramos que no caso do sentido idiomático de “fugir” ou “retirar-se em debandada”, o Aurélio (2009) registra sobejamente, entre outras, as seguintes locuções verbais: abrir no mundo; abrir no pé; abrir nos paus; abrir o arco; bater em retirada; botar o pé no mundo; enfiar a cara no mundo; ensebar as canelas; entupir no oco do mundo; fazer chão; fazer a pista; ganhar o mato; ganhar o mundo; bater em retirada; sair de fininho; e elevar voo.

Por outro lado, são abundantes as expressões idiomáticas que admitem modificações de seus elementos constituintes através da “técnica do discurso”, própria das combinações livres. Quando expressões idiomáticas se comportam como se fossem combinações livres, portanto, de sintaxe plena, o que ocorre, geralmente, é a inclusão na combinatória de incrementos léxicos com valor intensificador⁶⁷, mas que não interferem no conceito de fixação das expressões idiomáticas, particularmente no caso das locuções verbais, como, as seguintes: abrir o (maior) bocão, armar (o maior) banzé, armar o (maior) barraco, ser bom (ou muito) estômago, ser bastante (ou muito) mulher e ter bom (ou muito) estômago.

A variação, como contrapartida e, aparentemente contraexemplo da fixação, tem sido proposta, juntamente com a

⁶⁷ Muitos somatismos, como em tirar mais água do joelho, que traz o intensificador “mais” e “ter a língua maior que o corpo” ou “ter o o olho maior que a barriga” em que temos “maior” nas combinatórias fixas.

fixação, como propriedade das expressões idiomáticas; inclusive, como um traço universal fraseológico (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.213-220). Existiriam, assim, fatores para transgressão da fixação ou variação fraseológica: (1) a própria natureza fixa da locução; (2) o caráter travado e coeso de sua composição léxica, sintática, e inclusive, fônica (relativo ao contínuo sonoro que constitui a cadeia falada); e (3) seu valor de unidade memorizável.

Em nosso estudo, acolhemos esta visão acima por considerarmos que os falantes de dada língua, especialmente os de L2, como, por exemplo, lusófonos na variante africana, tendem naturalmente a apresentar formas linguísticas diferenciadas da nossa vertente brasileira ou europeia por determinantes sociolinguísticos ou, mais precisamente, por fatores diatópicos.

A estabilidade da combinatória de uma expressão idiomática, ao longo de um tempo, resultaria, pois, da consagração pelo uso na comunidade linguística, ainda assim e, paradoxalmente, tal fixação não se imporá como homogênea para todos os falantes de dada língua nem mesmo os dicionários gerais ou especializados registram as expressões idiomáticas ou as abonam de igual modo. Apenas para exemplificar, tomemos, por exemplo, as expressões idiomáticas para o sentido de "morrer" contendo o lexema paletó: fechar o paletó, fechar o paletó de alguém, vestir o paletó de madeira, abotoar o paletó e vestir paletó de pinho.

Esta particularidade da propriedade fixação, segundo Corpas Pastor (1996, p.23), pode ser manifesta nos seus dois tipos: (a) fixação interna e (b) a fixação externa. Por fixação interna, entendemos a fixação material, marcada pela impossibilidade de reordenamento dos componentes, realização fonética fixa, restrição na escolha dos componentes e fixação de conteúdo (ou peculiaridade semântica).

A fixação externa, por sua vez, pode ser subdividida em outros quatro subtipos, conforme descrevemos abaixo:

(1) **fixação situacional**⁶⁸: refere-se a que se dá como combinação de certas unidades linguísticas, em situações sociais determinadas, como ocorre nas expressões como com licença da (má) palavra ("se me permite usar uma palavra feia, desculpe-me a palavra insultuosa"), pedir a mão de, ("fazer proposta de casamento") e pedir a palavra ("pedir licença para falar").

(2) **fixação analítica**: entende-se aquela que se dá como consequência do uso de determinadas unidades linguísticas, para análise já estabelecida do mundo, frente a outras unidades igualmente possíveis teoricamente, como, em Língua Portuguesa, temos querer viver apenas à sombra e água fresca, não dizer desta água não beberei e não se julgar livre de fazer o que condena nos outros).

(3) **fixação passemática**⁶⁹: aquela fixação originada no emprego de unidades linguísticas segundo o papel do falante no ato comunicativo, como nas locuções: custar os olhos da cara ("ser muito caro") e dormir como uma pedra ("dormir profundamente").

(4) **Fixação posicional**: entendida como a preferência pelo uso de certas unidades linguísticas de determinadas posições na forma de textos, como ocorre nas fórmulas de saudação, encabeçamentos e despedidas de cartas, por exemplo: Sou, com todo o respeito ("fórmula de delicadeza que usa o missivista no fecho das cartas, para exprimir o respeito e o apreço pela pessoa a quem se dirige").

A noção de institucionalização, segundo Garcia Page (2008), é um dos traços acidentais das expressões idiomáticas que também pode ser emparelhado com o conceito de fixação. Define institucionalização como "o processo pela qual uma comunidade linguística, adota uma expressão fixa, a sanciona como algo

⁶⁸ Este traço não poderíamos dizer, a rigor, ser exclusivo das unidades fraseológicas. Qualquer palavra de dada língua tem sua fixação situacional.

⁶⁹ Este termo nos lembra muito a noção de ato perlocutório (os efeitos do ato do falante nos interlocutores e audiência), isto é, o efeito que um ato ilocutório (força que o enunciado produz que pode ser de pergunta, de afirmação ou de promessa) no alocutário (pessoa a quem o locutor dirige um ato de fala numa situação de comunicação oral).

próprio, como moeda de troca na comunicação cotidiana, como componente do seu acervo linguístico-cultural, de seu código idiomático, como qualquer outro signo convencional e passa a formar parte do vocabulário”⁷⁰ (p.29).

Vale ressaltar que a noção de institucionalização, na perspectiva de nosso trabalho, como já dissemos antes, é uma propriedade accidental ou ocasional, que não pode ser confundida com a noção de convencionalidade, uma propriedade essencial das expressões idiomáticas, segundo a perspectiva cognitivista (FILLMORE, KAY e O'CONNOR, 1988; NUNBERG, WASOW e SAG, 1994; CROFT e CRUSE, 2004, p.298; TAGNIN, 2005). Mais adiante, daremos uma atenção especial à propriedade da convencionalidade.

No caso da institucionalização, a expressão idiomática converte-se em produto cultural, como um referente idiossincrásico e de uso por uma comunidade linguística, embora possa ultrapassar as fronteiras e alcançar o campo internacional, isto é, passar a fazer parte do universo fraseológico compartilhado por comunidades de falas distintas.

Há expressões que surgem com força e pujança ou se põem de moda por certo tempo, mas a comunidade linguística deixa de usar de uma hora para outra e a esquece, e assim deixa de fazer parte do vocabulário ativo da comunidade de falantes, embora, por vezes, continue registrada nos dicionários gerais da língua.

Na institucionalização de uma estrutura, normalmente, a ação fixadora do uso repetido é precisa. Ainda segundo García-Page Sánchez (2008), a repetição continuada de uma expressão conduz a sua cristalização, a sua petrificação, à condição de unidade disponível para seu armazenamento, memorização e a sua transmissão entre os falantes.

⁷⁰ No original: " el proceso por el cual una comunidad lingüística adopta una expresión fija, la sanciona como algo propio, como moneda de cambio en la comunicación cotidiana, como componente de su acervo lingüístico-cultural, de su código idiomático, como cualquier otro signo convencional, y pasa a parte del vocabulario".

No campo fraseológico, o traço de fixidez da instituição nos leva a outra noção, a de reprodutividade, que, certamente, é a mesma que percebeu Eugenio Coseriu quando fez referência a "discurso repetido" (2007, p.201).

Por conta da repetição ou reprodução, ocorreria a institucionalização, e esta também levaria, no uso da língua, à repetição da expressão, evidenciando seus valores intrínsecos como fórmula ou discurso repetido, conhecimento ou experiência compartilhada entre os falantes, sua natureza estruturalmente sintética e sua marca de identidade cultural da comunidade linguística.

Outra noção fraseológica, considerada por nós como acidental e que está muito ligada à noção de fixação fraseológica, é a de anomalia. Entendida, em nosso estudonosso estudo, como expressões palavras que fogem à regra e não seguem um paradigma flexional, e sendo formas anômalas devem ser, portanto, memorizadas pelos falantes de uma língua dada.

Tem-se apontado as construções estruturalmente anômalas do tipo léxicas, sintáticas ou semânticas como índices ou indicadores fraseológicos, isto é, marcas de identificação das expressões idiomáticas e uma prova da fixação das unidades fraseológicas (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.33-34; RUIZ GURILLO, 2001, p.18).

No caso da Língua Portuguesa, enquanto para o sintaxista uma expressão idiomática como *aí é que a porca torce o rabo* ("este é que é o ponto difícil da questão"), a presença do advérbio "*aí*" é considerada uma anomalia, para o fraseólogo é um traço próprio de certas unidades/expressões/ fraseológicas⁷¹. Em outras palavras, no campo fraseológico, a anomalia tem seu valor diacrítico.

⁷¹ Uma outra interpretação para este fenômeno seria a de considerar que um sintatiscista poderia ver no advérbio *aí* um adjunto temporal perfeitamente justificável na língua, tanto do ponto de vista formal (com relação à posição na sentença) quanto semântico.

A Língua Portuguesa, em se tratando de casos de anomalias fraseológicas, é bastante produtiva. Por exemplo, há casos de anomalias em expressões idiomáticas (a maioria anacrônica) com a presença de nomes próprios ou antropônimos como, em: Messias, em esperar pelo Messias ("esperar por coisa pouco provável ou quase impossível"; Luzia, em ganhar o que Luzia ganhou na horta (" ser passado para trás") ou João em dar uma de João-sem-braço ("disfarçar-se"). Estes antropônimos caracterizam a expressão, de modo a nos falar de uma "fossilização de estados sincrônicos anteriores", isto é, constitui um resíduo histórico de sua consolidação.

As diversas anomalias presentes nas expressões idiomáticas tendem a torná-las expressões ambíguas, isto é, potencialmente composicionais (transparentes ou literais) e não composicionais (opacas e idiomáticas ou não literais) e, por essa razão, o contexto desempenha um papel importante na identificação das expressões idiomáticas quando trazem as marcas de anomalias fraseológicas, como nos exemplos mostrados acima.

No âmbito da Fraseologia, existem mais exemplos de anomalias com palavras idiomáticas (ou diacríticas), arcaísmos ou a marca do arredondamento dos lábios. Por exemplo, nas expressões idiomáticas botar as manguinhas de fora ou pôr as manguinhas de fora ("agir revelando qualidades ou denunciando intenções que, em geral, anteriormente se ocultavam"), embora possa ser alternado o verbo botar para pôr, a palavra idiomática "manguinhas", na sua forma fossilizada no plural, está presente nas duas construções sinônimas. "Manguinhas" tem a função de ser uma palavra diacrítica. É, na expressão idiomática "botar as manguinhas de fora", o que Gonzalez Rey (2005, p.315) chama de fenômeno de hápax⁷² fraseológico.

⁷²Em lexicografia, palavra ou expressão de que só existe uma única abonação nos registros da língua. Esta palavra vem do grego hápaks 'uma vez', isto é, hápaks legómenon 'o que é dito uma única vez'.

Da mesma forma, temos um caso de arcaísmo quando o falante atual do Português Brasileiro, diante de uma expressão idiomática como *bater a caçoleta* ("morrer") não reconhece, composicionamente o sentido de *caçoleta* ("fuzil de espingarda ou arma de fogo semelhante, que dispara com faíscas de pederneira, sobre a qual bate a pedra adaptada ao cão, para comunicar fogo à escorva") julgará, então, por força de sua intuição Linguística, que se trata de uma expressão antiga ou desusada; na verdade, está diante, realmente, de uma construção idiomática que caiu em desuso quer na fala quer na escrita padrão, embora possa continuar a existir como forma dialetal, ou em usos literários e com registros nos dicionários gerais⁷³.

Um bom exemplo de arredondamento dos lábios (ou labialização), podemos observar quando a presença do artigo, enquanto categoria gramatical, implica em diferença no sentido idiomático da expressão com relação a sintagmas livres, "irmãos gêmeos"⁷⁴, como, por exemplo, em *chutar o balde* ou *chutar o pau da barraca*, *bater a bota* ou *bater as botas*.

O que podemos assinalar, nos exemplos *chutar o balde* e *chutar o pau da barraca*, é que o artigo *o* indica, convencionalmente, a presença de uma expressão idiomática frente aos sintagmas livres *chutar balde* ou *chutar pau da barraca* que têm o sentido literal de dar chute contra o recipiente. Por outro lado, a presença do artigo definido, nas construções idiomáticas, indica não apenas uma determinação dentre outras da mesma espécie, mas uma articulação secundária que envolve arredondamento dos lábios na hora de ser proferida pelo falante.

⁷³ Reconhecemos que há inúmeras expressões com palavras que não existem independentemente e são empregadas. Por exemplo, ao léu ou a esmo (à toa) ou sem eira nem beira ("na miséria"). Assim, o fato de a expressão desaparecer porque seus componentes não são usados não nos parece um fato. Na verdade, quando a expressão desaparece o alcance é pleno, isto é, como grupo fraseológico. Afinal, a expressão fixa é uma unidade.

⁷⁴ A linguista Gurillo (2001) recorre a esta expressão para se referir ao homófono literal de uma expressão idiomática.

A metáfora, a hipérbole e a metonímia dão origem a numerosas expressões idiomáticas "semanticamente anômalas", como comer com os olhos ("olhar com cobiça; admirar, demonstrando forte desejo"); comer como pinto e cagar como pato ou dar o passo maior que a perna ("ganhar pouco e gastar muito"); comer como um lobo ("comer ávida e exageradamente"); afogar-se em pouca água ("complicar-se ou preocupar-se com pequenos problemas ou com as mínimas coisas, sem nenhuma importância"); abrir o coração ("expandir os seus sentimentos; desabafar); e cortar o coração ("ser extremamente doloroso").

Tendo em conta que a oposição entre expressões idiomáticas em L1 e em L2 ou em L3 ocorre com frequência nas línguas modernas, como nos aponta Belinchón (1999, p.359-73), diríamos que a Fraseologia do Português é uma das mais ricas das línguas europeias por estar repleta de expressões que contêm componentes léxicos cujo sentido resulta completamente desconhecido por muitos falantes, especialmente crianças e adolescentes, embora, em geral, saibam o sentido global da expressão quando esta é de uso frequente ou corriqueiro ou, ainda, quando contextualizada na fala cotidiana.

Eis algumas expressões que ilustram melhor nossa assertiva acima: estar com o pé no estribo ("estar de partida"); estar na berlinda ("ser alvo de comentários"); fazer de um argueiro um cavaleiro ("exagerar demais"); fazer figas ("amaldiçoar, esconjuram alguém ou algo"); fazer mea-culpa ("arrepender-se"); fazer ouvidos de mercador ("fingir que não ouve"); fazer pé de alferes a ("namorar, cortejar"); fazer uma fezinha ("arriscar a sorte num jogo de azar"); fazer uma vaquinha ("dividir igualmente entre várias pessoas uma despesa qualquer"), dar em águas de bacalhau ("não se concretizar; frustrar-se") .

Como pudemos facilmente mostrar, componentes léxicos das expressões idiomáticas arroladas acima como estribo, berlinda, argueiro, figas, mea-culpa, mercador, pé de alferes, fezinha, vaquinha, e águas de bacalhau, podem ser altamente infrequentes para nativos ou não nativos do PB.

A Idiomaticidade

"La idiomaticidad, entendida hoy como no-composicionalidad semántica es otro rasgo esencial de las Unidades Fraseológicas (UFs)."
(PAMIES, 2006, p.2)

Assim como a polilexicalidade é uma propriedade emparelhada com a fixação, esta, por seu turno, é ligada à idiomaticidade.

Para a renovação do repertório do léxico de uma língua, é necessário que as expressões não idiomáticas se convertam em idiomáticas, isto é, globalizem-se (polilexicalidade) e estabilizem-se (fixação). A todo momento são criadas novas palavras e expressões idiomáticas. Por essa razão, os dicionários gerais tendem a marcar passo frente à atualização das entradas e subentradas de seus verbetes.

A idiomaticidade para alguns autores é determinada a partir da noção de interlinguística e intralinguística. É idiomática uma expressão que, ao ser traduzida para a língua-alvo, pelo menos, um de seus elementos recebe um equivalente especial, que aparece somente nessa expressão. Segundo Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p. 25), a idiomaticidade entendida como especificidade diz respeito a uma língua que se converte em um argumento favorável à relatividade Linguística ⁷⁵.

González-Rey (2010, p. 179) defende a ideia que a idiomaticidade (ou opacidade) resultaria de uma percepção relativa dos usuários, que são os que opinam se uma expressão é opaca ou não. A opacidade dependeria do grau de transparência com a que se expressa uma ideia, mas o que verdadeiramente

⁷⁵ Este termo nos remete à ideia de que uma determinada língua é o reflexo da civilização e da cultura da comunidade onde ela é falada, isto é a estrutura global de cada língua influi diferencialmente sobre o pensamento do falante, sobre sua concepção da realidade e seu comportamento frente a ela, como apontam Rossi-Landi (1974, p.30-36) e Neveu (2008, p.260).

determina a compreensão do sentido idiomático são, segundo ela, os conhecimentos prévios e os procedimentos cognitivos dos usuários. Segundo a linguista, "a opacidade vem de uma falha da mente [dos usuários da língua] ao reconhecer sua incapacidade de desmaranhar sentido" ⁷⁶ (idem).

Na tradição Linguística, o conceito de idiomaticidade tem, ao menos, duas concepções: por um lado, uma concepção *lato sensu* (sentido amplo) daquilo que, na língua, é próprio, particular, peculiar ao sistema linguístico, daí os termos concorrentes idiotismo ou idiomatismo; e por outro, a concepção *stricto sensu* (sentido restrito), decorrente da noção fraseológica do princípio da não composicionalidade semântica ou da opacidade semântica (BEVILACQUA, 2004/2005, p.77).

No Brasil, o termo idiomático ou idiomaticidade, durante muito tempo, referiu-se a uma particularidade ou a especificidade cultural "nacional" a que, na década de 40 do século passado, evidenciou-se com a publicação de obras como *Tesouro da Fraseologia Brasileira* (1966) ⁷⁷, do filólogo Antenor Nascentes e, quase três décadas depois, com a publicação de *Locuções tradicionais no Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo (2004)⁷⁸. Estes autores recolheram, uma a uma, expressões e ditos populares, geralmente ouvidas por eles de homens simples, familiares, descartando as mais populares em Portugal e tendo a preocupação de buscar as suas origens ou motivações linguísticas (CASCUDO, 2004, p.24).

A idiomaticidade, portanto, nas duas obras acima, confundia-se como assinalamos anteriormente, com a noção de idiomatismo ou idiotismo⁷⁹, isto é, traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros

⁷⁶ "La opacidad procede de un fracaso de la mente al reconocer su incapacidad de desentrañar el sentido".

⁷⁷ A primeira edição desta obra é datada de 1945.

⁷⁸ A primeira edição desta obra é data de 1970.

⁷⁹ Houaiss e Villar (1999) datam o termo idiotismo de 1713 enquanto o termo idiomatismo surgiu no século XX.

idiomas (na verdade, mais presunção do que fato linguístico), como ocorre, em nossa língua, com o infinitivo pessoal ou flexionado do português, que recebe desinências número-pessoais, como, por exemplo, na frase "Se nós pusermos mãos à obra agora, terminaremos o trabalho a tempo", em que flexionamos o verbo de uma expressão idiomática pôr mãos à obra ("começar a executar alguma coisa").

As expressões idiomáticas, no tesouro fraseológico, podiam ser entendidas como elementos da tradição oral de uma cultura, no caso, a brasileira, ou, em outras palavras, locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, por ter um sentido não dedutível da simples combinação dos sentidos dos elementos que a constituem.

No Brasil, uma das primeiras gramáticas a tratar dos idiotismos foi a Gramática Expositiva: curso superior, publicada em 1907, pelo mineiro Eduardo Carlos Pereira e que, no ano 1957, já registrava sua 102ª edição, o que vem comprovar sua grande aceitação pelos brasileiros.

Pereira (1957), definia, na época, idiotismo como "termo ou dição de uma língua que não tem correspondente em outra língua, ou, ainda, frases peculiares que se apartam das normas da sintaxe, sendo, porém, consagradas pelo uso de pessoas cultas" (p.258). Consideradas como "verdadeiras belezas da língua", os idiotismos, segundo Pereira ([1907] 1957), podiam ser divididos em duas vertentes: (a) idiotismos léxicos e (b) idiotismos fraseológicos.

Conforme nos descreve Pereira (1957), havia quatro casos de ocorrências de "idiotismos léxicos":

(a) infinitivo pessoal ou flexionado, forma nominal do verbo que, por referir-se a um sujeito, ao contrário do infinitivo impessoal, flexiona-se em número e pessoa como na frase "O juiz faz saber a todos quantos deste edital tomarem conhecimento" e "Já, já ajustaremos contas você e eu".

(b) a mudança do sentido de certas palavras ou expressões pela mudança do gênero, número, e, ainda, da posição de seus componentes no caso das expressões, como em: a cabeça (uma das grandes divisões

do corpo humano) e o cabeça (figura preeminente em qualquer associação ou grupo de seres humanos ou de animais; líder), a língua (órgão muscular situado na boca e na faringe) e o língua (intérprete, tradutor), o zelo (grande cuidado e preocupação que se dedica a alguém ou algo) e os zelos (ciúme), a honra (princípio que leva alguém a ter uma conduta virtuosa) e as honras (manifestações que denotam respeito, consideração por alguém que se distinguiu por sua conduta ou título ou cargo honorífico), homem grande (crescido, desenvolvido, taludo) e grande homem (magnânimo, bondoso, generoso), homem simples (modesto, humilde, pobre) e simples homem (o mais baixo de uma escala ou hierarquia⁸⁰;

(c) o verbo haver, empregado no singular com ausência de sujeito explícito ou determinado, que expressa situações ou processos que não são atribuíveis a nenhum ser, como, por exemplo, "Há certo tipo de meninos que apreciam fazer cenas", e "Em toda parte há pessoas que não veem um palmo adiante do nariz".

(d) a palavra saudade ⁸¹ que não pode, idiossincraticamente, ser traduzida em outras línguas, por não ter equivalência, daí a locução genuinamente brasileira "deixar na saudade" com sentido idiomático de "levar vantagem sobre; superar, sobrepujar" e "morrer de saudade" ("Sentir muita saudade").

Os idiotismos léxicos são considerados por Pereira (1957), como "idiotismos convencionais", pois, são observadas construções análogas em outras línguas, especialmente neolatinas como Espanhol e o Italiano⁸².

⁸⁰ Do ponto de vista da Semântica, isso só reflete a polissemia, característica de praticamente todos os itens léxicos.

⁸¹ Interessante observar a etimologia da palavra saudade: vem do latim *solitudo*, 'soledade', 'solidão', pela forma arcaica *soydade*, *suydade*, possivelmente com influência da palavra *saúde*.

⁸² Trata-se, na verdade, de uma indicação diacrônica. Em Latim, provavelmente havia expressão idiomática. Poderíamos falar, então, em hipótese filológica de reconstrução.

Os idiotismos fraseológicos aparecem em construções do tipo *minha nossa, Nossa Senhora, Minha Nossa Senhora, Nossa Mãe, Santo Deus, Virgem Maria, cruz-credo, triste de mim, pobre do homem, que constituem "frases idiomáticas", expressivas e refratárias à análise.*

Entre os idiotismos fraseológicos, Pereira (1957), cita o caso dos anacolutos. Mais explorada no campo da estilística ou literário, a anacolúcia ou "frase quebrada", com acepção fraseológica ocorre em provérbio do tipo "quem ama o feio, bonito lhe parece" ("aquele que gosta muito de alguém ou de algo nunca lhe vê defeito algum").

O termo idiomático também estava presente nas gramáticas normativas para assinalar todos os fenômenos "anômalos" frente às regularidades que eram objeto real da gramática, dentre os quais as expressões idiomáticas, constituíam somente uma parte.

O conceito de idiomático aproxima-se muito, nesse contexto gramatical, da noção de anomalia, isto é, caráter de expressões ou construções não seguirem as regras ou paradigmas de uma língua e terem caráter imprevisível e irregular comparadas às combinações livres. Numa segunda concepção, a perspectiva mais estreita ou restrita do termo idiomaticidade é considerada como categoria pertencente à semântica composicional (ou não composicional) e muito particularmente à forma de significar das unidades fraseológicas.

Uma definição que se ajusta a esta noção de idiomaticidade é a definida por Montoro del Arco (2006) que a delimita como "a propriedade que apresentam certas unidades fraseológicas, para o qual o sentido global da unidade não é dedutível do sentido isolado de cada um dos elementos constitutivos" (2006, p.45)⁸³.

O fenômeno da idiomaticidade é também chamado de não composicionalidade do sentido, frente à composicionalidade do sentido dos sintagmas próprios da sintaxe livre. É considerada por

⁸³ Original: "la propiedad que presentan ciertas unidades fraseológicas, por la cual el sentido global de dicha unidad no es deducible del sentido aislado de cada uno de los elementos constitutivos".

Montoro del Toro, o mais alto grau de que se conhece como especialização semântica ou lexicalização em unidades fraseológicas. Por exemplo, na expressão querer tapar o sol com peneira ("tentar negar fatos palpáveis ou incontestáveis") ou tirar o cavalo (ou o cavalinho) da chuva ("desistir de um propósito qualquer, por sua absoluta impossibilidade de sucesso"), por força de sua idiomaticidade, não são transparentes nem se adivinham seu sentido idiomático a partir de seus elementos componentes, principalmente se os usuários não são nativos da língua portuguesa.

Na segunda concepção, idiomaticidade é identificada com o sentido traslatício, produto de processos metafóricos ou metonímicos. Desde esse ponto de vista, unidades como tirar leite de pedra ("conseguir aquilo que todos têm por impossível"), morder a língua ("deixar de falar algo") ou dar murro em ponta de faca⁸⁴ ("pretender o impossível") seriam mais idiomáticas por seu alto grau de opacidade semântica.

Para outros pesquisadores, a idiomaticidade é inversamente proporcional à motivação ou restituição diacrônica⁸⁵, isto é, sempre que podemos recuperar a origem de um sentido traslatício ou metafórico a partir do sentido literal, estaremos ante unidades menos idiomáticas que nos casos em que este sentido é totalmente opaco e não há rastro ou pegadas da referida motivação. Estabelece-se que este traço idiomático resultaria de um processo pelo qual o sentido último ou final difere do original ou literal e se concebe em consequência como próprio do conjunto global dos componentes.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, as pesquisas têm dado atenção não ao resultado final, isto é, o sentido idiomático das expressões, mas ao caráter processual da idiomaticidade e têm assinalado, nos seus achados, que o sentido das UFs é composicional, isto é, consiste na soma dos sentidos parciais dos

⁸⁴ Também dita dar murro em faca de ponta, com uso mais regional no Brasil.

⁸⁵ Motivação é entendida aqui como a presença de qualquer conexão necessária entre a forma (fixação formal) da expressão e seu sentido idiomático.

elementos componentes, visão que contrasta com a de Montoro del Arco (2006), como vimos anteriormente.

Em Língua Portuguesa, expressões idiomáticas do tipo jogar lenha na fogueira ("piorar uma situação que já é caótica") ou meter o pé no mundo ("fugir") aos olhos cognitivistas como Cuenca e Hilferty (1999) são consideradas sintagmas com estrutura interna mais analisáveis, por que estes desempenhariam um papel importante em sua interpretação e que "esta possibilidade de estabelecer uma cadeia de inferências sugere que a interpretação não é arbitrária" (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.117)⁸⁶. Em substância, o que defendem os cognitivistas é que as expressões idiomáticas, em sua maioria, são bastante composicionais, em particular, na recepção, uma vez que é preciso que façam sentido (GRICE, 1982) para os usuários da língua, mas, na produção, precisariam saber da convenção.

Para os linguistas cognitivistas, a fixação dos sintagmas é uma questão de grau e não se pode confundir a sua literalidade com a não composicionalidade semântica. O que afirmam é que o sentido idiomático das expressões leva em conta que os constituintes do sintagma seguem mantendo parte do sentido originário: "podemos compreender a importância das partes constituintes de uma frase idiomática, uma vez que são elas que fornecem as pistas necessárias para desvendar a interpretação global da expressão em questão"⁸⁷ (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.118).

⁸⁶ No original: "esta posibilidad de establecer una cadena de inferencias sugiere que la interpretación no es arbitraria".

⁸⁷ No original: "podemos comprender la importancia de las partes constituyentes de na frase idiomática, pusto que son éstas las que proporcionan las pistas necesarias para desentrañar la interpretación global de la expresión en cuestión". Uma posição crítica à autora diríamos que alguns contituintes do sintagma mantêm parte do sentido originário, mas outros não. Em Língua Portuguesa, por exemplo, as expressões sem eira nem beira, misturar alhos com bugalhos tal e qual apóiam-se na rima, isto é, têm apoio fonético recorrente, do segmento final das palavras (eira/beira, alhos/bulgalhos e tal/qual) do que por outros critérios linguísticos.

Sabemos que este fenômeno ocorre algumas vezes, outras não. Em brigar feito cão e gato, podemos imaginar o sentido originário, mas em expressões como meter o bedelho ("intrrometer-se em assunto alheio"), pintar o sete ("realizar obras ou atos próprios do diabo, como travessuras, desatinos, desregramentos"), tirar o cavalinho da chuva ("desistir de ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito") e trepar ou pisar nas tamancas ("zangar-se"), observamos que não é conservado o sentido originário.

Discordando brevemente com a posição dos cognitivistas; cremos que quando estamos diante de expressões idiomáticas efetivamente opacas, mesmo que haja reconhecimento dos lexemas que formam a expressão, acessar o sentido idiomático não é tarefa que resolve com a linguagem literal.

Para defenderem suas postulações, os linguistas cognitivos dão como exemplos expressões idiomáticas do tipo ficar com as mãos atadas ("ficar impedido de agir ou de reagir"). Segundo eles, são, a rigor, fraseologismos com homônimos livres, isto é, aqueles que estão construídos de acordo com os modelos sintáticos e respondem às regras gramaticais e de combinabilidade de uma língua dada. Sabemos que muitas expressões idiomáticas fogem até mesmo dos paradigmas sintáticos como, por exemplo, aí é que a porca torce o rabo, aí é que vamos ver e aí é que está o busílis; construções consideradas por nós como casos de anomalia fraseológica.

A propriedade da idiomaticidade ou o critério de não composicionalidade semântica, segundo outros estudiosos cognitivistas, é importante porque ajuda a caracterizar muitas expressões idiomáticas. Por essa razão, as pesquisas nessa área têm investigado a relação entre o literal-parcial e o metafórico-global, e a produtividade criativa dos distintos modelos de expressões idiomáticas. O traço da idiomaticidade tanto englobaria as expressões idiomáticas totalmente opacas como as que não são metafóricas, estejam elas mais ou menos motivadas.

Uma pergunta, então, advém quando tratamos da noção de idiomaticidade expressões idiomáticas: de que forma estamos certos de que uma expressão como misturar alhos com bugalhos é,

realmente, opaca? O mais provável é que a opacidade do sentido da expressão decorreria da utilização de palavras que fazem referência frequente a elementos histórico-culturais ou a combinações baseadas no imaginativo (ou então, como podemos supor um caso de rima), intuitivo, expressivo, nas quais as palavras passam a adquirir uma significação simbólica e metafórica. No exemplo misturar alhos com bugalhos, podemos observar que o sentido idiomático da expressão não poderia ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que a compõe, como propõe Mogorrón Huerta (2010, p.240).

Os estudos fraseológicos têm postulado que, a exemplo da fixação, a idiomaticidade é um fenômeno gradual. Nesse caso, é um desafio para os estudiosos assinalarem, claramente, os limites e as fronteiras entre o que pode ser efetivamente considerado idiomático ou opaco e o semi-idiomático ou transparente, ou, ainda, semitransparente, uma vez que essa classificação dependeria, em grande parte, não da estrutura dos sintagmas, mas dos conhecimentos linguísticos ou enciclopédicos dos usuários ou falantes da língua (MOGORRÓN HUERTA, 2010, p.243).

Frente a todo esse arrazoado sobre idiomaticidade segundo diversos estudiosos, optamos por adotar, para nosso estudo, o conceito de idiomaticidade de Mogorrón Huerta (2010, p. 240), isto é, o sentido das expressões idiomáticas não pode ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que as compõem.

A Convencionalidade

"De facto, nenhum nome pertence por natureza a nenhuma coisa, mas é estabelecido pela convenção e pelo costume daqueles que o usam, chamando as coisas"
(PLATÃO, [360 a.C.] 2001, p. 44)

Até aqui procuramos mostrar que a polilexicalidade, a fixação e a idiomaticidade são propriedades linguísticas (ou endógenas)

das expressões idiomáticas e nos parecem explicar relativamente o fenômeno da convencionalidade, uma propriedade efetivamente diferente das demais por ser extralinguística (exógena), isto é, derivada de fatores externos que têm a ver com o falante e a sociedade.

Na antiguidade clássica, em Crátilo (2001) - diálogo escrito aproximadamente no ano 360 a.C - Platão, ao tratar de questões etimológicas e linguísticas, já nos é expressa a ontológica oposição conceitual entre convencionalismo e o naturalismo, onde Hermógenes, travando diálogo sobre a questão da conformidade da linguagem e do real com Crátilo, sustenta que somente o uso, o costume, portanto, a convenção, atribuem uma denominação às coisas e, por conseguinte, determinam a adequação das palavras à realidade extralinguística.

Em Crátilo (2001), importante assinalar que Hermógenes pede a Sócrates que intervenha na discussão que mantém com Crátilo sobre se o sentido das palavras vem dado de forma natural (naturalismo, conforme postulação de Crátilo) ou se, pelo contrário, é arbitrária e depende do hábito dos falantes (convencionalismo, como propõe Hermógenes)

Da discussão sobre o convencionalismo e o naturalismo, chegamos à modernidade certos de que as palavras e as expressões de uma língua são fixadas pelas convenções e pelos acordos humanos. Nessa perspectiva, qualquer linguagem parte de determinados pressupostos de natureza convencional (WITTGENSTEIN, 2003), o que não significa, todavia, "a perfeita arbitrariedade das convenções linguísticas" (ABBAGNANO, 2007, p.241).

No campo da linguagem, é possível que exista outro tipo de relação de significação, dita natural, como entre fogo e fumaça, que está presente na construção fraseológica onde há fumaça há fogo ("onde há sinais de alguma coisa, fatalmente haverá uma razão para que eles existam").

Como vemos, a questão das convenções linguísticas ou, mais propriamente o convencionalismo, bem antes da Fraseologia, já

era, pois, discutida pela Filosofia da Linguagem, Lógica e Semântica.

No início do século XX, a Linguística Moderna, através do seu principal porta-voz Ferdinand de Saussure, defendeu por força dos postulados do convencionalismo filosófico, a independência do significante em relação ao sentido e o princípio da arbitrariedade do signo linguístico. Por essa razão, podemos dizer que a Linguística, a saussuriana, é essencialmente convencionalista e inspirativamente platonista.

Herdeiros que somos da linguística convencionalista de Saussure, hoje, quando dizemos que o sentido das palavras ou das expressões, particularmente as idiomáticas, é convencional, isso quer dizer que certos sons e expressões significam o que realmente querem dizer convencionalmente e não necessariamente o que dizem as palavras que as compõem *ipsis litteris*.

Saussure (2012, p.108) afirmava, em seu Curso de Linguística Geral, que "todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio no hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção", citando, por exemplo, as fórmulas de cortesia.

Ao tratar, mais adiante das frases feitas, combinações ou sintagmas mais complexos, Saussure veio a afirmar que "o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas" (2012, p.173)

Em substância, no âmbito dos estudos da Linguística Moderna, o conceito de convenção caracteriza uma relação de significação que resulta de uma regra em uso em uma comunidade. Assim, por exemplo, a relação entre um nome próprio e o indivíduo visado por este designador rígido ou fixo ocorre por força de convenção.

Muitas expressões idiomáticas nos dão a conhecer essa condição de convencionalismo linguístico quando trazem entre seus componentes lexicais nomes próprios como em dar uma de João-sem-braço (ou de Miguel) ("Disfarçar-se"), ganhar o que Luzia (ou Maria) ganhou nas capoeiras (ou na horta) ("ser passado para trás"), ser como a mulher de César ("ser mulher de reputação

inatacável"), cozinhar em banho-maria ("adiar indefinidamente a solução de um assunto") e estar como Pilatos no credo ("eximir-se de qualquer responsabilidade ou interferência numa questão").

No âmbito das teorias fraseológicas, Nunberg, Sag e Wason (1994) apontaram a convencionalidade como um traço obrigatório das expressões idiomáticas, reafirmando o princípio da não composicionalidade semântica, isto é, o sentido ou uso de uma expressão idiomática não resulta previsível com base nos sentidos parciais dos elementos constituintes que a formam. Além da propriedade da convencionalidade, estes autores também assinalaram outras propriedades típicas das expressões idiomáticas: a ou fixação (ou a invariabilidade), a metaforicidade, proverbalidade, a informalidade⁸⁸ e afetividade.

Estas propriedades típicas seriam relativamente acidentais com relação à convencionalidade posto que a memória fraseológica, presente em L1 ou L2, ao ser evocada pelos falantes traz à tona, no discurso, como estão construídas ou fixadas na língua, isto é, na mente do falante e, por conseguinte, constituindo como nos assinala Croft e Cruse (2008, p.298), "uma parte do conhecimento gramatical do mesmo".

Para ilustrarmos estas propriedades típicas, daremos exemplos de cada uma delas observando de que forma se convencioanam no âmbito fraseológico.

Um primeiro exemplo de fixação (ou invariabilidade) pode ser dado na expressão fazer das tripas coração, com o sentido de "esforçar-se de modo sobre-humano", que apresenta sintaxe restringida, não podendo ocorrer alteração na sua combinatória, como "fazer coração das tripas", sem que afete seu sentido idiomático.

Outra possibilidade, num caso de modificação de combinatória, ao certo, poderá resultar em forçar o ouvinte ou

⁸⁸ Somos de opinião de que a informalidade não pode ser considerada um traço típico das expressões idiomáticas. Como todo item léxico, existem algumas mais coloquiais, outras menos.

interlocutor em uma conversa a interpretá-la literalmente para viabilizar uma interpretação possível. Um exemplo de metaforicidade podemos observar na expressão colocar o carro na frente dos bois, com sentido de "andar (algo) ao contrário, às avessas" ou "adiantar-se precipitadamente".

Contrário à ideia de uma convencionalidade (arbitrariedade) em termos saussurianos, compreendemos que há uma tendência à motivação com relação a estas expressões (pelo menos na origem do uso). Sendo esta motivação de natureza corpórea e/ou sociocultural, tal hipótese será defendida pelos linguistas cognitivistas.

Por essa razão, durante muito tempo, a questão da convencionalidade esteve relacionada ao ensino de línguas estrangeiras. As expressões maiores do que as palavras sempre foram um desafio para o ensino sistemático ou explícito para estrangeiros, bem como um fator de obstáculo para o aprendizado dos alunos.

Segundo Tagnin (2005), tomando como referência a língua inglesa, existe um continuum de unidades linguísticas convencionais, pertencentes ao léxico de dada língua, ainda que o aprendiz de uma língua estrangeira conhecesse toda a gramática e soubesse todo o dicionário de cor, não teria pleno domínio linguístico (p.11).

É provável, conforme Tagnin (2005), que as dificuldades relacionadas com o aprendizado das expressões idiomáticas, em L1 ou L2, tenham a ver com o fato de serem apreendidas individualmente, uma a uma, uma vez que não existem regras que as gerem (p.11). Ressalta a linguista que "todas essas unidades são aprendidas como um todo, isto é, em bloco" (p.14). A convencionalidade é, pois, o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística. Conforme a linguista, no momento em que a convenção passa para o nível do sentido, podemos falar em idiomatidade.

Recorre Tagnin (2005), então, ao princípio da não composicionalidade semântica, ao definir uma expressão

idiomática como toda expressão que não corresponde à somatória do sentido parcial de cada um de seus elementos, como em ter o olho maior que a barriga que não significa "possuir o órgão da visão superior à proeminência externa do abdômen", mas quer dizer "ser guloso" ou "desejar possuir imoderadamente".

Distanciando-se, pois, da noção de vernaculidade, natural e próprio de uma língua, o sentido atribuído por Tagnin (2005) à noção do que é idiomático, é o de "não transparente" ou "opaco" e, claro, existem os casos em que as expressões são tipicamente transparentes, como ancorar o barco ("fixar-se ou parar") ou meter o pau ("censurar ou surrar").

Tagnin (2005, p.17-20) fala em níveis de convencionalidade. Existem, segundo ela, três níveis da convencionalidade que são, a saber: (1) o nível sintático; (2) o nível semântico; e (3) o nível pragmático. Vamos comentar, brevemente, cada um deles.

No nível sintático, estão elementos como combinabilidade, ordem e gramaticalidade. A origem da propriedade da combinabilidade está na própria noção de combinação, isto é, a relação de uma unidade da língua com outras unidades, no plano do discurso.

A noção de combinabilidade nos remete também à teoria estruturalista, o chamado eixo sintagmático, terminologia pós-saussuriana, que se refere ao eixo das relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, isto é, o eixo das combinações.

A ordem, por sua vez entendida como em qualquer dos níveis de análise (fonológico, morfológico ou sintático), sequenciamento, determinado por regras, das unidades que compõem a cadeia (da palavra, locução ou frase).

A gramaticalidade, além da noção de correção de norma gramatical, refere-se à característica de uma sentença gramatical, ou seja, aquela que foi gerada pelas regras da gramática de uma língua. Nesse caso, por regras de sintaxe, em particular.

O nível semântico refere-se à relação não motivada entre uma expressão e seu sentido. Segundo Tagnin (2005), não apenas o sentido de uma expressão linguística é convencionalizado, mas

também os esquemas imagéticos que o léxico nos proporciona decorreria dessa condição por estarmos ecológica e socioculturalmente situados no mundo.

Para a Linguística Cognitiva que privilegia esta perspectiva em seus estudos e pesquisas experimentais, "na interação com o mundo, o homem internaliza esquemas de imagem de natureza cinestésica, que formam a base de determinadas formas linguísticas" (MACEDO, 2008, p.31-32)

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.59), na cultura ocidental, as chamadas metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação especial como, por exemplo, "feliz é para cima", o que levaria, em Língua Portuguesa, a surgimento de expressões como levantar as mãos ao (ou para o) céu "com o sentido de "dar-se por satisfeito com algum fato (que poderia ter sido muito pior)". Quando for "para baixo", é mau como expressões do tipo baixar a bola, com sentido de "passar a ser mais humildade; ou baixar a guarda, que quer dizer" acovardar-se" e mais este olhar para o próprio umbigo, com o sentido de "agir com egoísmo".

Contrastando da posição de Lakoff e Johnson (2002), cremos que a noção de metáforas conceituais só tem sentido no plano da diacronia, isto é, teríamos que levar em conta que, no passado, tinham esta orientação especial, mas, no presente, na sincronia, são expressões arbitrárias na sua maioria e, quando motivadas, estaríamos falando simplesmente em origem da expressão idiomática.

Na Fraseologia da Língua Portuguesa, existem muitas expressões idiomáticas que nos parecem indicar que essas orientações espaciais "surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.59).

Assim, temos em Português expressões fixas do tipo ir de (ou por) água abaixo, com sentido de "fracassar, andar por baixo" com o sentido de "estar em situação difícil, normal ou financeira", entre outras como estar de luz baixa e estar de baixo-astral com a ideia de "sentir-se deprimido, na fossa". Para Lakoff e Johnson (2002),

as orientações metafóricas que mencionamos antes não são arbitrárias, e sim, "têm uma base na nossa experiência física e cultural" (p. 60).

No nível pragmático, a noção de convencionalidade é associada à noção de convenção social, bem como à expressão convencional ou forma convencional. Este nível envolveria, pois, o uso das expressões idiomáticas em situações de interações entre falantes. A situação é um aspecto passível de convenção porque requer um certo comportamento social e o emprego adequado das palavras e expressões complexas. Relacionam-se mais a situações específicas como com licença, meus pêsames etc.

Nesse sentido, referindo-se a falecimento de pessoas, podemos recorrer a diversas expressões idiomáticas, brasileirismos, popularismos e gírias, umas mais frequentes do que outras, mas disponíveis no léxico português, tais como: abotoar o paletó, bater a(s) bota(s), bater a caçoleta, bater a canastra, bater a pacuera, dar o último alento, dizer adeus ao mundo, entregar a alma a Deus, entregar a alma ao Diabo, esticar a canela, esticar o cambito, esticar/ir para a Cacuia, ir para a cidade dos pés juntos, ir(-se) desta para melhor, entre outras tantas.

Nesse caso de fraseologismos fúnebres, podemos dizer também que estas expressões acima se constituem verdadeiros eufemismos de que os falantes lançam mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, expressão idiomática, em geral, de sentido grosseiro, inconveniente ou desagradável.

Neste livro, decidimos por considerar convencionalidade como "o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística", como assinala Tagnin (2005, p.14), tendo em vista seu carácter sistemático e tripartição criteriosa nos níveis sintático, semântico, pragmático, suficientemente abrangente para atender ao corpus de expressões idiomáticas que selecionamos para aplicação dos experimentos aos nossos participantes da pesquisa.

Os culturemas

Os culturemas como unidades linguísticas

" Los culturemas no existen fuera de contexto, sino que surgen en el seno de una transferencia cultural entre dos culturas concretas. Culturema es un término comúnmente utilizado por los teóricos funcionalistas."
(XUE: 2009, p.10)

Nesta seção, definimos culturema no âmbito dos estudos fraseológicos e mostramos que pode ser um fator de opacidade na compreensão das expressões idiomáticas por falantes não nativos do PB. Trataremos mais especificamente de três aspectos relacionados aos culturemas: (a) a produtividade fraseológica dos culturemas; (b) Os culturemas na visão de mundo dos falantes; e (c) O papel desempenhado pelos culturemas na compreensão idiomática.

Partindo do pressuposto de que o fator cultural e o fator dialetal desempenham um papel no desenvolvimento cognitivo dos falantes de uma língua dada (SLOBIN, 1980, p. 234) e de que “a fraseologia mostra que a língua é um código que está em relação estreita com outros códigos” (STREHLER; 2009, p.18), especialmente a língua e a cultura.

É plausível postularmos os africanos, no Brasil, em contato com a língua portuguesa, na variante brasileira, precisam frequentemente de explicações explícitas de ordem cultural para entender o sentido idiomático de muitas expressões fixas.

Como os nomes de animais (galo, onça, burros, pulga, sapos, siri, gato, cachorro, macaco, cobra, mico, pato, franga, barata, cavalinho, galinha) e as partes do corpo (orelha, língua, mão, cabeça, boca, cotovelo, queixo, rabo, perna, dedo, sangue, joelho, olhos, barba) estão presentes na maior parte das expressões idiomáticas de uso no Brasil e observadas nos estudos de fraseologia contrastiva (ALMELA et ali, 2005), julgamos importante levarmos em conta, na seleção de expressões

idiomáticas corriqueiras do português brasileiro para nossa pesquisa, estes dois universos vocabulares dos falantes: zoomorfismos e somatismos.

Com estas duas áreas semânticas, isto é, expressões idiomáticas designadoras de nomes de animais e de partes do corpo humano, veremos até que ponto o português é compreendido por falantes não nativos do PB e, buscando observar, em suas respostas, como processam a compreensão das expressões cristalizadas zoomórficas e somáticas.

Essa aproximação entre língua, cultura e cognição é possível se tomamos a língua, segundo Diagne (2011), como “o lugar de cristalização de todos os instrumentos mentais, em que a experiência histórica de um povo está depositada em camadas consecutivas no próprio tecido da língua (p.267).

Em nossa pesquisa, entendemos por *culturemas* os símbolos extralinguísticos, culturalmente motivados, que servem como modelos para a geração de linguagens de expressões figurativas, segundo a definição de Luque-Nadal (2009, p.94-95).

Quando não são acionados pelos falantes, os *culturemas* representam um obstáculo para a compreensão completa de textos culturais em qualquer idioma estrangeiro, especialmente os casos em que falantes não nativos do PB os usam. Graças aos *culturemas*, entendidos também como um conjunto de unidades de informação sobre a cultura, a língua e a cognição, o cérebro aciona nos falantes, seus conhecimentos prévios (memória de longo prazo), de modo a levá-los a entender melhor o mundo (LUQUE NADAL; 2009, p.117).

Como nossos sujeitos são africanos, consideramos também que o fator dialetal desempenhará um papel importante na compreensão das expressões idiomáticas prototípicas do português brasileiro.

Segundo dados levantados pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), disponibilizados na internet, as falas e as culturas africanas são bastante diversificadas em termos de línguas nacionais e dialetos locais.

Acreditamos que, por esse determinante sociolinguístico, os fatores culturais e dialetais tendem a influenciar os estudantes universitários no tocante à compreensão de expressões idiomáticas do português brasileiro.

Este tratamento lusófono dado aos estudantes africanos resulta da nossa concepção de, em se tratando dos Estados membros do Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), devemos seguir o "princípio de horizontalidade" defendido Zau (2010, p.46), no qual, entre países lusófonos, não deve haver qualquer nível de acepção ou hierarquia (por exemplo, português europeu X português africano) de seus falantes. Esse princípio ainda mais se faz imperioso à medida que muitos estudos linguísticos e literários já atestam evidências das línguas africanas na constituição da variante brasileira do português (BONVINI; 2009, p. 16).

Os estudos sobre a caracterização do chamado "português brasileiro", especialmente os de natureza sociolinguística, têm comprovado divergências fonético-fonológico e sintático entre o Português Brasileiro e o Português Europeu; por outro lado, são notáveis, conforme Petter (2009, p.159), as semelhanças encontradas, por exemplo, na concordância de gênero e número do sintagma nominal entre os crioulos de Guiné-Bissau, Cabo verde, São Tomé e Príncipe e variedades não padrão do Português Brasileiro. São dados, portanto, que reforçam ainda mais os laços de lusofonia entre o Brasil e os países da África, entre brasileiros e africanos.

O processo de expansão portuguesa ocasionou o aparecimento de novas línguas decorrente do contato prolongado do colonizador europeu e da ação dos missionários jesuítas nas comunidades colonizadas, como aconteceu no Brasil e no continente africano (DALGADO, 1998, p. 13). Do ponto de vista linguístico, o português na vertente europeia também sofreu influência das comunidades deversas a partir do século XVI.

O léxico do português recebeu bastante contribuição de origem africana, conforme atestam Alkmim e Petter (2008, p. 145-

177), em que os primeiros dicionários da língua portuguesa já registram, no Século XVIII, a presença de termos africanos. Há evidências também da participação das línguas africanas na constituição da variante brasileira do português (BONVINI, 2008, p.16).

Somente no português, estima-se em 3.000 a 4.000 o número de vocábulos de origem africana no português falado no Brasil (BONVINI, 2008, p.1001). O influxo de línguas negro-africanas no português Brasil, porém, não se limitou ao continente africano, segundo os linguistas, por ter sido mais profundo ou influente na língua portuguesa do que se admite, ou seja, as línguas crioulos se afirmaram na comunidade lusófona "como parte do processo de configuração do perfil da língua falado no Brasil e das diferenças que a afastaram do português falado em Portugal" (CASTRO, 2001, p.129), tendência de visão sociolinguística confirmada em estudos mais antigos como os de Moraes-Barbosa (1967, p) e os mais recentes como os de Petter (2009, p.159).

No campo fraseológico, poderíamos dar exemplos de expressões idiomáticas, de diversas motivações semânticas, com as marcas de africania lexical, que deram um caráter idiossincrásico ao PB (MEDONÇA, 2012, p.75-87):

a) **bunda**: "nascer com a bunda voltada para a Lua" ("ter sempre muita sorte em tudo o que faz" e "sentar a bunda" ("ficar quieto; relaxar");

b) **macaco**: "macaco velho não mete a mão em cumbuca" ("pessoa esperta e traquejada não cai em cilada, não se envolve em situações complicadas ou perigosas"), "cada macaco no seu galho" ("cada pessoa no seu devido lugar, sem intrometer-se em coisas que não são de sua alçada ou para as quais não tem competência"), "ir pentear macacos" (mesmo que "ir às favas"), "mandar pentear macacos" (mesmo que "mandar às favas") e "ter macaco no sótão" ("ser ou estar um tanto amalucado, meio doido"), "Macaco em loja de louça" (Pessoa desastrada que, sem cuidado, causa prejuízo ou estardalhaço por onde passa"), "macaco não olha para o rabo" ("pessoa que vê mais facilmente os defeitos alheios que os

próprios"), "macacos me mordam!" ("Locução interjetiva usada para reforçar uma declaração de dúvida ou um prognóstico");

c) **cachaça**: "ter uma(s) cachaça(s)" ("gostar de beber; ser alcoólatra");

d) **gibi**: "não estar no gibi" ("ser incrível, fora do comum, extraordinário"), e assim por diante.

No tocante aos países africanos de nossos sujeitos de pesquisa, Cabo Verde e Guiné-Bissau, os estudos de Couto (1996, p.69-80) particularizam os dois países porque, em que pese terem, ambos, o Português como língua oficial, a língua de união nacional é o crioulo.

Por estarem juntos, desde a segunda metade do século XX, em engajamentos nos movimentos independentistas no continente africano, isto é, em que Cabo Verde está vinculado à luta pela libertação da Guiné-Bissau e por terem seus crioulos a mesma base lexical-portuguesa, decidimos por considerar, em nossa pesquisa, as respostas dos nossos informantes cabo-verdianos e guineenses também em L1, posto que seus crioulos se comportam, do ponto de vista interlinguístico, como "dois dialetos de uma única língua" e "a intercompreensão entre os dois crioulos se dá sem grandes problemas".

Certamente, por conta da importância da presença dos crioulos de base portuguesa na fala dos dois países, durante muito os estudiosos tenham se referido às chamadas "sociedades luso-cabo-verdianas" e "sociedades luso-guineenses" (ALENCASTRO, 2009, p.17).

Entre os crioulos cabo-verdiano e guineense, o que nos impressiona é o Crioulo da Guiné-Bissau (GCr) ser ainda umas das línguas menos pesquisadas na área de linguística, tanto no Brasil como na Europa, com foco nas línguas de base portuguesa em que pese, desde 1973, tenha sido reconhecida como língua nacional e hoje ser a mais falada pelo povo e percebida pela maioria, conforme atesta Scantamburlo (1980, p.11-17).

A título de ilustração, seguem, abaixo, expressões idiomáticas de uso no Brasil em crioulos cabo-verdiano e guineense: equivalências ou traduções⁸⁹.

I - Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Matar cachorro a grito	<i>Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Sem kau bai; • Mata katchor a grito; • Desesperado;
(Não) pagar mico	<i>Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Da burgonha; • Passa vergonha; • Assumi consequência;
Botar a boca no trombone	<i>reclamar, protestar denunciar algo;</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Da ku língua na denti; linguara; • Poi boka no mundo; • Papiadera,linguarada;
Tirar água do joelho	<i>Urinar</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Tra agu di duedju; • Fazi xixi; • Tra agua de joelho ou xixi;
Chutar o pau da barraca	<i>deixar de medir as consequências de qualquer ato.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Ka liga; • Faze kusas sem conta, riba ka importa;
Saber com quantos paus se faz uma canoa.	<i>Aplicar um corretivo; dar uma lição.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Mostra quenha ki ta kanta galu; • Mostrou ku kantu pó ta fazedu um kanoa;

⁸⁹ Para este trabalho de equivalência interlinguística, contamos com a valiosa contribuição do professor cabo-verdiano Diltino Ferreira que nos prestou voluntariamente consultoria ad hoc em línguas crioulas.

II - Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Matar cachorro a grito.	<i>Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Sta disisperadu ku algum kussa; • Sufridor ki ta padi fidalgu; • Alguin desesperada;
Pagar mico	<i>Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Vivi um situaçon di constrangimentu, passa borgonha; • Y passa Borgonha ou Bu purba liti, bu pidi baka; • Passa vergonha;
Botar a boca no trombone	<i>reclamar, protestar denunciar algo;</i>	<ul style="list-style-type: none"> • I pui boca na tromboni pá tcholóla; • Konta tudu djintis di ke ku aconteci; • Reclama ou papia um algo e faci protesto;
Tirar água do joelho	<i>Urinar</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Iná myça ou Ibay waga iagu na quintal; • Bai missa, fassi chichi; • Micha;
Chutar o pau da barraca	<i>deixar de medir as consequências de qualquer ato.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Bu ka ta sibi si bu mama di bunda gros, son ora ki tene mandita; • Bu kA nteressa di nada, kil ku na sedu pa i sedu; • Randja confusão se midi consequências;

Saber com quantos paus se faz uma cano.	<i>Aplicar um corretivo; dar uma lição.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Djugude ka bai fanadu, ma i kungsi udju ou na mostral Cuma Amy ki si lambe; • Pregal um partida, dal kantigu; • Sina alguém pa i ka fassi cusa errado mais;
---	---	---

III - Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Engolir sapos	<i>Suportar coisas desagradáveis sem revidar ou reagir, por conveniência ou impotência.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Inguli alguém; • Ingoli sapu; • Come peixe pa rabo.
Fazer gato e sapato	<i>Tratar com desprezo, ridicularizar; fazer de (alguém) o que se que.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Fazi diabu e sapato; • Fazi gatu e sapatu; • Faze kel ki da na cabeça.
Esquentar a cabeça	<i>Preocupar-se demasiado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Kansa kabeça; • Kabeça quenti; • Cansa kabeça;
Pegar em um rabo de foguete	<i>Responsabilizar-se por compromisso complicado ou perigoso.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Poi fronta riba bô; • Ka bu poi cabeça na confusão.
Botar as manguinha de fora	<i>Atrever-se; ousar.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Da briu; • Poi manguinha di forra; • Ta finge ser santa.

Rasgar seda	Fazer elogios exagerados, nem sempre justificáveis.	<ul style="list-style-type: none"> • Da koru; • Elogiar.
-------------	---	--

IV - Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Engolir sapos	<i>Suportar coisas desagradáveis sem revidar ou reagir, por conveniência ou impotência.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Iná nguli pix Pá rabu; • Nkana leba disafuru PA kassa, si alguim falau nkussa bu ka tornal; • N, goli sapus.
Fazer gato e sapato	<i>Tratar com desprezo, ridicularizar; fazer de (alguém) o que se que.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Dunu di boka, mas dunu di mala; • Disdangu alguim, findji suma i ka abo ki na papia ku el; • Trata alguim mal ou bu despresa alguim, ou faci ki ku bu miste ku alguim.
Esquentar a cabeça	<i>Preocupar-se demasiado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Nudadi mas El cabeça; • Fika preokupadu antis di kussa acontici; • Precupa dimas ou manga de preocupação.
Pegar em um rabo de foguete	Responsabilizar-se por compromisso complicado ou perigoso.	<ul style="list-style-type: none"> • Ami nkana responsabiliza dé; • Kama ku bu ka dita nel, bu ka sibi si ten dabi; • Mite na problema.

Botar as manguinha de fora	<i>Atrever-se; ousar.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Pó tudu tarda ki tarda i cata bida lagartu; • Mostra kil ku sedu di bardadi; • Alguin calma que tene osadia um dia.
Rasgar seda	Fazer elogios exagerados, nem sempre justificáveis.	<ul style="list-style-type: none"> • Ita conta cafumbam mall; • Bari badja; • Ngaba alguim.

V - Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Ir pentear macaco	<i>Ir para longe, afastar-se, para deixar de importunar.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Ba laba; bai pan ka sabi undi; • Ba pentia makako; • Bai passia.
Fazer boca de siri	<i>Nada revelar sobre determinado assunto.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Poi língua baxu denti; • Kala boca e guarda segredo.
Comer com os olhos	<i>Desejar muito; cobiçar; fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado).</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Gala (mulher, homem), Cência (comida, objeto); • Cubiça/ kumi só ku odjo; • Cume ku odjo.
Falar pelos cotovelos	<i>Falar demais (geralmente de modo indiscreto).</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Linguara; • Tagarela, papia txeu; • Papia atoa.
Pisar em ovos	<i>Conduzir-se com toda a cautela e habilidade,</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Fazi kusas ku kuidadu;

	<i>numa situação delicada ou constrangedora.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Toma cautela.
Encher linguíça	<i>Dizer ou escrever coisas superfluamente, sem ter nada que ver com o proposto ou desejado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Fazi kusa sem pé nem kabeça; fazi pa fazi; • Intxi longuíça; • Faze kusa atoa sem nexo.

VI - Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Ir pentear macaco	<i>Ir para longe, afastar-se, para deixar de importunar.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Italil; • Bai lundju , disparci, paka alguim pudi ncomodau; • Bai lundjo ou cabo perto mim.
Fazer boca de siri	<i>Nada revelar sobre determinado assunto.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Si Kusa Muri Kusa ku Matal..Mukur...mukur; • PA fika mudu, pa fika sim papia na assunto; • Bu Ca pudi conta nada sobre és assunto ou fica calado.
Comer com os olhos	<i>Desejar muito; cobiçar; fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado).</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Iná nguli sintidu ou Iná nguli alma; • Tene udju garandi PA kussa di djinti; • Miste cussa ki i Ca dibó.
Falar pelos cotovelos	<i>Falar demais (geralmente de modo indiscreto).</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Na fertcha Verdi Pa panha maduru ou Iná pota ditu; • I ta papia di mas; • Papia chiu dimas ora ki nka stá.

Pisar em ovos	<i>Conduzir-se com toda a cautela e habilidade, numa situação delicada ou constrangedora.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Kamalion kuma djanti i ka nada, tchiga ki tudu; • Bai ku kuidadu na um situaçon complicadu; • Toma cuidado; massa ovo.
Encher linguiça	Dizer ou escrever coisas superfluamente, sem ter nada que ver com o proposto ou desejado.	<ul style="list-style-type: none"> • Si bu odja rato na ri gatui pabia item coba perto; • Papia kussa ku kA tene sintidu, papia ó skirbi kussa fora di contextu; • Nganar a pessoa.

" Los culturemas no existen fuera de contexto, sino que surgen en el seno de una transferencia cultural entre dos culturas concretas. Culturema es un término comúnmente utilizado por los teóricos funcionalistas." (XUE: 2009, p.10)

REFERÊNCIAS DE TERMINOLOGIA

AITO, Emmanuel. Terminologie, dénomination et langues minoritaires face à la modernité: vers une interrogation soucieuse du social. **Revue Terminologie et diversité culturelle**. Montréal: Rifal. Terminologies Nouvelles, n. 21, p. 46-51, juin 2000.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Terminología en Brasil**. IULA – Seminários 2008-2009. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2009. 40 slides, color Adobe Reader. Disponível em <www.iula.upf.edu/materials/081203almeida.pdf>. Acesso em: 12 out. 2012.

ALVES, Ieda Maria. Definição terminológica: da teoria à prática. **TradTerm**, São Paulo: FFLCH/USP, n. 3, p. 126-136, 1996,

_____. Questões epistemológicas e metodológicas em Terminologia. **Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, vol. 12, nº 26, p. 95-106, 1998a.

_____. (coord.) **Glossário de termos neológicos da Economia**. São Paulo: CITRAT/USP, 1998b.

ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

ANTIA, Bassegy Edem. **Terminology and language planning: an alternative framework of practice and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2000.

AUBERT, Francis. O CITRAT e a terminologia bilíngue nas USP. **Terminômetro**. A terminologia no Brasil. União Latina, p. 16-17, 1998.

BARROS, Lídia Almeida. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. **Ciência e Cultura**. São Paulo: vol.58, n.2, pp. 22-26, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://cienciae cultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 18 out. 2011.

- BARROS, Lília Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.
- BARROS, Lília Almeida. Estruturas morfossintáticas e léxico-semânticas dos termos da dermatologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução – Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. **Lexicologia e terminologia: alguns contrapontos fundamentais**. São Paulo: Alfa, 2006.
- BOURIGAULT, Didier; et. al. LEXTER, a natural language processing tool for terminology extraction. **Euralex 96 Proceedings II**, Göteborg: Göteborg University, p. 771-780, 1996.
- BOURIGAULT, Didier; SLODZIAN, Monique. Por uma terminologia textual. In: KRIEGER, Maria da Graça; ARAÚJO, Luzia (Org.). **A terminologia em foco**. Caderno de Tradução. n. 14. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2004.
- BRONCKART, Jean-Paul; BRUN, Jean; ROULET, Eddy. Former de maîtres en français: éléments pour la didactique du français. **Etudes de Linguistique appliquée**, nº 87, p. 11-24, 1992.
- CABRÉ, Maria Teresa. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. **Terminology**. v. 9, n.2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., p. 163-200, 2003.
- _____. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**. V. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline>>. Acesso em: 13 nov. 2010.
- _____. A terminologia hoje: concepção, tendências e aplicações. In: KRIEGER, Maria da Graça; ARAÚJO, Luzia (Org.). **A terminologia em foco**. Caderno de Tradução. Nº 14. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2004.
- _____. La terminologia, una disciplina em evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Revista Debate**

Terminológico. Riterm: n. 1-3, 2005a. Disponível em: <http://www.riterm.net/revista/n_1/cabre.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

_____. **La terminologia: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos.** Documenta Universitaria. Barcelona: IULA-Universitat Pompeu Fabra, 2005b.

_____. Terminologie et linguistique: la théorie des portes. **Revue Terminologie et diversité culturelle.** Montréal: Rifal. Terminologies Nouvelles, n. 21, p 10-11. Juin, 2000.

_____. **Terminology: theory, methods and applications. Terminology and lexicography research and Practice.** Editado por Juan C. Sager; traduzido por Janet Ann De Cesaris. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1998.

CARVALHO, N. M. . Terminologia do Turismo no Português do Brasil: Pesquisa dos Usos Terminológicos do Turismo na Cidade do Recife. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). **As ciências do léxico 2: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.** São Paulo: UFMS, 2007.

CARVALHO, Lucivânia Pereira de. **Glossário semi-sistemático da terminologia do pescado em Santarém.** 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Santarém, 2006.

CONDAMINES, Anne. Variations in terminology. **Terminology** 16:1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., p. 30-50, 2010.

CONDAMINES, Anne. Terminologie et représentation des connaissances. **La Banque des Mots**, 6, n. spécial, pp.29-44, 1994.

CONOR, Giselle Olívia Mantovani Dal. Texto técnico e texto de divulgação técnica: a influência do público-alvo na seleção de referenciação de termos. In: BARROS, Lídia; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **O léxico em foco: múltiplos olhares.** São Paula: Cultura Acadêmica, 2010.

- COSTA, Eliane Oliveira da. **Glossário da cerâmica artesanal do distrito de Icoaraci (Belém-PA)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- COSTA, Céliane Souza. **Glossario socioterminológico da cultura do cacau em Medicilândia-PA.** 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- DAPENA, José-Álvaro Porto. **Manual de técnica lexicográfica**. Madri: ARCO/LIBROS S.A., 2002.
- DEVELAY, Michel. **De l'apprentissage à l'enseignement**. Paris: ESF. 1992.
- DIKI-KIDIRI, Marcel. Avant-propos: Terminologie et diversité culturelle. **RIFAL. Réseau international francophone d'aménagement linguistique**. Terminologie Nouvelles. Québec/Canadá: Agence de la francophonie et la Communauté Française de Belgique, n. 21, p. 5-6, juin. 2000a.
- DIKI-KIDIRI, Marcel. Une approche culturelle de la terminologie. **RIFAL. Réseau international francophone d'aménagement linguistique**. Terminologie Nouvelles. Québec/Canadá: Agence de la francophonie et la Communauté Française de Belgique, n. 21, p. 27-30, juin. 2000b.
- FAULSTICH. Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**. São Paulo: USP, n. 7, p. 11-40, 2001.
- _____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação**. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.
- _____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, vol. 24, n 3, 1995b.
- _____. **Socioterminologia, termo e variação**. Universidade Federal de Brasília – UNB: Brasília – DF, 2010.
- _____. Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha. **Actes réflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langue**

latines. Nice: Realiter / Université de Nice Sophia-Antipolis, 1996, p. 15-20.

_____. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura.** vol.58, n.2, p. 27-31, São Paulo, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 18 de out, 2011.

FINATTO, Maria José Bocorny. A definição terminológica no dicionário TERMISUL: expressão linguística de relações conceituais complexas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As Ciências do Léxico:** Lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

GAMBIER, Y. **Travail et vocabulaires specializes: prolegomènes à une socioterminologie.** [S.L.] : Meta 36/1, 1991.

GAUDIN, François. **Por une socioterminologie: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelle..** Rouen: Publications de L'Université d Rouen, n. 182. 1993.

GAUDIN, François. **Socioterminologie. Une approche sociolinguistique de la terminologie.** Bruxelles: Ed. Dululot, coll: Champs linguistique, 2003.

GELPÍ, Cristina; CASTILHO, Núria. As definições de conceitos especializados em dicionários monolíngues. In: KRIEGER, Maria da Graça; ARAÚJO, Luzia (Org.). **A terminologia em foco.** Caderno de Tradução, n. 14. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2004.

GOUADEC, Daniel. **Terminology: constitution des donnés.** Paris: AFNOR, 1990.

HOFFMANN, Lothar. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. In: KRIEGER, Maria da Graça; ARAÚJO, Luzia (Org.). **A terminologia em foco.** Caderno de Tradução. n. 14. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2004.

ISO 704 – International Standard. **Terminology work – principles and methods.** Second edition – 2000 -11-15. ISO 704: 2000.

KERREMANS, Koen, et. al. Competency-based job descriptions and termontography. In: THELEN, Marcel; STEURS, Frieda.

Terminology in everyday life. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2010.

RIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LERAT, Pierre. **Las lenguas especializadas.** Barcelona-Espanha: Editorial Ariel, S.A., 1997.

L'HOMME, Marie-Claude; HEID, Ulrich; SAGER, Juan C. Terminology during the past decade (1994-2004). **Terminology**, v. 9, n. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., p. 151-161, 2003.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução.** Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARCIEL, Anna Maria Becker. **Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico.** 2001. 298f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem: Teorias do texto e do Discurso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MARCIEL, Anna Maria Becker. Quais são os rumos da terminologia no século XXI? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

MARCIEL, Anna Maria Becker. Linguagens especializadas e terminologia: o passado projetando o futuro. In: PERNA, Cristina Lopes; DELGADO, Heloísa Kock, FINATTO, Maria José. (Org.). **Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. **Glossário da indústria do alumínio: uma abordagem socioterminológica.** 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em

Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

MICHAELIS. **Dicionário Versão eletrônica em CD-ROM**. Suporte ao Dic Michaelis UOL Amigo Mouse Software Ltda. [S. l.], c2001.

OLIVEIRA, Rejane Ombelina Gracez Santos de. **Terminologia do corte bovino**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. **Manual de terminologia**. Tradução de Enilde Faulstich. Travaux Publics et Services Gouvernementaux. Canadá: Bureau de la Traduction, 2001.

PEARSON, Jennifer. Como ter acesso a elementos definitórios nos textos especializados. In: KRIEGER, Maria da Graça; ARAÚJO, Luzia (Org.). **A terminologia em foco**. Caderno de Tradução. n. 14. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2004.

PEARSON, Jennifer. **Terms in context**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1998.

PERNA, Cristina Lopes; DELGADO, Heloísa Kock, FINATTO, Maria José. (Org.). **Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

PONTES, Antônio Luciano. Aspectos lexicais em texto especializado. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

PONTES, Antônio Luciano. **Os termos da cultura do e da industrialização do caju**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1996.

QUARESMA, Maria de Jesus Nascimento. **Glossário socioterminológico da carpintaria naval**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2012

REY, Alain. A terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES,

Ieda Maria (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

_____. **Essays on terminology**. Editado e traduzido por Juan C. Sager. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1995.

_____. **La terminologie: noms et notions**. Paris: Press Universitaires de France, 1992.

RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. **Glossário socioterminológico da cultura da Farinha**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Gaëtan Morin éditeur: Montréal. 1984.

SAGER, Juan C. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1990.

SANTOS, Pauliane Marques dos. **Glossário socioterminológico do Sairé**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Santarém, 2006.

SLODZIAN, Monique. **Comment revisiter la doctrine terminologique aujourd'hui?**. La Banque des mots, 1995.

TEMMERMAN, Rita. **Towards new ways of terminology: the sociocognitive approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VASCONCELOS, Alessandra Martins Matos. **Socioterminologia: o léxico do caranguejo em Bragança**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

VELASCO, Ideval da Silva. **Terminologia da pesca em Souré-Marajó: uma perspectiva socioterminológica**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em

Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

WUSTER, E. Historical Readings in Terminology: The structure of the linguistic world of concepts and its representation in dictionaries. (traduzido por Juan C. Sager). **Terminology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., v. 10, n. 2, p. 270–297, 2003.

REFERÊNCIAS FRASEOLÓGICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário Escolar da língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Os africanos e as falas africanas no Brasil. In GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs.). **África-Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas: UNICAMP, 2009. p.15-25.

ALMELA et ali. **Fraseología contrastiva**: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 197-210.

BALIEIRO JR, Ari Pedro. Psicolinguística. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.p.171-201.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**, v. 1. Genebra/Paris, Geog e Cre/

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**, v. 1. Genebra/Paris, Geog e Cre/ Klincksieck, [1909]1951.

BELINCHÓN, Mercedes. Lenguaje no literal y aspectos pragmáticos de la comprensión. In VEGA, Manuel de e CUETOS, Fernando. (Orgs.). **Psicolinguística del español**. Madrid: Trotta, 1999. Cap.9, p. 307-373.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. In **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen v. 6 e 7 n° 10/11 p. 73-86 2004/2005.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. In **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen v. 6 e 7 n° 10/11 p. 73-86 2004/2005.

BEVILACQUA, Cleci Regina. **Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas**: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. Tese de doutorado. Barcelona: Instituto Universitario de Linguística Aplicada, Universidad Pompeu Fabra, 2004.

BLASCO MATEO, Esther. Similitudes entre perífrasis verbales de infinitivo con enlace y locuciones verbales de infinitivo. In ALMELA, R.; RAMÓN TRIVES, E; e e WOTJAK, G. **Fraseología contrastiva**: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 197-210.

BONVINI, Emilio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In PETTER, Margarida e FIORIN, José Luiz (Orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p.101-144.

BRASIL. Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. **Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídico. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm. Acesso em 27/10/2013.

CAMARA JUNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

- CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, [1950] 1969.
- CASCUDO, Luís da Camara. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. El concepto de unidad fraseológica. **Revista de Lexicografía**, Vol. IV, 1997-1998, p. 67-79.
- CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. El concepto de unidad fraseológica. **Revista de Lexicografía**, Vol. IV, 1997-1998, p. 67-79.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: ABL/Topbboks, 2001.
- ČERMÁK, František. La identificación de las expresiones idiomáticas. In LUQUE-DURAN, Juan de Dios e PAMIES-BERTRAN, Antonio; **Lexico y Fraseología** (Orgs.) Granada: Método Ediciones, 1998. p.133-148.
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.
- CORPAS-PASTOR, Gloria. Corrientes actuales de la investigación fraseológica en europa. In **Liburukia** 46, nº. 1, 2001, p. 21-49. Disponível em Internet: <http://91.121.164.100/dok/euskera/25886.pdf>
- COSERIU, Eugenio. **Linguística del texto: introducción a la hermenêutica del sentido**. Madrid: Arco, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgin**. Brasília: UnB, 1996
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática de base**. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.
- DELBECQUE, Nicole. **A linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- DELBECQUE, Nicole. **Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

- DETRY, Florence. **Estrategias memorísticas y aprendizaje de las expresiones idiomáticas en lengua extranjera: el papel cognitivo de la iconicidad fraseológica.** Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Filología y Filosofía, Universidad de Girona, Girona, 2010.
- DIAGNE, P. História e Linguística. In KI-ZERBO, J. (Org.). **História Geral da África: metodologia e pré-história da África**, volume 1.247 São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO, 2011. p.247-365.
- DOVRTĚLOVÁ, Svatava. **Locuciones verbales en el español.** Brno: Masarykova univerzita v Brně/Filozofická fakulta/Ústav románských jazyků a literatur, 2008.
- DUBOIS, Jean et ali. (Org.). **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 2004.
- DUBOIS, Jean et ali. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 2004.
- ELOINA SCHERER, Amanda. Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das ideias linguísticas no RS - Entrevista com Leonor Scliar Cabral. In **fragmentum**, nº 6. Laboratório Corpus: UFSM, 2004. p.1-34.
- ETTINGER, Stefan. Alcances e límites da fraseodidáctica. Dez preguntas clave sobre o estado actual da investigación. In **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, 10, 2008, p.95-127.
- ETTINGER, Stefan. Alcances e límites da fraseodidáctica. Dez preguntas clave sobre o estado actual da investigación. In **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, 10, 2008, p.95-127.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2009.
- FIGUEIREDO, C. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Lisboa:: Livraria Clássica ([1899]1913. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em 27/10/2013.
- FREGE, G. **Estudios sobre semântica.** Barcelona: Ariel, 1971.
- GARCÍA MOLINA, Daniel. **Fraseologia bilíngue: un enfoque lexicográfico-pedagógico.** Granada: Editorial Comares, 2006.

- GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. **Introducción a la fraseología española**: estudio de las locuciones. Rubí (Barcelona): Antropos, 2008.
- GIBBS, R. On the process of understanding idioms. In **Journal of Psycholinguistic Research**, 14(5), 1985, p.465-472.
- GONÇALVES, Maria Filomena. **As ideias ortográficas em Portugal**: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- GROSS, Gaston. **Les expressions figées en français**: noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: elaboração do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 [com a nova ortografia da língua portuguesa].
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: elaboração do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IÑESTA MENA, Eva María & PAMIES BERTRÁN, Antonio. **Fraseología y metáfora**: aspectos tipológicos y cognitivos. Granada: Granada Lingüística, 2002.
- LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC, 2002.
- LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 217-234.
- LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 217-234.
- LEMOS, Andréa Michiles. **As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a Língua Brasileira de Sinais- Libras em discursos de políticos**. 2012. 177f. Dissertação de

mestrado. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2012.

LIN, Phoebe M. S. e ADOLPHS, Svenja. Sound evidence: Phraseological units in spoken corpora. In BARFIELD, A. E GYLLSTAD, H. (Orgs.). **Researching collocations in another language: Multiple interpretations**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 34-48.

LUQUE NADAL, Lucía “Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales?” In **Language Design**, 11, 2009, p. 93-120.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e linguística. In MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloisa Pedrsoso de Moraes e FARIAS, Emília Maria Peixoto. (orgs). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Aegre: EDIPUCRS, 2008. P.9-37.

MARTÍNEZ MONTORO, Jorge. La fraseología en J. Casares. In PASTOR CESTEROS, Susana e SALAZAR GARCÍA, Ventura. (Orgs). **Estudios de Linguística**. Madrid: Universidad de Alicante, 2002.

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 2013. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL), Universidade Federal do Ceará, 2013.

MELLADO BLANCO, Carmen. **Fraseologismos somáticos del alemán**. Un estudio léxico-semántico. Frankfurt am Main, Peter Lang, 2004.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre Fraseologia e cultura. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011. p. 249-275.

MONTORO DEL ARCO, Esteban. **Teoría fraseológica de las locuciones particulares: Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras en español**. Frankfurt: Peter Lang, 2006.

- MORAIS-BARBOSA, Jorge (org.). **Estudos Linguísticos Crioulos**. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.
- NACISCIONE, Anita. Phraseological units in literary discourse: Implications for teaching and learning. In **CAUCE - Revista de Filología y su Didáctica**, nº 24, 2001, p. 53-67.
- NASCENTES, Antenor. **Tesouro da fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.
- NEGRO ALOUSQUE, Isabel. La traducción de las expresiones idiomáticas marcadas culturalmente. In **Revista de Linguística y Lenguas Aplicadas**, vol. 5, 2010, p. 133-140.
- NEVEU, Franck. **Dicionário de ciências da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- NEVEU, Franck. **Dicionário de ciências da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- PAMIES BERTRÁN, Antonio. De la idiomaticidad y sus paradojas. In CONDE TARRÍO, Germán (Org.): **Nouveaux apports à l'étude des expressions figées**. Cortil-Wodon: EME & InterCommunications S.P.R.L., 2007. p.173-204.
- PENADÉS MARTINEZ, Immaculada. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madrid: Arco Libros, 1999.
- PENADÉS MARTINEZ, Immaculada. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madrid: Arco Libros, 1999
- PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática expositiva: curso superior. 102ª ed. São Paulo: CEN, 1957.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. São Paulo: CEN, [1907] 1957.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. O continuum afro-brasileiro do português. GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e ROSA RIBEIRO, Fernando (Orgs.). **África-Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas, SP: unicamp, 2009. P.159-173.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. O continuum afro-brasileiro do português. In GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs.). **África-Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas: UNICAMP, 2009. p. 159-173.

- PORTO DAPENA, José-Alvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/libros, 2002.
- PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco, 2002.
- RIBEIRO, Joao. **Frases feitas**. Rio de Janeiro: ABL,2009.
- ROSSI-LANDI, Ferruccio. **Ideologías de la relatividad lingüística**. Buenos Aires: Nueva Visión, [1972] 1974.
- RUIZ GURILLO, Leonor Ruiz. **Las locuciones en español actual**. Madrid: Arco/Libros, 2001.
- RUIZ GURILLO, Leonor. Interrelaciones entre gramaticalización y fraseología en español. In **Revista De Filología Española(RFE)**,XC, 1.o, 2010, p.173-194.
- RUIZ GURILLO, L. **Aspectos de fraseología teórica española**. Valencia: Cuadernos de Filología, 1997.
- SACCONI, Luiz Antonio. Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.
- SALIBA, Márcia de Carvalho. **Unidades lexicais maiores que a palavra**: descrição lingüística, considerações psicolinguísticas e implicações pedagógicas. 2000. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In MIRANDA, Neusa Salim e SALOMÃO, Maria Margarida Martins. (Orgs.). **Construções do português do Brasil**: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2009. P.33-74.
- SANTAMARÍA PÉREZ, María Isabel. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. 2000. 338f. Tese (Doutorado em Letras) - Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à Psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.

- SEARLE, John R. **Expressão e sentido**: estudos da teoria dos atos da fala. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SEVILLA MUÑOZ, Julia e ARROYO ORTEGA, Alvaro. **La noción de "expresión idiomática" en francés y en español**. In Thélème: Revista Complutense de estudios franceses, nº 4, 1993, p. 247-26.
- SILVA, M^a Eugênia Olímpio de Oliveira. **Fraseografía Teórica y Práctica**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.
- SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da Fraseologia. O caso das locuções. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes, 2011. P.161-182.
- SOLANO RODRÍGUEZ, María Ángeles. Las unidades fraseológicas del francés y del español: tipología y clasificación. In **Paremia**, 21: 2012, p. 117-128.
- STREHLER, René G. "Fraseologismos e cultura". **Trab. Linguist. Apl.** [online]. 2009, vol.48, n.1, pp. 9-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v48n1/02.pdf>. Acesso em 08/09/2010.
- SWINNEY, D. e CUTLER, A. "The access and processing of idiomatic expressions". In **Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour**", 1979, nº18, p. 645-659.
- TIMOFEEVA, Larissa. **Acerca de los aspectos traductológicos de la fraseología española**. 2008. 594f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de la Literatura Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2008.
- TRASK, R. L. Dicionário de linguagem e linguística. São Paulo: Contexto, 2006.
- VELASCO MENÉNDEZ, Josefina. La aportación de V.V. Vinogradov al desarrollo de la fraseología rusa. In **Eslavística Complutense**, 2010, 10, p.125-134
- VILELA, Mário. **Metáfora do nosso tempo**. Coimbra: Almedina, 2002
- VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Academia Brasileira de Letras. 5^a ed. São Paulo: Global, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Gramática filosófica**. São Paulo: Loyola, 2003.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. In **Alfa**, São Paulo, 42(n.esp.): 1998, p.147-159,

ZAU, Filipe. Do tráfico negreiro ao Lusotropicalismo e à Lusofonia. In FUNES, Eurípedes et ali. (Orgs.). **África, Brasil, Portugal: História e Ensino de História**. Fortaleza: UFC/Expressão Gráfica, 2010. P. 35-57.

ZAVAGLIA, Claudia. Ambiguidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. **DELTA** [online]. 2003, vol.19, n.2, p. 237-266.

ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. In **Thesaurus**, BICC (Boletín del Instituto Caro Y Cuervo) XXX núm. 1, 1975. p 225-248.

SOBRE OS AUTORES



ARLON FRANCISCO CARVALHO MARTINS

Graduado em Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2003), graduação em Letras, Licenciatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará (2004), Mestrado em Linguística (subárea Terminologia) pelo Curso de Mestrado em Letras - Universidade Federal do Pará (2007), sob orientação do Prof. Dr. Abdelhak Razky (UNB) e Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2014) com a tese **Terminologia do Ciclo de Produção do Alumínio: Bauxita, Alumina e Alumínio**, sob Orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB) e **Coorientação do Prof. Dr. Abdelhak Razky (UNB)**, pelo programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Dialetoologia e Terminologia, atuando principalmente nos seguintes temas: variação linguística, dialetoologia, fonética e fonologia, léxico e variação.

Atuou como professor da rede de educação pública estadual - SEDUC-PA em Belém do Pará por 9 anos, ministrando aulas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa. Atualmente é Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, Campus Óbidos desde 2016, ministrando disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Metodologia do Trabalho Científico.

Tem experiência como pesquisador inquiridor na área do sociolinguística e dialetologia. Foi pesquisador do ALIPA (Atlas Linguístico do Pará), projeto de nível regional, sediando na Universidade Federal do Pará (UFPA) e do ALIB (Atlas Linguístico do Brasil), projeto de nível nacional, sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: arlon.martins@ifpa.edu.br

Para saber mais sobre Terminologia

MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. **Terminologia do ciclo de produção do alumínio: bauxita, alumina e alumínio**. 2014. 388f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10720>



**VICENTE DE PAULA
DA SILVA MARTINS**

Graduado em Letras (línguas portuguesa e espanhola) e Pós-Graduado em Literatura Brasileira (Periodização Literária) pela Universidade Estadual do Ceará (1987; e 1989), Mestrado em Educação (Legislação Educacional) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará e Doutorado em Linguística (2013) com a tese **Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro** sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma

Monteiro- Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará.

Durante 10 anos atuou na área de ensino de língua portuguesa e de língua espanhola na educação básica, em Fortaleza. Desde 1994, em Sobral, atua como docente de Linguística do Centro de Filosofia, Educação e Letras (CENFLE) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, onde ensina no Curso de Letras ministrando disciplinas como Fonética e Fonologia do Português, Aquisição da Linguagem e Estilística do Português.

Além de dedicar-se a pesquisas linguísticas (Psicolinguística, Fraseologia, Etimologia e Descrição do Português), tem experiência nas áreas de Formação de Professores, em nível de pós-graduação, atuando como docente nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Psicopedagogia, respectivamente. Na pós-graduação stricto sensu, tem participado, como examinador externo, dos Programas de Pós-Graduação em Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, na UVA, desde 2015-2017, o subprojeto de Letras (Língua Portuguesa) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e coordena, desde 2018, o Programa de Residência Pedagógica.

Possui Estágio Pós-Doutoral em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof^a Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa **Sapienciário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro (2016-2017)**. No momento, cursa seu segundo estágio de pós-doutorado pela UFC (2019-2020), na área de Linguística, com pesquisa sobre **Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção no Brasil**, sob a supervisão da Prof^a Dra Roseimeire Selma Monteiro-Plantan. E-mail: vicente.martins@uol.com.br

Para saber mais sobre Fraseologia

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 2013. 412f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8233>



"A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados. O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito, é ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência.»

(Émile Benveniste, em *Problemas de Linguística Geral*)



ISBN. 978-85-7993-825-2



9 788579 938252